

ROMANCE ESPÍRITA



Psicografia de
Sonia Tozzi

Pelo espírito
Irmão Ivo

*O Amor Enxuga
as Lágrimas*

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

O AMOR ENXUGA AS LÁGRIMAS

Autora: Sonia Tozzi

Espírito: Irmão Ivo

Ano: 2004

Número de páginas: 258

Para um filho ausente

Como vai você, que partiu sem me dizer adeus.

Quisera neste instante saber da sua vida

Na Espiritualidade;

Seu trabalho... Suas conquistas... Sua paz!

Ah! Se eu pudesse lhe dizer agora

Que fui o alvo perfeito da dor;

Meu peito atingido só pôde encontrar alívio

Nas palavras mansas do Cristo,

E na certeza da continuação da vida.

Como vai você, parte de mim?

Que distância é essa que maltrata e parece não ter fim!

Que dor é essa que cresce a cada instante

Sem dar trégua ao meu coração sofrido,

E fere minhas entranhas!

O que faço com esse vazio que teima em me envolver!

Como vai você, filho da minha alma?

Eu... Você... Quer saber de mim?

Ah! Eu sou alguém ferido que mal suporta a fúria desses

Vendaval,

Mas se segura no amor de Deus,

Para continuar existindo.

Eu sou alguém que se apaga... Para que você brilhe;

Que se curva ante a vontade suprema de Deus

E espera com fé e confiança

A chegada do reencontro

Que se dará... Em algum lugar do futuro!

Homenagem da médium Sônia Tozzi

para seu filho Ricardo Luiz,

desencarnado no

dia 11 de outubro de 1989.

Dedicatória:

Este livro é dedicado especialmente àquelas pessoas que sofreram separações dolorosas e que encontraram ou encontram dificuldades em aceitar a vontade de Deus; e também aos irmãos que, obedecendo às leis divinas, não sofreram ainda separações marcantes e, em conseqüência disso, não podem avaliar o tamanho dessa dor.

Com certeza aqui encontrarão ensinamentos que os ajudarão a compreender o sofrimento alheio e a aceitar a própria dificuldade.

Dentro dessa conscientização, entenderão que nossa vida se desvia da rota traçada por nós, sem que possamos impedir isso, cumprindo a lei de causa e efeito.

Aceitar essas mudanças é o grande aprendizado da vida, e essa aceitação está relacionada à aceitação do amor universal.

Que Jesus abençoe a humanidade.

Irmão Ivo

SUMÁRIO

Prefácio

Separação dolorosa

Muita saudade

A caminho do esclarecimento

Vencendo a melancolia

Laís e Isabela

Problemas com André

No mundo das drogas

Segredo descoberto

Arrependimento

Em busca do perdão

Conversa franca

A passagem de Isabela

Ainda as drogas

Orientação espiritual

Medo e decepção

De volta ao lar

Conselhos de amigo

Marcos se complica...

Dia de festa

No limite da dor

Ausência de Deus

Noite de Natal

Novos tempos

Uma nova vida

Reencontro

Rubens e Júlia

A vida prossegue...

Palavras da médium

Prefácio

Sinto-me profundamente lisonjeado por ter a possibilidade de prefaciá-lo este livro. Trata-se de uma deferência muito importante dada por Sônia Tozzi, minha sogra. Essa escolha deve-se mais ao vínculo familiar que à qualidade pessoal, pois todos somos aprendizes no que diz respeito aos ensinamentos da Doutrina Espírita.

Quero, primeiramente, falar sobre as qualidades pessoais da autora. Ela passou a se dedicar mais intensamente às letras mediúnicas após ter sofrido a grande perda de sua vida, seu filho amado — Ricardo Luiz —, na época com apenas vinte e seis anos de idade. Essa perda transformou totalmente sua vida como acontece com a personagem Marília. Até então, Sônia colaborava na qualidade de voluntária em entidades que atendiam às gestantes desamparadas. A partir do desencarne de seu filho amado, ela fundou sua própria entidade — Lar de Amparo à Gestante Ricardo Luiz — com sede em sua residência, proporcionando amparo a centenas de gestantes com cursos, enxovais e cestas básicas. Entregou-se completamente a esse trabalho de fraternidade e solidariedade com a colaboração de vários amigos. Tal trabalho vem sendo acompanhado pelas sessões espirituais realizadas semanalmente, também em sua residência, com o ensino da Doutrina Espírita segundo Allan Kardec. Suas obras sempre falam de amor. Ela procura efetivamente aplicar seus ensinamentos na vida prática. Trata-se de pessoa abnegada, que está sempre pronta para amparar seus familiares, proporcionando-lhes todos os recursos necessários.

Este livro — O Amor Enxuga as Lágrimas — alcançará, com certeza, um grande sucesso. Tal romance narra a história de uma mãe que também perdeu seu filho. Ela se vê diante de um sofrimento invencível e profundo. Irmão Ivo nos ensina como superar esse sofrimento. Não se trata de uma dor física, mas dor da própria alma. Como superar a dor da alma? Como transformar a tristeza em alegria? Somente o amor ao próximo poderá enxugar as lágrimas de nosso coração por meio do exercício da fraternidade e da solidariedade. E o trabalho incessante e contínuo que nos proporcionará a paz e o equilíbrio para continuar na caminhada da vida. Irmão Ivo nos ensina ainda que haja várias formas de amor, mas que uma não anula a outra, se verdadeira. É o encontro com Deus que nos fará compreender esse amor sublime. A perda permite-nos crescer aos olhos de Deus. "Tudo o que existe vem de Deus: nós viemos de Deus e é para Ele que retornaremos; o Pai nos une e nos separa por um curto espaço de tempo comparado à eternidade." Assim, quem não vem pelo amor, vem pela dor. Só que a dor é o caminho mais longo para se chegar a Deus. Mas é Ele que nos proporcionará a tão necessária evolução. Além disso, não basta sonhar com um mundo melhor; é preciso participar de todos os movimentos coletivos. É necessária a prática do amor fraternal (universal). É necessário o desapego aos bens materiais e a transformação deles em amor verdadeiro.

Precisamos, não há dúvida, realizar obras. Não estamos aqui para nos servir dos prazeres do mundo, mas devemos ficar em constante sintonia com o plano espiritual para melhor desenvolver nossos trabalhos que nos propusemos a realizar quando para cá viemos. É preferível errar pela ação que pela omissão. A médium, como

se vê, conseguiu aliar a fé à suas obras, observando que esse binômio indissociável deve pautar a obra de Deus.

Apreendi muito com a leitura contemplativa e refletida deste maravilhoso romance. Ensinou-me o valor da vida. Esta vida relaciona-se com as demais vidas que, por sua vez, transforma-se em uma intensa luz que nos iluminará para toda a eternidade.

Luís Paulo Sirvinskas

SEPARAÇÃO DOLOROSA

Quando a morte vem ceifar nas vossas famílias levando sem moderação as pessoas jovens ao invés das velhas, dizeis freqüentemente: Deus não é justo, uma vez que sacrifica esse que é forte e pleno de futuro, para conservar aqueles que viveram longos anos plenos de decepções; uma vez que leva aqueles que são úteis e deixa aqueles que não servem mais para nada; uma vez que parte o coração de uma mãe privando-a da inocente criatura que fazia toda a sua alegria. Crede-me, a morte é preferível para a encarnação de vinte anos, a esses desregramentos vergonhosos que desolam famílias honradas, partem o coração de uma mãe e fazem, antes do tempo, branquear os cabelos dos pais. A morte prematura, freqüentemente, é um grande benefício que Deus concede àquele que se vai, e que se encontra, assim, preservado das misérias da vida, ou das seduções que teriam podido arrastá-lo à sua perdição. Aquele que morre na flor da idade não é vítima da fatalidade, mas Deus julga que lhe é útil não permanecer por mais tempo na Terra.

(Evangelho Segundo o Espiritismo — Capítulo V, item 21)

Madrugada fria de inverno.

A névoa envolvia toda a cidade emprestando-lhe um ar melancólico. Apenas poucos transeuntes se arriscavam a caminhar

por aquelas ruas desertas, madrugada adentro agasalhados por grossos casacos de lã.

As luzes dos postes pouco ou nada clareavam sufocadas pelo forte nevoeiro. Era a paisagem típica do inverno rigoroso da cidade que todos os anos era o responsável pela morte de muitas pessoas que viviam ao relento.

Paulo estacionou o carro em frente ao hospital, e do veículo saíram apressadas duas senhoras. Marília, a mais nova, esposa de Paulo e mãe de três filhos — o mais velho internado com pneumonia dupla e o motivo pelo qual entravam no hospital àquela hora da madrugada —, e Inês, mãe de Marília.

Sem demora estavam em frente à recepção solicitando informações. Paulo, adiantando-se à mulher e à sogra, e mal disfarçando a enorme ansiedade que lhe maltratava o peito, perguntou à recepcionista:

— Por favor, fomos chamados pelo Dr. Rubens, em virtude do agravamento da saúde de nosso filho internado no CTI; poderia dar-nos maiores informações sobre o estado dele?

— Qual o nome do paciente? — perguntou a recepcionista sem nenhuma emoção, apresentando imunidade ao sofrimento que presenciava todos os dias.

— Fábio! — exclamou Paulo com voz trêmula.

— Fábio de quê, senhor?

— Fábio Dias...

— Um instante — respondeu a moça que os atendia.

Levantando-se foi ao telefone pelo qual se informou sobre o estado do garoto. Assim que obteve a informação desejada, tornou a dirigir-se a Paulo.

— Por favor, queiram se encaminhar até o CTI onde o médico os aguarda.

— Obrigado! É no quinto andar, não?

— Sim. Sigam pelo corredor à direita até o elevador; assim que saírem do elevador verão Dr. Rubens no saguão.

Subiram sem conseguir esconder uns dos outros a dor e o medo que os assaltavam. Assim que chegaram, o médico foi ao encontro deles. Não puderam deixar de perceber o ar consternado do médico que, sabendo o profundo desgosto que iria provocar naqueles corações aflitos, tentava ser o mais prudente e cuidadoso possível.

— Boa noite, doutor!

— Boa noite, Paulo.

— Então, doutor, o que está acontecendo com o nosso menino?

— Ele... Ele... Morreu? — perguntou Marília abatida.

— Não — respondeu o médico — ainda não, mas o estado dele se agravou muito e devemos esperar pelo pior.

— Por favor, doutor, não fale assim - sussurrou Marília, que mal conseguia disfarçar as lágrimas.

— Dona Marília, sinto muito causar-lhe tanto sofrimento, mas não posso omitir a gravidade do estado de saúde de seu filho. Estamos fazendo todo o possível para salvá-lo.

— Então faça o impossível! — gritou Marília sem se controlar.

— Senhora, não podemos lutar contra a vontade de Deus. A medicina está muito adiantada, mas, mesmo assim, às vezes, somos impotentes para solucionar determinados casos e situações. Acreditávamos que Fábio iria se salvar, que conseguiríamos reverter o quadro, mas, infelizmente, seu organismo não responde mais às medicações e tememos o pior.

— Por que, doutor, por quê? — falou Inês.

— Porque os médicos podem muito, senhora, mas não podem tudo. A medicina não é uma ciência exata, ela trabalha com seres humanos, e cada criatura, cada paciente, é um ser exclusivo e responde ao tratamento de acordo com essa exclusividade. A senhora me entende?

— Tento, mas não consigo; não quando meu coração não quer aceitar a razão.

Marília, adiantando-se, perguntou ao médico:

— Podemos vê-lo, doutor, só por uns instantes?

Dr. Rubens, tocado em sua sensibilidade, respondeu quase paternalmente:

— Sim. Podem vê-lo, mas, por favor, um de cada vez. Será necessário que vistam as roupas adequadas. Venham!

Acompanharam doutor Rubens. Marília foi a primeira a entrar. Aproximou-se do leito de seu filho querido e chorou copiosamente. Fábio estava em coma; os aparelhos ligados mantinham-no ainda no mundo dos encarnados. Ela sentiu que era só uma questão de poucas horas e seu filho querido partiria sem que nada se pudesse fazer. Olhando aquele rosto amado, as lembranças começaram a saltar ante seus olhos marejados de lágrimas. Marília transportou-se para anos atrás, quando Fábio, chorando muito, entrava para o mundo dos encarnados.

— Veja Paulo, como é lindo; perfeito e lindo!

— É verdade, querida, hum... Vamos ver: vai ser engenheiro como o pai!

— Não senhor, nada disso: vai ser médico! Sempre achei linda a medicina. O homem fica tão lindo de branco!

— Mas o que é isso? — dizia Dona Inês — A criança mal acabou de nascer e vocês estão decidindo o que vai ser na vida! Que tal deixar que ela mesma resolva essa questão no momento certo, heim, papai e mamãe corujas e apressados?

Todos riram felizes!

Marília olhava aquele corpo quase sem vida e parecia não acreditar no que estava acontecendo. Revia Fábio alegre e expansivo; outras vezes sério, triste, ou então contando suas histórias e seus ideais, sonhando com suas vitórias, e não conseguia entender nem aceitar a realidade que estava vivendo:

— Meu Deus, ele é uma criança, quinze anos apenas. Não conseguiu viver nenhum dos seus sonhos, realizar seus ideais de vida; enfim, não viveu nada ainda e o Senhor o chama! Por que, meu Deus, por quê?

— Dona Marília, a senhora está aí há muito tempo, é melhor sair para que seu marido possa entrar — dizia a enfermeira.

Marília parecia nada ouvir. Apenas conseguia ver seu filho crescendo, correndo alegre pela casa, gesticulando; enfim, negava-se a encarar a realidade dos fatos.

— Dr. Rubens, é melhor o senhor falar com ela, parece não ouvir nada do que digo.

— Vou vê-la — respondeu o médico.

Aproximou-se de Marília e colocou lentamente o braço em seu ombro. Ao perceber a presença do médico, Marília o interrogou:

— Dr. Rubens, pelo amor de Deus, diga-me por que não deu certo o tratamento, tantas pessoas se curam de pneumonia, por que justamente meu filho não se curou, o que faltou a ele?

Medindo bem as palavras e respeitando o momento de intensa dor daquela mãe, Dr. Rubens respondeu:

— Dona Marília, nada faltou a seu filho. Tudo o que podíamos fazer, fizemos, mas a doença se complicou agravando seu estado e perdemos o controle sobre ela, isso acontece. Os médicos não podem tudo, temos limitações apesar do avanço da medicina, e, além disso, acima da nossa vontade está a vontade de Deus e, acredite, será sempre como Ele quiser, não importa se queremos ou não.

— Mas não é justo, doutor!

— Deus é sempre justo. Dona Marília, e um dia saberemos o porquê do nosso sofrimento.

— Ele é apenas uma criança, um adolescente cheio de sonhos e expectativas de vida, e agora... O nada para ele.

— O que disse Dona Marília, o nada?!

— Sim, o nada!

— Não fale assim. Sabemos que existe algo mais forte que o corpo físico que, de verdade, é a essência, o ser em si. Temos de respeitar essa entidade, pois é a nossa alma que, por graça divina, não morre, é imortal. Esse ser, ao deixar o corpo físico, volta para seu lugar de origem, o lugar onde fez por merecer. Não é o nada que aguarda nosso querido Fábio, mas sim a vida em uma das muitas moradas na casa de Deus. O nada não existe, Dona Marília, a vida ocupa todos os lugares.

— Mas nada vemos!

— Porque são vidas microscópicas, e nossa visão é muito limitada. Nada é vazio ou inútil na natureza, pois a vida se expande por todos os lugares; nossa visão não a alcança porque temos a limitação da matéria. Mas, por favor, Dona Marília, vamos sair para que seu marido também possa vir vê-lo.

Como uma criança, Marília deixou-se conduzir até a sala de espera. Não suportando mais a dor imensa que sentia, abraçou sua

mãe e entregou-se às lágrimas que caíram em um choro convulsivo, Dona Inês tentava consolar a filha com palavras doces e confortadoras, mas para Marília nada do que ouvia parecia fazer sentido, tudo soava vago e inútil.

Paulo, seguindo o médico, foi até Fábio. Ao ver o filho naquela situação desesperadora, não se importou com a presença do médico e dos enfermeiros, cobriu o rosto com as mãos e chorou.

— Sinto muito, Sr. Paulo, mas ninguém pode ir contra a vontade de Deus. Se nosso Pai quer assim, temos de nos curvar à Sua vontade e aceitar.

Paulo, ouvindo uma voz de mulher, virou-se e pôde observar uma enfermeira de porte pequeno, olhos claros e rosto suave que transparecia a bondade que lhe ia à alma. Experimentando o sentimento de confiança, perguntou-lhe com a voz entrecortada pela emoção:

— Diga-me: o que eu poderia ter feito para merecer castigo tão cruel?

— Não sei Sr. Paulo, realmente não sei. Eu mesma me pergunto por que um garoto tão jovem passa por momentos tão angustiantes; acho que a resposta só Deus é quem sabe.

— É muito difícil aceitar a vontade de Deus nesses momentos, senhora...

— Mirtes! - Exclamou a jovem enfermeira, olhando penalizada para aquele pai torturado pelo sofrimento.

Dr. Rubens, interferindo, pediu a Paulo que se retirasse e fosse juntar-se à esposa na sala de espera. Concordando com a cabeça, Paulo foi ter com Marília. As horas passavam lentas para aqueles corações entristecidos que viviam a expectativa da separação.

A madrugada dera lugar ao amanhecer.

— Por que não vão para casa descansar um pouco, devem estar exaustos - disse Mirtes.

— Obrigada — respondeu Marília. — Preferimos ficar aqui mais perto do nosso filho.

— Pelo menos vão até a cantina do hospital tomar um café quentinho ou um chocolate, vai fazer-lhes bem.

— Mais tarde iremos — respondeu Inês.

— Se precisarem de alguma coisa, saber notícias, é só tocar a campainha que alguém virá atendê-los.

— Obrigada — responderam a uma única voz.

— Filha, vamos orar entregar nosso sofrimento nas mãos de Jesus. Somente Ele poderá nos confortar.

— Mãe, por favor, nem Ele poderá tirar a dor que tenho dentro do peito, ferindo meu coração.

— Não diga isso, filha, confie e ore para que a paz possa envolvê-la, não permitindo pensamentos negativos que aumentarão ainda mais seu sofrimento.

— Por favor, mãe, deixe-me quieta; só quero ficar quieta, só isso.

— Está bem, minha filha.

As horas foram passando, e nenhum dos três encontrava ânimo para se levantar do lugar onde estavam. Dr. Rubens, aproximando-se, chamou-os.

Levantaram-se ao mesmo tempo. Marília tremia toda, esperando ouvir a terrível notícia, o que de fato aconteceu.

— Sinto muito dar-lhes essa notícia. Fábio deixou-nos e foi encontrar-se com nosso Pai.

Sem que nada pudessem fazer, ouviram um grito, e Marília caiu desfalecida no chão. Com presteza, Dr. Rubens atendeu-a. Compreendia a dor alheia e respeitava a maneira com que cada um respondia às agressões da vida, principalmente um sofrimento como esse. Apesar de viver situações como essa desde que se formara médico, há vinte anos, ainda vivia momentos de emoção sempre que se fazia necessário comunicar fatos dessa natureza. Aprendera, em todos esses anos, que não se pode tratar apenas um corpo físico, mas, sim, também da alma, da essência divina que fazia parte daquele corpo; assim, com essa consciência, cuidava dos seus pacientes com muito respeito e atenção, para não cometer nenhum engano. Era estimado por todos que o conheciam, principalmente por aqueles que dividiam com ele a bendita tarefa de salvar vidas.

— Dona Marília, a senhora já se sente melhor?

— Sim, doutor, ou melhor, não, doutor, quer dizer... Não sei. Minha cabeça está rodando e tenho a impressão de que vivo um pesadelo.

— Vou dar-lhe um remédio que vai auxiliá-la. Ficarà bem.

— Meu filho, doutor! Não quero remédio, quero meu filho aqui comigo — gritava Marília completamente descontrolada.

Usando de toda sua experiência como médico, acostumado a situações como aquela, e compreensão, como espírita que era Rubens sentou-se ao lado de Marília, Paulo e Inês. Sem deixar que ninguém percebesse, por um segundo elevou o pensamento a Deus e solicitou, do Mais Alto, proteção. Confiando que o auxílio viria, iniciou:

— Não quero tirar de vocês o direito de chorar e sofrer pela separação de seu filho sei que é doloroso demais, mas também sei que, se entregarem o coração machucado por essa dor, que fere e consome a alma, a Jesus, com certeza sentirão força e coragem para suportar o peso da ausência física.

— Não quero ouvir nada! Não me diga nada e, principalmente, não me venha falar de Deus, de Jesus e sei lá o quê. O senhor fala assim porque nunca perdeu um filho e não sabe o que é sofrimento de verdade.

Os olhos do doutor brilharam por conta das lágrimas que quase rolaram por sua face, mas achando não ser o momento adequado preferiu nada dizer sobre ele próprio, a dor que trazia dentro do peito. Segurou as mãos de Marília e continuou.

— Por favor, Dona Marília, acalme-se e permita ser ajudada por aqueles que lhe querem bem. Nosso Pai Maior não quer o sofrimento de ninguém; se ofertar seu coração a Ele sentirá alívio para seu sofrimento e esperança para continuar vivendo.

— Dr. Rubens, se Deus se importasse com o meu sofrimento, não teria deixado morrer meu filho, um jovem de apenas quinze anos, na flor da idade. Que Deus é esse, diga-me, que Deus é esse que fere sem dó o coração de uma mãe?

— Querida — interveio Paulo — não blasfeme contra Deus. Você está sob forte emoção, é melhor se calar e esperar seu coração se acalmar. Como o doutor acabou de dizer, eu também acredito na bondade de Deus e na Sua justiça.

— Deixem-me vocês todos; se não sofre pelo Fábio, Paulo, eu sofro e minhas lágrimas demonstram o que sinto aqui dentro — dizendo isso, Marília bateu com força em seu peito.

— Querida, pelo amor de Deus, não duvide do meu amor pelo nosso filho nem do sofrimento que está queimando como brasa a minha alma, mas nem por isso vou me voltar contra aquele que nos criou, porque sei que somente Ele poderá me amparar nesse momento de tanta angústia.

Dona Inês, que até então tudo escutara calada, permitindo que lágrimas sentidas descessem pelo seu rosto, abraçou a filha e lhe disse com voz embargada pela emoção:

— Filha querida, confie em Deus. Precisamos confiar Nele para não morrermos de dor; acalme-se e vamos orar pelo nosso querido menino.

— Não consigo nem quero orar, mãe. Já disse que quero meu filho, quero meu filho, será que podem me entender! - exclamava Marília completamente descontrolada.

Rubens sentiu que não era hora de falar mais nada, pois nada que falasse Marília ouviria. Dirigindo-se a Paulo, disse-lhe constrangido:

— Podem ver seu filho, logo o levarão para o necrotério e o prepararão para o velório. Se precisarem de mim é só mandar me chamar.

Fazendo um sinal, chamou Mirtes para que os acompanhasse. Paulo, Marília e Inês aproximaram-se do corpo inerte de Fábio. A dor e o desespero eram tão grandes que nem conseguiram perceber a fisionomia serena do jovem. Marília, absolutamente desorientada, debruçou-se sobre ele e deu vazão a sua imensa dor.

— Fábio, filho querido, volte para sua mãe, não me deixe, eu imploro não me deixe sem você, ou então me leve com você...

Marília perdera completamente o controle de seu sofrimento e de sua emoção. Por mais que Paulo e Inês tentassem, era inútil, pois ela não os escutava. Mirtes delicadamente pegou-a pelo braço e pediu-lhe que a acompanhasse, o que, inexplicavelmente, Marília o fez seguida pelo marido e pela mãe. Seus olhos inchados e vermelhos traduziam sua dor.

Já na sala de espera, Mirtes perguntou-lhe se não queria ir até a capela do hospital para conversar um pouco com Deus e pedir-lhe que a confortasse naquele momento doloroso de sua vida.

— Já disse que não quero ir à capela alguma! - Marília respondeu aos gritos. — Como pedir conforto a Deus se foi ele mesmo que me jogou no fundo desse poço, tirando meu filho de mim sem a menor

piedade, dando-me tamanho sofrimento! Esse Deus é injusto, já disse, e não se importa com o sofrimento de uma mãe!

— Não fale assim, minha filha, não se volte contra nosso Criador. Deus é Pai misericordioso, devemos ter fé sempre, principalmente agora que sofremos tanto.

— Não, mãe, não tenho fé. Não posso ter fé ou gratidão; tentei ser caridosa, a minha vida inteira me esforcei para ser boa, orei com fé e gratidão; enfim, tentei viver como uma cristã de verdade, e de que adiantou se hoje sofro a dor pior que alguém pode sentir? Não quero mais saber desse Deus impiedoso!

Paulo, apesar de padecer a mesma dor da esposa, tentava suportar com coragem o difícil momento que vivia. Reunindo forças, disse-lhe.

— Querida, o fato de sermos bons e caridosos não nos isenta de passarmos pelas provas da vida, de experimentarmos o sofrimento para fortalecer a nossa fé e aprender a ser sensível ao sofrimento alheio. Você foi tudo isso que acaba de dizer, mas foi tudo superficial.

— Superficial?! Por que diz isso, Paulo?

— Porque agiu como cristã enquanto sua vida transcorria sem nenhuma anormalidade, nenhum sofrimento ou desgosto maior, e é muito fácil acreditar e confiar em Deus quando temos a felicidade. O cristão de verdade, aquele que crê realmente em nosso Pai que está no céu, jamais o culpa pelo sofrimento que passa e, sim, apóia-se na fé e no amor de Deus para suportar os grandes acontecimentos que marcam nossa vida e enchem nossa alma de cicatrizes. O amor e a fé são reais quando continuam existindo no instante em que Deus nos

experimenta e nos coloca à prova. Por favor, meu amor, mais uma vez eu lhe digo não se volte contra nosso Pai, mas, sim, para Ele, com o coração aberto e esperançoso, consciente de que somente o amor infinito de Deus poderá acalmar nosso coração nos momentos difíceis. Mas lembre-se de que isso só será possível se dermos essa chance para nós mesmos.

Paulo não percebia quanto estava amparado pelos espíritos benfeitores, verdadeiros tarefeiros de Cristo que trabalhavam anônimos e incansáveis nos hospitais, beneficiando com energia salutar os sofredores.

Marília ia responder, quando Mirtes veio informar-lhes que o corpo de Fábio estava pronto, apenas aguardando as providências legais para ser transportado ao velório. Foi então que Paulo se deu conta de que não tinha providenciado nada nem avisado a família. Deixando sua esposa e a sogra, saiu para tomar as medidas necessárias.

Dr. Rubens, em sua casa, tentava descansar um pouco para recuperar-se da longa noite que passara no hospital. Homem que conhecia e vivia a Doutrina Espírita, entregou-se silenciosamente ao Pai Maior e orou por aquela mãe cujo sofrimento a impedia de raciocinar com lucidez e permitia que o desespero envolvesse sua alma com a descrença. "Como é fácil", pensava, "orar e dizer ao Pai: 'seja feita a vossa vontade aqui na terra como no céu'; mas, quando a vontade divina vem se opor à nossa esquecemos facilmente tudo que dizemos, que acreditamos e nos entregamos à revolta e à descrença. É simples viver o Evangelho e seguir as leis divinas quando todas as coisas acontecem conforme nosso desejo, quando nada interfere na

felicidade que vivemos, mas ao primeiro sinal de que nossa vida pode mudar e percebemos que somos impotentes para interferir e impedir os acontecimentos negamos tudo que dizíamos acreditar. Que Jesus se apiede de nós, de todos nós", — orava Rubens, "e que nos auxilie na compreensão da justiça divina". Terminando suas reflexões, levantou-se, tomou um refrescante banho para afastar o cansaço e seguiu no cumprimento de seu dever de médico e de cristão.

Regozijai-vos ao invés de vos lamentar, quando apraz a Deus retirar um de seus filhos desse vale de misérias. Não há egoísmo em desejar que ele aí permanecesse para sofrer convosco? Ah! Essa dor se concebe naquele que não tem fé, e que vê na morte uma separação eterna, mas vós, espíritas, sabeis que a alma vive melhor desembaraçada de seu envoltório corporal; mães sabeis que vossos filhos bem amados estão perto de vós; sim, bem perto; seus corpos fluídicos vos cercam, seus pensamentos vos protegem, vossa lembrança os embriaga de alegria; mas também vossas dores desarrazoadas os afligem, porque elas denotam uma falta de fé e são uma revolta contra a vontade de Deus. Vós que compreendas a vida espiritual, escutai as pulsações de vosso coração chamando esses entes bem amados, e se pedirdes a Deus para os abençoar, sentireis em vós essas poderosas consolações que secam as lágrimas, essas aspirações maravilhosas que vos mostrarão o futuro prometido pelo soberano Senhor (Evangelho Segundo o Espiritismo — Capítulo V, § 21)

MUITA SAUDADE

Inês abriu a porta do quarto de Marília e o que viu deixou-a chocada e apreensiva. A filha, ainda com a roupa de dormir, permanecia sentada em sua cama, despenteada e olhando com um ar perdido a foto de Fábio. Tão absorta estava que não se deu conta da presença da mãe. Aproximando-se cautelosamente de Marília, Inês, apoiada pelo enorme carinho materno, disse-lhe baixinho, tendo o cuidado de não assustá-la:

— Filha, minha querida filha, não fique assim; volte para o seu mundo, para sua família. Paulo, André e Laís precisam de você, do seu carinho e da sua atenção.

Soluçando, Marília respondeu:

— Não posso! Não posso viver sem o Fábio. Ele se foi há quatro meses, são cento e vinte dias sem vê-lo, e isso está acabando comigo. Só tenho vontade de morrer, ir me encontrar com ele. Por que Deus fez isso comigo, mãe? Nada fiz para merecer castigo tão cruel.

— Marília, não fale em morte, fale em vida. Está se esquecendo de André e Laís, são seus filhos também. Querem o seu amor e têm direito a ele. Todos nós sabemos quanto é dolorosa a separação, mas temos de continuar vivendo. O fato de tentarmos retomar nossas tarefas, nossa rotina, não quer dizer que nos esquecemos do nosso Fábio. Ele está presente em nosso coração e estará sempre, porque faz parte da nossa vida, da nossa história, do nosso amor e nunca deixará de fazer. Se Deus não nos levou, é porque ainda não acabamos nossa

missão aqui na Terra; o que necessitamos fazer é nos curvamos ante a vontade de Deus e aceitá-la, mesmo com o coração sangrando de dor.

— Não penso assim, mãe. Não me conformo e não quero ouvir nada, quero apenas ficar com a minha dor e a minha saudade. Minha vida acabou não tem mais sentido, e gostaria que parassem de tentar me convencer que tudo é normal, que tudo será como antes, porque sei que não será. Nunca mais volto a sorrir, ou melhor, a viver.

— Marília, já se passaram quatro meses e você nem um dia pensou em André e Laís, em quanto os dois estão sofrendo e necessitam do seu carinho de mãe, do seu abraço. Eles estão tristes e inseguros. O Paulo, então, você não lhe dá a mínima atenção, não repara no esforço que ele faz para que a paz volte a este lar. Está destruindo seu casamento, sua família; não se arruma, não faz comida, enfim, parece mais morta que o Fábio.

Marília sobressaltou-se:

— O que disse?

— O que você ouviu Marília; você parece mais morta que o Fábio.

— Por que está me falando desse jeito, mãe?

— Paulo e eu temos conversado muito com o Dr. Rubens, e ele nos explicou muitas coisas que desconhecíamos. Tudo tão lógico, tão coerente, que nós estamos nos apoiando nesses conhecimentos para conseguirmos caminhar para o futuro.

— Quando a senhora diz que pareço mais morta que o Fábio está querendo me convencer de que o Fábio ainda vive em outro plano, como algumas pessoas acreditam?

— Exatamente, filha, é isso que estamos aprendendo com o Dr. Rubens, que nos explica tudo como um verdadeiro pai.

— Mãe, isso não é coisa de gente ignorante?

— Não, Marília, isso é coisa de gente que confia e acredita no poder absoluto de Deus e sabe que o Criador não iria destruir suas criaturas, porque, se assim fizesse, não faria sentido tê-las criado.

— Mãe, vamos admitir que isso seja verdade; o que adianta existir em outro plano se não posso vê-lo ou tocá-lo?

— Mas pode se confortar sabendo que seu filho amado continua existindo, que não se acabou como algo sem importância.

— Fale um pouco mais — pediu Marília.

— Minha filha, não me sinto apta para lhe esclarecer muita coisa, falar mais sobre o assunto, estou só começando, engatinhando nessa Doutrina; somente Dr. Rubens poderia lhe esclarecer melhor sobre suas dúvidas. Por que não se aproxima de nós para aprender também?

— Não sei mãe, essa religião me parece tão absurda tão doida.

— Engano seu, Marília, seus ensinamentos são baseados no Evangelho de Jesus; Paulo e eu percebemos tanta coerência que estamos dispostos a aprender cada vez mais.

— Mas o que ela ensina de tão importante?

— Vou lhe responder com o pouco que sei, mas esse pouco já penetrou em meu coração. Ela nos ensina que somos seres imperfeitos e que viemos ao mundo para aprender a amar, por isso devemos lutar contra nossas imperfeições por meio do amor ao semelhante, da prática da caridade, da solidariedade com nossos irmãos que passam por situações difíceis e conflitantes; enfim, devemos tentar nos harmonizar com as leis divinas.

— Mas o que tem isso com o fato de a senhora dizer que o Fábio existe em outro plano?

— Marília, vamos fazer o seguinte: não estou pronta para esclarecer nada porque o que aprendi é ainda muito pouco para que eu cometa a imprudência de tentar ensinar alguma coisa a você ou a qualquer outra pessoa. Amanhã é sábado, o dia em que o Dr. Rubens nos visita desde a partida do Fábio; por que você não participa desse encontro?

— Dr. Rubens vem aqui todos os sábados?

— Sim!

— Como nunca soube disso, mãe?

— Porque há quatro meses você não sai desse quarto, não presta atenção em nada do que acontece em seu lar; enfim, não se preocupa a não ser com você mesma e com essa dor que você teima em achar que é exclusiva sua. Se notasse um pouquinho mais seu marido, perceberia quanto ele está magro e abatido, mas, ao contrário de você, luta para dar ao André e à Laís o lar de que eles precisam e têm direito.

— Mãe, não fale assim comigo, eu deixei de viver!

— Marília, ouça-me: não se mede a dor com fita métrica. Ela não é maior só porque quem a sente se entrega à apatia, à melancolia e ao medo de enfrentar a realidade; isso é fraqueza, falta de fé. Nem sempre aquele que chora copiosamente é o que mais sofre; devemos respeitar a maneira de cada um de vivenciar sua dor, portanto respeite seu marido e seus filhos.

— A senhora nem parece minha mãe, não me compreende!

— Ao contrário, por ser sua mãe e amá-la tanto é que quero ajudá-la a voltar à vida, entregar-se de novo àqueles que a amam e sofrem com sua distância.

— Está bem, mãe, sábado, quando o Dr. Rubens estiver aqui, pode me chamar, quero participar desse encontro, vou ouvir o que eles dizem.

— Filha! Que alegria me dá!

— Mas agora, por favor, deixe-me com minhas lembranças e com minhas lágrimas.

— Outra vez trancada no quarto, vó?

— Venham cá — e Inês abraçou os netos — Não chorem, tudo vai dar certo. Jesus há de trazer sua mãe de volta para nós.

— Tomara vó, tomara que isso aconteça — disse André.

— Mamãe só pensa no Fábio, esquece que eu e a Laís estamos aqui ao seu lado e precisando muito dela. Também estamos sofrendo.

— Eu sei meus queridos, a vovó sabe!

— Tenho pena do papai — falou Laís com sua vozinha doce. —
Outro dia eu o vi chorando no escritório.

— Por que mamãe é tão diferente do papai?

— Porque não somos iguais, André. Não vamos julgar as atitudes de sua mãe, ela precisa de ajuda e nós vamos ajudá-la. Devemos respeitar as limitações e as fraquezas dos outros. Tudo dará certo. Vamos confiar em Deus.

— É, vó, mas vou lhe dizer uma coisa, não é porque não choro o dia inteiro que não sinto saudades do meu irmão — exclamou André.
— Ele me faz muita falta.

— Eu também, vó — repetiu Laís —, sinto muita saudade do Fábio.

— Eu sei meus netinhos, todos nós estamos sofrendo muito, mas temos de ter muita fé em Deus e confiar que esse sofrimento vai se acalmar um dia. Agora, digam-me, o que querem para o lanche?

— Eu quero cachorro-quente! — exclamou André.

— Eu também, com bastante molho e coca-cola, ta bom?

— Tá bom — repetiu Inês — imitando a vozinha de Laís. Abraçou-os com muito carinho e levou-os para a cozinha para servi-lhes. — Quem comer tudo, sem confusão, poderá tomar sorvete. Que tal?

— Oba! — exclamaram juntos André e Laís.

Passaram-se alguns instantes, e Paulo apareceu à porta:

— Por favor. Dona Inês, a senhora poderia vir até o meu escritório? - perguntou com voz cansada.

— Claro, Paulo, estou indo! Crianças sirvam-se à vontade, mas não desperdicem. Evitem fazer barulho, papai parece cansado. Vovó não demora.

— Entre, Dona Inês, e sente-se.

Aceitando a sugestão do genro, Inês muito à vontade entrou e se acomodou em uma cadeira em frente a ele.

— Diga-me: o que está preocupando você, Paulo?

— Dona Inês, não sei mais o que fazer. Marília não melhora, e, o que é pior, não faz nenhum esforço para isso. Não quer ajuda, ignora a mim e aos filhos, não se importa com a casa nem com a aparência pessoal; enfim, construiu um mundo só para ela e não nos permite participar. Estou preocupado e sem saber como agir.

— Concordo com você, Paulo. Hoje mesmo tive uma conversa com ela. Falei-lhe dos nossos encontros com o Dr. Rubens e pedi-lhe que participasse conosco, quem sabe assim ela não consegue ir aos poucos superando essa melancolia e voltando para nós.

— Fez muito bem em conversar com ela. Dona Inês. Ela aceitou?

— Para minha surpresa, sim. Disse para chamá-la assim que ele chegasse. Estou esperançosa; hoje ela me fez muitas perguntas, mas infelizmente eu não soube respondê-las adequadamente.

— Não importa. Dr. Rubens saberá aconselhá-la. Vamos deixar as respostas para ele que é experiente e conhecedor do assunto. Mas

que bom que a senhora tocou nessas reuniões com Marília e ela aceitou. Perdi meu filho e não quero perder também minha esposa.

— Tudo vai melhorar Paulo, vamos acreditar nisso.

— Acredito Dona Inês, e lhe agradeço por tudo que está fazendo por nós.

— Não me agradeça Paulo, vocês são minha família, sofro com vocês e sou feliz quando os vejo sorrir.

Paulo levantou-se e com carinho e profundo respeito depositou um beijo nas faces de sua sogra. Esta, emocionada, só conseguiu dizer:

— Obrigada, meu filho, pelo seu carinho.

Os dois, sentindo-se amparados um pelo outro, foram ter com as crianças.

A CAMINHO DO ESCLARECIMENTO

É comum nos sentirmos perdidos, sem coragem e, em muitos casos, desesperados, quando somos visitados por acontecimentos que ferem a nossa alma de maneira profunda. Deus atua em nosso benefício sempre, principalmente nos momentos de muita dor e sofrimento. Devemos lembrar que, se algum dia nosso coração estiver desalentado, sofrido e desesperado, é necessário prestar muita atenção

porque, de alguma forma, chegará até nós a graça divina. Para cada pensamento negativo que cultivamos em nossa mente Deus terá sempre uma resposta positiva. É importante tomar cuidado para perceber a bênção de Deus em nossa vida, porque Ele virá em nosso auxílio por diversas maneiras.

Com Marília não foi diferente. Deus estava presente nas palavras de conforto, esclarecimento e esperança ditas por Dr. Rubens a todas as pessoas que, por um motivo ou outro, o procuravam. O importante é que ela aprendesse a ouvir e abrisse o coração, em vontade e fé, para ser agraciada com a Bênção da paz.

Sábado chegou, Inês e Paulo esperavam sempre com ansiedade os momentos que passavam conversando com o médico e amigo, pois era nesses momentos que a paz voltava a seus corações machucados e a seu lar entristecido. Assim que Rubens chegou, foi recebido com alegria, e mais felizes ficaram quando Marília desceu e se juntou a eles para participar do encontro.

Assim que todos se acomodaram, Marília, precipitando, dirigiu-se de imediato ao médico:

— Quero lhe dizer que o fato de eu estar aqui para lhe ouvir não quer dizer que aceito tudo o que fala, vim mais para atender um pedido de minha mãe.

Rubens esboçou ligeiro sorriso. Confiava na providência divina e sabia que era um bom começo para Marília.

— De início gostaria de fazer uma consideração sobre esse Deus que vocês dizem ser justo.

— Querida, por favor, mais cautela. Nosso amigo acabou de chegar - disse Paulo à esposa.

— Não se preocupe Paulo, estou aqui para isso, esclarecê-la em suas dúvidas. Pode dizer. Dona Marília, estou ouvindo.

— Vou provar a vocês quanto Ele é injusto. Vejam: deu para todos nós a memória, mas tira da nossa vida o ser que amamos, sabendo que iríamos recordar e sofrer. Não seria melhor não termos memória, assim não sofreríamos tanto, pois não recordaríamos o passado?

Rubens, com toda prudência e compreensão, respondeu a Marília.

— Dona Marília, vou responder-lhe narrando um conto chinês, cujo autor me é desconhecido. Por favor, preste atenção. Um velho sábio chinês caminhava por um campo de neve quando viu uma mulher chorando. "Por que choras?", perguntou ele. "Porque me lembro do passado, da minha juventude, da beleza que via no espelho, dos homens que amei; eu ia recordar a primavera da minha vida e chorar." O sábio ficou contemplando o campo de neve, com o olhar fixo em determinado ponto. A certa altura, a mulher parou de chorar e perguntou: "O que estás vendo aí?" "Um campo de rosas", disse o sábio. "Deus foi generoso comigo porque me deu memória. Ele sabia que, no inverno, eu poderia sempre recordar a primavera e sorrir."

Rubens continuou:

— Dona Marília, se a senhora não tivesse memória, não poderia recordar-se de seu filho, dos momentos felizes que passaram durante

todos esses anos em que estiveram juntos; seu sorriso, sua voz, seus olhos que a olhavam com carinho.

Hoje, que o físico de seu filho não existe mais, não é gratificante e consolador poder lembrar-se dele? Deus não foi bom e generoso, permitindo que ele ainda permaneça em sua lembrança, trazendo-lhe de volta os momentos felizes? E mais sozinho aquele que não tem nada para recordar.

Calou-se e percebeu que os olhos de Marília encheram-se de lágrimas. Com um jeito quase de criança assustada, aquela mulher sofrida disse-lhe como um pedido de ajuda:

— Ainda não havia pensado dessa maneira. Talvez o senhor tenha razão. Cada vez que me lembro do Fábio, sinto um misto de tristeza e felicidade, e incomoda-me não conseguir entender o porquê da mistura desses dois sentimentos, principalmente a felicidade. É possível isso?

— É natural que isso aconteça, Dona Marília. A separação ocorreu há muito pouco tempo; a tristeza é fruto dessa separação dolorosa, e a felicidade é sua essência, trazendo para o consciente os momentos passados com ele, como a dizer-lhe: "essa é a felicidade que agora pode ter, agarre-se à lembrança que lhe pertence, que é sua, traga-a junto ao coração e encontrará a paz e o equilíbrio", mas tudo há seu tempo. Dona Marília, porque o tempo é o melhor consolo.

— Mas eu não quero me esquecer do Fábio!

— Não queira nem corra atrás do esquecimento, porque não conseguiria, mas, para que tudo possa acontecer com equilíbrio, para que a senhora e Fábio possam se harmonizar é preciso que a

lembrança ocupe o lugar nobre do coração; sentir a saudade que nasce do coração e do amor, e não do apego, da teimosia, do desespero; somente assim, somente por meio do amor permitimos ao ser amado que se foi buscar da própria evolução e encontrar a paz. Quem ama deixa livre o ser amado para que ele não sofra, e entende que não temos a posse de ninguém. O que une as pessoas realmente é a afinidade espiritual e o amor que se tem. O amor quando verdadeiro não se retrai diante da distância, continua existindo pela eternidade.

— Desculpe-me, Dr. Rubens, mas fico pensando se o senhor não fala assim porque nunca passou por um tormento como esse.

O rosto do médico se contraiu em uma expressão de angústia, mas, mantendo a calma e o controle que lhe eram peculiares, respondeu a Marília.

— Senhora, quem sabe um dia não lhe conto a minha história; talvez, quando souber, merecerei mais credibilidade em minhas palavras.

— Por que não hoje?

— Desculpe-me, hoje não, outro dia qualquer, quem sabe.

Inês, tentando aliviar a tensão que percebeu no rosto do amigo, perguntou.

— Dr. Rubens, o senhor não aceita uma bebida, café, suco?

— Se não for causar-lhe incômodo, aceito um café.

— Incômodo nenhum, é só um instante.

Assim que saiu para buscar o café, Inês olhou para o médico e pensou no quanto era uma alma nobre. Paulo, demonstrando a grande simpatia que sentia por esse homem generoso, e disse-lhe:

— Dr. Rubens...

— Por favor, Paulo, apenas Rubens.

— Obrigado. Rubens, não posso esconder a grande admiração que sinto por você e cada vez interessei-me mais por essa Doutrina que o fez um homem tão especial.

— Agradeço-lhe, Paulo, mas não sou tão especial assim. Gostaria que me vissem como um homem perfeitamente comum, assim como você, com defeitos e qualidades, e que tenta melhorar a si mesmo. Quanto à Doutrina, faz muito bem em se interessar por ela, porque, quando ela entra de verdade no coração do homem, leva-o a repensar seus valores e suas atitudes diante da vida e promover a reforma interior.

— Pronto, aqui está o cafezinho, sirvam-se!

— Hum! Que aroma gostoso!

— Obrigada, Paulo!

Marília permanecera calada até então. Ignorou o café de Inês e, assim que viu Rubens terminar e elogiar o café saboroso, perguntou-lhe sem fazer cerimônia.

— Dr. Rubens, posso fazer-lhe uma última pergunta?

— Claro, faça quantas quiser.

— É que, desde que Fábio se foi, escuto falarem dele como se ele existisse em outro lugar. Poderia explicar-me por que e como alguém pode existir se seu corpo foi enterrado aqui, e que lugar é esse de que falam?

— Tenho enorme satisfação em poder esclarecer suas dúvidas, mas é necessário que seja uma de cada vez para que tudo fique bem compreendido. Para que todos possam entender, é necessário explicar quem somos nós.

Todos sabemos e aceitamos que Deus criou o homem à Sua imagem e semelhança. Ninguém nunca viu o Criador e, no entanto, cremos que Ele seja um Espírito puro, único, perfeito, onipotente, onipresente, soberano, infinitamente bom e justo. Como espírito, não possui um corpo de matéria como nós encarnados; para que sejamos à semelhança do Criador é fundamental que tenhamos também um espírito, infinitamente menor e imperfeito, mas um espírito. Pois bem, para que esse espírito pudesse vir a Terra e ser visto, era necessário que se revestisse de um envoltório visível, que é o corpo de carne, nosso corpo físico. A partir do instante em que se realiza a junção do espírito com a matéria densa de carne, tornamo-nos seres encarnados, mas sem perder a condição de espíritos eternos criados à imagem e semelhança do Criador.

O corpo físico, assim como qualquer matéria, se acaba, volta à terra um dia quando acontece o desencarne, ou a morte como preferir; mas é somente a morte do corpo, porque o espírito não morre, volta para uma das muitas moradas no Reino de Deus, pois como espírito é eterno. Uma vez criado, jamais perecerá ou perderá sua individualidade, continuará existindo pela eternidade. Voltará a vestir

o envoltório carnal sempre que Deus achar necessário para sua evolução retornar à vida física, por meio da reencarnação.

Fábio existe sim, somente seu corpo físico acabou; sua essência, seu espírito, está vivendo a vida real na espiritualidade. Todos voltaremos um dia para nossa verdadeira pátria. Consegui me fazer entender?

— Sim, acho que consegui compreender. Apesar de achar um pouco fantasioso, devo reconhecer que existe lógica em tudo o que esclareceu. Mas queria saber em que lugar ele está vivendo agora!

— Dona Marília, como já disse, existem muitas moradas na casa de Deus, e cada um será atraído para aquela cuja afinidade for maior. A colheita é sempre proporcional ao plantio; a morada de cada um será mais ou menos feliz de acordo com o que cada um fez com a oportunidade bendita de viver na Terra. Devemos nos esforçar para que nossa existência na Terra tenha êxito.

— Eu sei, eu sei, mas o que quero saber é do Fábio, onde ele está agora, o senhor não me disse.

— Não disse por que não sei. Acredito que em algum lugar de paz ao lado de seus familiares que o antecederam. Era um jovem e vivia dentro dos parâmetros da juventude saudável e cristã. Creio eu que possuía merecimentos para isso; mas nós aqui na Terra não temos de nos preocupar muito com isso, e sim orar para que ele perceba a claridade divina e não entre na revolta por ter desencarnado tão jovem. Nossas lágrimas desarrazoadas tumultuam o espírito daquele que amamos e que partiu, trazendo-lhe desconforto e desequilíbrio; em

compensação, as orações sinceras sempre produzem bem-estar e alívio para os espíritos.

— Mas o que devemos fazer? - perguntou Inês.

— Dona Inês, sempre que oramos para alguém que se foi e dizemos "Deus te abençoe", promovemos paz para aquele que partiu e para nós mesmos.

— Nossa, doutor, sinto-me tão aliviada escutando suas palavras, nunca pensei que conseguiria.

— Isso é muito bom e fico feliz pela senhora, mas tudo precisa ser muito bem compreendido e não simplesmente aceito. Aconselharia a senhora a ler o Evangelho Segundo o Espiritismo, com certeza vai lhe fazer muito bem, trazendo-lhe conforto, consolação e, principalmente, entendimento. Compreenderá melhor que para aquele que fica a tarefa não terminou e é necessário fazer bom uso dessa oportunidade de ainda estar no mundo físico.

— Sim, farei isso!

— Rubens, você poderia elucidar-nos quanto às lembranças naquele que partiu; o Fábio se lembra de nós, continua nos querendo bem?

— Com certeza, Paulo, não só se lembra como sente saudades também, "essa lembrança aumenta-lhes a felicidade, se são felizes, e se são infelizes serve-lhes de alívio" (Livro dos Espíritos — Capítulo VI — item IX — pergunta 320). O conhecimento disso deve trazer alívio e consolação a todos que se separarem de seus entes queridos, principalmente as mães que choram por seus filhos que partiram; eles

continuam vivos e amando seus pais terrenos, e esperam também com ansiedade o dia do reencontro.

— Essa sua Doutrina é muito interessante - disse Paulo. Realmente é a única que traz conforto aos corações amargurados pela separação.

— A consolação está na palavra de Deus, dita aos homens por meio de seu filho Jesus; basta prestar atenção nas máximas de Jesus para presentear a alma, libertando-a dos pensamentos e sentimentos negativos. Quem se entrega à prática do bem e do amor ao próximo caminha em direção à felicidade.

— Gostei muito de ouvi-lo, doutor, fez-me muito bem, sinto meu coração mais aliviado.

— Agradeço-lhe, mas na realidade isso aconteceu porque seu coração já ansiava por um alívio e a senhora permitiu que minhas palavras tocassem sua alma.

— Tenho ainda dificuldade em entender por que o Fábio foi embora tão jovem.

— Porque todos nós viemos cumprir uma tarefa aqui na Terra e, ao terminar essa tarefa, o retorno se processa para cumprir a lei. A causa real, só nosso Pai que está no Céu tem conhecimento; para Fábio pode ter sido um benefício, e para vocês, uma prova. Para que se passe no teste é importante aceitar com dignidade, humildade e respeito à vontade de Deus, e a aceitação vem na continuação do cumprimento do nosso dever em relação às pessoas que nos rodeiam e à própria vida, não se esquecendo jamais de que todos têm direito à

casa de Deus. A lei de causa e efeito se cumpre sempre. Dona Marília, mesmo contra nossa vontade.

Marília ia novamente questionar, quando este, levantando-se, disse aos presentes:

— Bem, já se faz tarde, preciso ir. Obrigado por esta tarde agradável que passei junto a vocês. Semana que vem se desejarem estarei aqui novamente para trocarmos idéias e conhecimentos. Até lá que Jesus os proteja para que tenham uma semana tranqüila.

— Nós que agradecemos ao senhor pela amizade e paciência com que nos ouve e socorre - disse Paulo. — Saiba que esta casa é sua e só nos causa alegria sua presença.

— Muito obrigado, Paulo!

Despediu-se dos amigos e se retirou.

Ao alcançar a rua, Rubens, com as mãos metidas nos bolsos da calça, andava pensativo, chutando o nada, tentando afastar as lembranças que, às vezes, teimavam em machucar seu coração.

— Meu Deus - pensava —, dai-me equilíbrio para aceitar sempre a vossa vontade sem lamentar, e sustentar junto à Isabela a prova penosa que me deste. Tenho medo de cair no desânimo, socorre-me!

O coração sensível de Rubens clamou por misericórdia. Seu espírito protetor aproximou-se e lhe inspirou ao ouvido: "O que é isso, meu amigo! Aquele que possui o coração cheio de amor para dar ao próximo, sem nada pedir em troca, jamais viverá sem a misericórdia de Jesus. Seus pensamentos nobres e suas atitudes dignas o tornam merecedor do amparo divino e da companhia dos amigos espirituais

que lhe querem bem. O perfume do respeito com que trata as pessoas, pacientes ou não, transforma seu lar em um oásis na Terra, para que os espíritos do bem possam descansar de suas tarefas na crosta. Siga em frente, querido amigo, continue presenteando seu semelhante com esse amor que transborda de seu coração generoso."

Rubens, sentindo alívio e retomando seu bem-estar, dirigiu-se alegre para sua casa.

Enquanto isso, na casa de Paulo:

— Querida, o que achou? Gostou de ouvir as explicações de Rubens? Não faz bem para nossa alma o que ele diz?

— Sim, Paulo, sinto-me mais leve e mais confortada.

— Ótimo querida! - exclamou Paulo sem esconder seu contentamento. — Sofro muito em vê-la apática e infeliz.

— Você poderia trazer para mim o livro que o doutor mencionou como é mesmo o nome?

— O Evangelho Segundo o Espiritismo! Com que prazer vou trazê-lo para você, meu bem.

Os olhos de Marília brilharam agradecidos pela paciência e pelo amor de seu marido. Pela primeira vez desde a desencarnação de Fábio, deu-se conta do quanto havia relegado ao segundo plano o bem-estar de Paulo, André e Laís. Seu coração apertou ao pensar nos filhos que ficaram, na maneira como os rejeitara, pensando só em si mesma. Percebeu que não soubera se dividir, a ela importara apenas o que sentia o que sofria e o que queria, sem se preocupar com os

desejos e as necessidades de André e Laís, duas crianças ainda, que sofriam pela perda do irmão e pela indiferença da mãe.

— Meu Deus, o que fiz com a minha família! Quanto sofrimento causei a essas crianças que não têm qualquer culpa do que aconteceu; são meus filhos, e eu praticamente os abandonei. Meu Deus... meu Deus ajude-me a encontrar forças para recuperar meu equilíbrio e fazer felizes as pessoas que eu amo e que me querem bem.

Dizendo isso, ajoelhou-se e, sentindo novamente a confiança no Pai Maior, orou pela primeira vez desde a separação de seu filho. Seu pensamento fluía naturalmente em direção ao Pai Celestial, confiante e angustiado. Assim que terminou, levantou-se e caminhou em direção ao quarto das crianças. Vendo-os tão tristes, deixou seu amor de mãe explodir e correu a abraçá-los, beijando-os com ternura. Mãe e filhos choraram e sorriram juntos, certos de que a partir daquele dia sofreriam muito, sim, mas estariam unidos pelo amor e esse amor daria suporte para conviverem com a grande saudade que sentiam do querido Fábio. Assim que os deixou, Marília foi até o escritório de Paulo. Ele estava sentado em frente a sua escrivaninha; o rosto entre as mãos escondia a tristeza imensa que lhe ia à alma. Marília aproximou-se devagar e com voz tímida e insegura disse ao marido:

— Paulo, me perdoe. Não fui capaz de compreendê-los nem perceber quanto vocês também sofriam, mas hoje, depois de ouvir o Dr. Rubens dizer todas aquelas coisas, fui percebendo pouco a pouco quanto sou egoísta. Abandonei você e as crianças, não me importei com o que minha mãe me dizia; nunca perguntei a nenhum de vocês como estavam, do que necessitavam; enfim, abandonei minha casa e, creia, abandonei a mim mesma. Hoje consegui orar a Deus pela

primeira vez, senti alívio, uma paz acarinhou meu coração como se fosse o Fábio a me beijar e me pedir que eu continuasse vivendo. Tenho certeza agora de que Jesus vai me auxiliar a passar por entre os espinhos sem destruir minha alma.

Paulo interrompeu dizendo:

— Não se martirize Marília. Nós vamos ficar bem, todos ficam. Não somos os únicos a passar por esse tormento e não seremos os últimos. O tempo se encarregará de devolver-nos a paz perdida, e a alegria voltará ao nosso lar. André e Laís merecem isso, devemos isso a eles que precisam de nós. Nosso tão amado Fábio ocupará para sempre seu lugar em nosso coração e receberá sempre nosso amor e nossa saudade, onde ele estiver.

— Só lhe peço que me perdoe e que tenha um pouco mais de paciência comigo. Não me abandone, dê-me mais algum tempo; eu amo você e as crianças!

— Querida, nunca duvidei disso; darei o tempo de que você precisar. Nunca passou nem vai passar pela minha cabeça abandoná-la, jamais faria isso, e se o fizesse, o que faria com todo esse amor que sinto por você, diga-me? Só quero que lute por você mesma, para vencer essa melancolia, esse desespero, para não cair na revolta nem na depressão. Lembre-se de que o Fábio ficará feliz em nos ver bem e a felicidade dele continua a ser importante para nós, não acha?

— Acho sim, Paulo. Agora aprendi que o equilíbrio daqueles que ficam é importante para aquele que se vai, e nós queremos nosso menino indo em direção a Deus. Mas, se eu cair novamente, ajude-me a levantar e me perdoe, sim?

— Venha aqui, minha querida!

Abriu os braços e colocou Marília sentada em seu colo. Abraçou-a com ternura e os dois deixaram suas emoções, suas dores, suas angústias saírem de seus corações em forma de lágrimas que se misturavam nos rostos de cada um. Inês, que viera chamá-los para o jantar, parou e ficou olhando aqueles filhos queridos. Elevou o pensamento ao Alto e orou ao Senhor, agradecida pelo reencontro daquele casal, ainda jovem, mas tão machucado pelo sofrimento.

VENCENDO A MELANCOLIA

A vida na casa de Marília e Paulo continuava seguindo a rotina costumeira. Embora Marília tivesse percebido o erro no qual caíra, e despertado pelas palavras de Rubens, ainda não conseguia se equilibrar completamente. Paulo e Inês tratavam-na com paciência e muito carinho; respeitavam suas limitações, sua insegurança e sua brusca mudança de humor; passava do sorriso para as lágrimas com uma rapidez que impressionava a todos. André e Laís, embora ainda crianças, cobriam-na de carinho, falando-lhe palavras de amor e se esforçando para que a mãe sentisse o menos possível a falta de Fábio. Inventavam brincadeiras, cantavam, enfim, faziam o máximo que podiam para distrair a mãe, ajudando-a a sofrer menos.

Paulo olhava-os e pensava em quanto eram juvenzinhos e, no entanto, possuíam tamanha força espiritual. Agradecia a Deus, em silêncio, por tê-los premiado com filhos tão amorosos. Marília, por sua vez, sempre que os tinha por perto, abraçava-os tão forte como se temesse perdê-los também.

— Mãe - dizia Laís nesses momentos —, a senhora vai me quebrar toda - o que fazia Marília sorrir e beijar seu rostinho.

A menina, então, virava para seu irmão e dizia:

— Viu, fiz a mamãe sorrir!

Paulo e Inês conversavam sobre o comportamento de Marília, que os deixava preocupados. Embora ela já tivesse assumido suas tarefas como mãe, esposa e dona-de-casa, assustava-os a maneira diferente como passara a agir desde o triste acontecimento.

— Sabe, Dona Inês, estou pensando em falar com o Rubens sobre esse assunto; talvez ele recomendasse uma terapia para a Marília, não sei. O que a senhora acha?

— Concordo com você, Paulo. Sei que tudo faz para o bem de minha filha e sou grata por isso. Pode ser que ela precise mesmo de alguém especializado para ajudá-la. Faça isso, afinal, Dr. Rubens tornou-se nosso amigo e é um homem muito generoso.

— Tem razão. Dona Inês, é um homem no qual podemos confiar, vou procurá-lo no hospital hoje mesmo. Se eu me atrasar à noite, não se preocupe, estarei com ele.

— Vá sossegado, Paulo, tudo aqui estará bem.

— Obrigado, não sei o que teria sido de nós, principalmente das crianças, se não fosse à senhora estar conosco esses meses todos.

— Por favor, não me agradeça, Paulo. Já lhe disse uma vez e repito novamente, vocês são minha família e eu os amo.

Paulo, sensibilizado com o grande coração de sua sogra, deu-lhe um beijo afetuoso e saiu para o trabalho.

Após a saída do genro, Inês subiu até o quarto da filha e encontrou-a lendo o Evangelho Segundo o Espiritismo com o qual Paulo a presenteara, sob a indicação de Rubens.

— Filha, não vai descer para tomar seu desjejum?

— Já vou mãe, um instante só.

Inês sentou-se ao seu lado e aguardou. Em dado momento Marília fechou o livro, sem antes marcar com cuidado a página que lia e disse à sua mãe:

— Mãe, não sei o que faço!

— Sobre o quê, filha?

— Estava lendo no Evangelho sobre a melancolia, e aqui diz que devemos lutar contra ela, mas, mãe, eu não consigo! Ela me bate tão forte que não tenho vontade de fazer nada a não ser me entregar a esse sentimento que me deprime cada vez mais.

— Por favor, filha, leia para mim o que está escrito aí, vamos pensar juntas.

— Está bem, mãe.

Marília iniciou a leitura. Percebendo o nervosismo da filha, Inês a interrompeu.

— Marília, leia mais pausadamente, sem ansiedade, para que possamos compreender bem o ensinamento.

Marília respirou fundo e recomeçou.

— Sabeis por que uma vaga tristeza se apodera por vezes dos vossos corações e vos faz achar a vida tão amarga! E o vosso espírito que aspira à felicidade e à liberdade e que, preso ao corpo que lhe serve de prisão, se extenua em vãos esforços para dele sair.

Mas, vendo que são inúteis, cai no desencorajamento, e o corpo, suportando sua influência, a languidez, o abatimento e uma espécie de apatia se apoderam de vós, e vos achais infelizes.

Crede-me, resisti com energia a essas impressões que enfraquecem a vossa vontade. Essas aspirações para uma vida melhor são inatas no espírito de todos os homens, mas não as procureis neste mundo; e, atualmente, quando Deus vos envia seus espíritos para vos instruírem sobre a felicidade que vos reserva, esperai pacientemente o anjo da libertação que deve vos ajudar a romper os laços que mantêm vosso espírito cativo.

Lembrai-vos que tendes a cumprir, durante vossa prova na Terra, uma missão da qual não suspeitais, seja em vos devotando à vossa família seja cumprindo os diversos deveres que Deus vos confiou. E se, no curso dessa prova, e desempenhando vossa tarefa, vedes os cuidados, as inquietações, os desgostos precipitarem sobre vós, sede fortes e corajosos para os suportar afrontai-os francamente, eles são de curta duração e devem vos conduzir para perto dos amigos que

chorais que se regozijarão com a vossa chegada entre eles e vos estenderão os braços para vos conduzir a um lugar onde os desgostos da terra não têm acesso. (Evangelho Segundo o Espiritismo — Capítulo V, §25). Então, mãe, o que achou?

— Marília, está tão claro, filha! Devemos lutar contra a melancolia, a tristeza e aceitar nossa estada aqui, sem perder a fé em nosso Criador, mesmo, e principalmente, quando somos atingidos por sofrimentos gigantescos, como o seu, minha filha. A luta para o equilíbrio deve ser constante, ininterrupta, a consciência sobre o porquê de estarmos na Terra e o que devemos fazer aqui, qual é a nossa tarefa, não deve ser abafada por nossos desgostos, ao contrário, deve nos dar forças para prosseguirmos na construção da nossa perfeição. Como diz o Evangelho é necessário ter coragem e força para suportarmos as dores do caminho.

— Mas por que para mim é tão difícil?

— Por que você vai e volta Marília, ou melhor, dá para si mesma a oportunidade de se melhorar, mas quando começa a galgar os primeiros degraus, recua e volta, com medo de ser feliz novamente. As coisas quando se repetem é porque não as aprendemos ainda, de verdade.

— Entendi o que a senhora quer dizer, mãe, mas o que devo fazer então?

— Ocupar-se, Marília, o trabalho é ótimo conselheiro. A ocupação dá alívio à nossa mente e ao nosso coração, pois nos impede de achar que somos os únicos a sofrer no mundo e tira de nós a tendência que o homem tem de se achar vítima. Quando nos ocupamos,

preenchemos nosso coração com a lei do trabalho e nos protegemos de nós mesmos.

Marília, tentando mudar o assunto, perguntou:

— E Paulo, mãe?

— Já foi para o trabalho, avisou que chegará mais tarde hoje.

— Por quê?

— Irá até o hospital procurar o Dr. Rubens, deseja se aconselhar com ele.

— Aconselhar?! Sobre o quê, mãe?

— Não sei filha, assim que ele chegar com certeza dirá a você.

— Está bem!

— Você não vai descer tomar seu café, ajudar-me nos afazeres?

— Vou, mãe, vou sim. Espere só um instante que já desço.

— aguardo você lá em baixo.

Dizendo isso, Inês desceu e foi até a cozinha.

Marília, aproveitando a ausência da mãe, retirou da gaveta da cômoda uma linda foto de Fábio e, apertando-a contra o peito, chorou. Assim ficou perdida em suas lembranças até que ouviu a voz de Inês chamando-a:

— Marília, desça!

— Estou indo, mãe!

Enxugou suas lágrimas, colocou a foto no lugar em que estava e desceu.

O dia passou sem novidades.

Assim que André e Laís chegaram da escola, Marília empregou todos os seus esforços e se dedicou inteiramente aos filhos que, recebendo o carinho da mãe, sentiram-se felizes. Enquanto Inês preparava a mesa para o jantar, o telefone tocou e Marília o atendeu.

— Querida, estou aqui com o Dr. Rubens e o convidei para jantar conosco, algum problema?

— Paulo, claro que não há problema algum, é um grande prazer para todos nós. A que horas chegam?

— Por volta das vinte e trinta - e, brincando, concluiu: — coloca mais água no feijão!

— Vou colocar - respondeu Marília também sorrindo. — Mãe, o Paulo vai trazer o Dr. Rubens para jantar conosco, tudo bem?

— Claro, minha filha, não se preocupe, temos peixe para o jantar, acho que estará bem para ele.

Organizaram melhor a mesa e aguardaram a chegada de Paulo e Rubens.

As vinte e quarenta e cinco, Paulo e Rubens chegaram e foram recebidos com alegria. André e Laís já tinham se acostumado com a presença do amigo de seus pais e demonstraram isso dando um gostoso abraço em Rubens, que retribuiu com satisfação.

O jantar transcorreu com harmonia. Todos se deliciaram com o peixe tão bem preparado por Inês.

— Parabéns, Dona Inês, a senhora é uma ótima cozinheira, todos aqui devem passar muito bem - brincou Rubens.

— Isso é verdade - concordou Paulo. — Minha sogra cozinha como ninguém!

Assim que terminaram, reuniram-se na sala de estar e Paulo, sem nenhum constrangimento, disse à esposa:

— Querida, fui procurar nosso amigo Rubens e pedi-lhe que viesse vê-la, porque ando muito preocupado com você.

— Comigo, Paulo?

— Sim, Marília, com você!

Paulo exclamou com voz firme, mas dirigindo um olhar carinhoso para a esposa.

— Paulo, diga-me, o que foi que eu fiz para você se preocupar assim comigo?

— Querida, ouça-me com atenção: não é o que você fez, especificamente, mas a maneira como vem se comportando. As suas variações constantes e repentinas de humor, enfim, penso que você necessita ainda ter uma atenção especial; não quero que adoença.

— Como você é exagerado!

— Pode ser! Dr. Rubens poderá me dizer se minhas preocupações têm fundamento ou não. Você se importa de conversar com ele?

— Evidente que não! Sinto-me bem quando o ouço falar, gosto de sua maneira generosa de nos esclarecer.

— Pois bem. Dona Marília - disse Rubens — gostaria que me dissesse o que sente de verdade, enfim, o que a faz mudar de humor tão repentinamente.

Marília abaixou a cabeça e permaneceu assim por alguns minutos. Após esse tempo, olhou para o amigo e lhe disse timidamente:

— Dr. Rubens, eu mesma não sei. Tento me controlar, mas não posso, é mais forte do que eu é como se algo me impedisse. Sinto um vazio tão grande dentro de mim que mal consigo raciocinar direito.

Calou-se e Rubens percebeu um leve tremor em seus lábios. Sentiu quanto àquela mulher ainda sofria a falta de seu filho. Apiedou-se dela e, com sensatez, lhe disse:

— Dona Marília, imagino quanto à senhora ainda sofre. Sei da dificuldade que todos sentem quando se separam de seus entes queridos, mas não se pode entregar à melancolia e ao desânimo, pois, se assim o fizer, logo estará caindo em depressão. É importante manter a esperança e a fé no nosso Pai que está no céu, porque é nele que se deve buscar a fonte da vida, a água cristalina que equilibra nosso corpo e acalma nossa alma. Quando nos afastamos dessa fonte de amor, estamos impedindo a nós mesmos a possibilidade de alcançar a felicidade. Marília ouvia com atenção as palavras do amigo. Assim que ele deu uma pausa, tornou a interrogá-lo.

— Dr. Rubens, tenho-lhe muito respeito, carinho mesmo pela pessoa boníssima e generosa que o senhor sempre demonstrou ser,

mas, às vezes, penso que, se o senhor tivesse passado por um sofrimento tão grande como o meu, é possível que não falasse ou pensasse assim. Perdoe-me, mas é o que penso.

— Não precisa se desculpar. Dona Marília, não a culpo por pensar dessa forma, mas, quando me dirijo à senhora ou qualquer outra pessoa que sofre a dor da separação, faço-o com muito respeito ao sentimento que existe em seu coração. Acredite se falo todas essas coisas é porque sei por experiência própria que é possível recobrar o equilíbrio, a paz e mesmo a felicidade quando nos entregamos ao Criador com confiança e certeza do auxílio. Passamos, então, a observar as outras pessoas e conseguimos perceber que a dor não é propriedade nossa e sempre haverá um caso mais grave e alguém com uma carga de sofrimento mais pesado que o nosso.

— Como assim, doutor, não entendi quando o senhor disse por experiência própria. Poderia explicar melhor?

— Claro Dona Marília! Uma vez lhe disse que, quando chegasse o momento certo, lhe contaria minha história; acho que a hora é esta.

— Verdade!

— Sim, se tiverem paciência para me ouvir!

Paulo se dirigiu ao médico:

— Rubens, faça se achar necessário, afinal, é sua vida íntima que estará expondo para nós. Quanto a ter paciência para lhe ouvir, por favor, tudo que queremos e necessitamos é aprender com o senhor.

— Pois bem, vou contar a vocês minha história de vida, creio que poderá auxiliar Dona Marília a superar suas ansiedades e angústias; é

bom quando conseguimos aprender e aliviar nossas tensões com as experiências e atitudes alheias.

Rubens ajeitou-se na cadeira, serviu-se de um pouco de água que tinha à sua frente e, acreditando realmente que poderia ajudar Marília a suportar com mais valentia e coragem o momento delicado que passava, iniciou seu relato.

— Casei-me muito jovem com a mulher que amava e que sentia também por mim um grande e sincero amor. Fomos felizes durante muitos anos; construimos nossa casa com o esforço de ambos. Júlia era fisioterapeuta e trabalhávamos no mesmo hospital, esse mesmo no qual trabalho até hoje. Nosso sonho de construirmos uma família de verdade se realizou com a chegada de Francisco, Carlos e a pequena e meiga Isabela. Supúnhamos que ninguém poderia ser mais feliz que nós dois. Amávamo-nos como no primeiro dia em que nos conhecemos; nossos filhos eram lindos e saudáveis; davam-nos todas as alegrias que os pais esperam receber de seus filhos e por essa bênção agradecíamos a Deus por toda felicidade concedida a nós.

Quando completamos quinze anos de casamento, resolvemos promover uma festa e compartilhar nossa ventura com todos aqueles que queríamos bem e que sabíamos nos querer também. Júlia organizou a festa com o maior cuidado e expectativa, queria tudo perfeito para receber nossos amigos e familiares. No final da tarde, disse-me que iria até a casa da doceira buscar o bolo e os doces encomendados, e levaria os meninos para que a ajudassem com a bandeja do bolo, pois era grande e não queria correr o risco de quebrá-lo. Prontifiquei-me para ir, o que ela recusou dizendo que gostaria de verificar se estava tudo conforme o combinado. Preferia que eu ficasse

e fosse colocando as bebidas e os refrigerantes no gelo, e assim foi feito. Passou-se mais ou menos uma hora, uma hora e meia e a campainha tocou.

— Dr. Rubens, por favor!

— Sou eu mesmo - exclamei já um pouco apreensivo. O que deseja senhor...

— Sargento Tomás, sou da polícia e infelizmente não lhe trago boas notícias.

— Pelo amor de Deus - disse já completamente assustado —, diga-me o que aconteceu, por favor!

— Sua esposa sofreu um acidente.

— Acidente?

— Sim, infelizmente seu carro chocou-se com um caminhão que ultrapassava um ônibus. Não sabemos ainda o que aconteceu, mas seu carro ficou espremido entre os dois veículos, causando a destruição total do automóvel.

— Minha esposa e meus filhos... eles... se machucaram muito?

— Sinto muito lhe informar, doutor, mas houve três mortes, sua senhora e dois meninos; a menina conseguimos tirar com vida e já foi encaminhada para o hospital.

Nesse ponto Rubens mostrou uma feição sofrida, transtornada, transpirava muito e parecia estar vivendo de novo toda aquela situação de completo sofrimento.

— Dr. Rubens - disse Inês —, não seria melhor parar, essas lembranças machucam muito. Aceita um café, uma água?

Rubens parecia não ouvir as palavras de Inês. Passou um lenço sobre o rosto e continuou:

— Esta é minha história. Dona Marília, perdi minha esposa e dois filhos na mesma hora e no dia em que imaginávamos ser só alegria.

— Desculpe-me, o senhor nos disse ter tido três filhos, e a menina?

— Minha pequena Isabela nunca mais pôde andar, vive hoje em uma cadeira de rodas; ficou parálitica.

Paulo não conseguiu esconder sua emoção, abraçou o grande homem que via à sua frente e sem esconder a admiração lhe disse:

— E pensávamos ser os únicos sofredores da Terra; que pessoa nobre é o senhor!

Marília não pôde conter as lágrimas.

— Diga-me, doutor, qual é a idade de Isabela?

— Minha menina está hoje com dez anos, Dona Marília, tinha apenas cinco aninhos quando tudo aconteceu; Francisco estava com treze e Carlos com dez.

— Ela mora com o senhor ou está internada?

— Dona Marília, jamais a internaria, ela mora comigo e uma senhora que cuida dela desde a época do acidente; não poderia viver longe de minha pequena Isabela, ela é o meu referencial de felicidade.

— Referencial de felicidade?

— Sim, Dona Inês, somos felizes os dois porque nos amamos muito e descobrimos que a nossa felicidade apenas mudou de roupagem e que poderíamos voltar a pensar em felicidade e em paz se continuássemos a acreditar na vida. Deus decidiu que continuássemos apenas os dois aqui na Terra, alguma razão há de ter. Acatamos a vontade Dele e procuramos viver da melhor maneira que podemos, sem deixar a revolta se instalar em nosso coração.

— Meu Deus, Dr. Rubens, o senhor é realmente uma pessoa especial! Estou envergonhada, ensine-me a reconquistar a minha paz - disse Marília lacrimosa.

— Não precisa se sentir envergonhada. Dona Marília, cada um de nós tem um tempo para se reequilibrar e sair do lamaçal da dor. A senhora reconquistará sua paz se aprender que o amor enxuga as lágrimas, e que é o único sentimento que nos mantém de pé e que nos faz enxergar além de nós mesmos. Nos primeiros momentos após a trágica separação de minha esposa e de meus filhos, também me senti perdido, angustiado, como se me faltasse o chão para pisar. Meu coração estava machucado e cada vez que olhava minha pequena Isabela presa em uma cadeira de rodas, sem nenhuma chance de voltar a andar, alimentava o desânimo, a inconformação, enfim, não entendia por que a felicidade escapara de minha vida como a água escorre por entre os dedos, mas após quatro meses do acontecido surgiu em minha vida uma luz e eu me agarrei a ela confiante, segui de coração aberto a orientação de amor e reencontrei a paz.

Cada vez mais interessada, Marília perguntou:

— Como assim, doutor, uma luz, poderia explicar que luz é essa?

— Claro que sim!

Fez uma pausa tentando novamente controlar sua emoção e retornou à narrativa.

— Passados quatro meses da separação, estávamos eu e Isabela sentados na varanda de nossa casa, recordando os dias de intensa ventura que havíamos vivido junto de Júlia, Francisco e Carlos, quando Isabela com os olhos tristes me disse: "Papai, sinto saudade da mamãe, queria ficar no colo dela!".

"Querida, vem, fica no colo do papai!"

Peguei-a com carinho e cuidado e coloquei-a em meu colo abraçando-a com profundo amor. Isabela aconchegou sua cabecinha em meu peito, e eu, vendo aquela criança tão pequena ainda, frágil e presa a uma cadeira, senti uma tristeza tão intensa, como se todo o meu ser estivesse mutilado, sem vida; meus olhos não seguraram as lágrimas e chorei copiosamente agarrado à minha filha. "Chora não papai, eu "tô" aqui com você e não vou te deixar nunca mais!" Isabela demonstrava uma força inexplicável para seus cinco aninhos. Abracei-a mais forte ainda e ela, encostando novamente sua cabecinha em mim, adormeceu em seguida. Orei a Deus pedindo força e coragem para suportar tamanha dor; de repente senti uma leve vertigem e ouvi uma voz que não sabia de onde vinha me dizer: "Transforme sua tristeza em alegria"! "Minha tristeza em alegria, impossível, jamais terei alegria novamente", exclamei mentalmente. "Não falo de sua alegria e sim da alegria de outras pessoas, de seu semelhante; vá à busca daquele que sofre e que não consegue enxergar nenhum

caminho e ajude quanto puder. “Por meio da felicidade que proporcionar ao próximo encontrará a sua própria e construirá novamente a sua vida de paz e equilíbrio; lembre-se, somente o amor enxuga as lágrimas.”

— Que lindo doutor! - exclamou Inês impressionada. E o senhor, o que fez?

— Deixei de sentir pena de mim e fui à busca dos sofredores para ajudá-los como médico e como irmão em Cristo.

— E o senhor é feliz?

— Sim, Dona Marília, meu coração se aquietou e vivo em harmonia usufruindo da felicidade que posso ter. Aprendi que Deus foi bom e generoso comigo, deixando-me Isabela que é a razão da minha vida; entreguei minha dor ao amor que posso sentir pelo meu próximo. A cruz ficou mais leve para eu carregar e o coração adquiriu a paz.

— Estou impressionada, doutor, quem o conhece não faz idéia do drama que o senhor viveu; por meio de seus conselhos, de suas palavras de puro otimismo e fé, imaginamos que está sempre de bem com a vida! - exclamou Marília. — Mais uma vez digo que me sinto envergonhada por minha descrença, minha revolta, enfim, envergonho-me da minha fraqueza e de minha pouca fé.

— Repito-lhe, não se envergonhe. Cada um de nós possui um tempo para compreender e aceitar o acontecimento que nos machuca e fere nossa alma, o importante é ir à busca do entendimento para conseguir ser feliz novamente e deixar que nossos entes queridos que partiram também possam ir à busca da sua evolução e serem felizes na espiritualidade. Quanto a estar de bem com a vida, estou sim,

aprendi que a vida não maltrata ninguém, ela apenas responde às nossas agressões e imprudências cometidas, se não nessa, em encarnações passadas. Para tudo existe um por que, uma razão; Deus não quer nenhum de seus filhos sofrendo, mas nossa imperfeição nos faz cometer enganos dos quais teremos de prestar contas mais tarde.

— O senhor acha que eu poderia fazer alguma coisa pelos necessitados, isso me traria alívio?

— Se a senhora se deixar tocar pelo amor e pela fé. Dona Marília, com certeza sim; mas não se afobe, comece aos poucos, devagar, e vá deixando que o mais nobre dos sentimentos ocupe um lugar no seu coração, aí, então, verá como se tornará gigante para exercitar a lei do amor e da caridade. Ficará tão envolvida em espalhar a paz e a fraternidade à sua volta que não terá tempo para sentir pena de si mesma. É isso que nossos entes queridos que partem esperam de nós, a reformulação da nossa alma, para que eles possam seguir sua evolução em paz e com equilíbrio.

— O senhor acha conveniente Marília fazer uma terapia?

— A melhor terapia para esses casos, Paulo, é a terapia do amor, em que se coloca em atividade o abraço, o toque das mãos e a fraternidade; preencher a mente e o coração com o trabalho edificante, essa é a melhor terapia.

— Não sei o que dizer, nem como me expressar - falou Paulo. Nunca estive perto de alguém tão nobre; jamais ouvi palavras como as que o senhor diz; nunca poderia supor que alguém pudesse emergir de um sofrimento tão grande, conservando a alma tão pura e limpa. O senhor é, sim, uma pessoa especial, e nós o admiramos por isso e

somos muito gratos pela atenção e pelo carinho com que nos presenteou. O senhor nos indicou um caminho, acendeu a chama da esperança em nossos corações e não sabemos como agradecer-lhe por isso.

— É verdade, doutor - completou Marília — minha alma está ansiando pela calma e vou encontrar meu equilíbrio aceitando suas palavras sensatas, admirando sua postura perante os vendavais da vida. O senhor me fez ver a importância de estar vivo, e agora compreendo que a missão de Fábio na Terra terminou e a minha, agora eu sei, mal começou.

— Alegria-me ouvi-la falar assim, Dona Marília, rogo a Jesus que a auxilie a encontrar seu caminho e que lhe dê coragem para percorrê-lo com força e consciência de todo o bem que se pode fazer a outrem, quando se deseja realmente; mas, por favor, não dê a mim maior importância do que mereço.

— Eu poderia lhe fazer um pedido?

— Claro, faça!

— É que... bem... eu gostaria de conhecer Isabela, o senhor permitiria que eu e a Laís fôssemos visitá-la?

— Por favor. Dona Marília, quem fica agradecido com seu interesse sou eu, vá quando desejar. Isabela ficará muito contente e feliz, tenho certeza disso.

— Obrigada, Dr. Rubens, muito obrigada!

Inês levantou-se e em seguida retornou trazendo um café fresquinho para servir aos presentes.

— O senhor deve estar cansado, doutor, e um cafezinho irá lhe fazer bem; reviveu muitas emoções.

— Obrigado, a senhora tem razão, estou precisando realmente.

— Faz bem em aceitar, ninguém faz um café como minha sogra.

— Está vendo, doutor, estou com ciúmes, ele nem se lembra do meu café!

Laís, que naquele momento entrava na sala, disse naturalmente:

— Também, mamãe, há quanto tempo a senhora não faz um café para o papai!

Marília, um pouco desconcertada, abraçou a filha e lhe disse:

— Isso vai acabar filha, a partir de agora tudo vai mudar, eu lhe prometo, a mamãe ama muito vocês, a vovó e o papai. Jesus vai ajudar a mamãe a fazer vocês felizes novamente.

— Que bom, mamãe, eu e o André gostamos mais do jeito que a senhora era antes!

— Eu também, filha, eu também!

Olhou para Paulo e se deu conta do marido bom e generoso que Deus tinha colocado ao seu lado.

LAÍS E ISABELA

Após a revelação de Rubens, alguma coisa mudou no coração de Marília. Sentia-se envergonhada por sua fraqueza, principalmente da desconfiança em relação ao Dr. Rubens, imaginando-o sem o menor conhecimento da intensidade da dor de perder um filho. Entendera finalmente que as pedras estão no caminho para serem retiradas. Tinha sido incrédula na justiça divina; culpara o Criador por todo o sofrimento que atingira seu lar e agora compreendia que nada acontece de importante na vida das criaturas sem que haja uma causa e com ela não poderia ser diferente.

— Deus é sempre justo — dizia para si mesma. Hoje eu sei com certeza que na justiça de Deus não há dois pesos e duas medidas. Se foi da vontade de Deus que Paulo e eu nos separássemos de nosso querido filho, sem sombra de dúvida foi para que aprendêssemos algo que ainda não sabemos, ou quitássemos alguma dívida que, como diz Dr. Rubens, pode ter sido contraída em vidas passadas.

Marília, ao mencionar o nome do médico amigo, percebeu crescer dentro de si a grande admiração que sentia por ele. Ouvindo passos, voltou-se deparando com sua mãe que a observava.

— Oi, mãe, não reparei que estava aí!

— Cheguei há pouco, filha, estava tão pensativa que não quis incomodá-la. Em que pensava?

— Venha, mãe, sente-se aqui ao meu lado, quero conversar uma coisa com a senhora.

Inês sentou-se perto da filha e docemente incentivou-a a dizer o que pretendia.

— Pronto, Marília, diga-me o que deseja.

— Mãe, pensava nas coisas que o Dr. Rubens nos disse e não consegui entender como pode alguém que tanto sofreu conservar o coração limpo, sereno e confiante em Deus e na vida. Não perder a esperança nem se revoltar contra tudo e contra todos; pode-se dizer mãe, foi e ainda é três vezes maior que o meu e de Paulo. Nós perdemos um filho e quase nos desesperamos, entretanto ele perdeu no mesmo dia a esposa e dois filhos, tendo ainda que conviver diariamente com essa situação conflitante que é ver sua única filha presa a uma cadeira de rodas, para sempre, pois não existe nenhuma possibilidade de reverter esse quadro. Como ele consegue força para suportar tanto sofrimento? Diga-me, como é possível?

— É verdade, filha, ele é um homem admirável, especial mesmo. Não permitiu que a tristeza o separasse de Deus, ao contrário, uniu-se mais a Ele, e essa união o levou a amar o próximo, trazendo paz para sua alma.

— É... enquanto eu me escondia usando a dor como escudo, ele se mostrava para o mundo como uma pessoa que aspira a paz e luta para que não só ele, mas todos possam conquistá-la por meio da união e da amizade entre as pessoas.

— Ele acreditou que o amor enxuga as lágrimas e viveu essa crença com intensidade, e o que pudemos notar é que essa máxima é verdadeira.

— Sabe mãe, estive pensando muito desde aquele dia que tomamos conhecimento da história dele; raciocinei com cuidado sobre tudo o que foi dito e cheguei à conclusão de que também quero me dedicar ao amor fraternal. Só não sei como começar.

— Não se precipite Marília, ore a Jesus e peça que os bons espíritos a ajudem nessa nova fase da sua vida. Como dizem os espíritas, "quando o trabalhador está pronto, o trabalho aparece". Confia e espera.

— Estava pensando em ir visitar Isabela!

— Ótimo, faça isso; será bom para você e para ela.

— A senhora acha mesmo?

— Claro que sim, Marília!

— Vou fazer o seguinte, telefono para a senhora... como é mesmo o seu nome?

— Ana!

— Isso mesmo. Dona Ana. Telefono para ela e marco para hoje à tarde a minha visita. Irei com Laís; a senhora nos acompanha?

— Não, filha, uma próxima vez irei com muito gosto.

— Está bem!

Assim que Inês desceu para cuidar dos seus afazeres, Marília, mais animada, aprontou-se, telefonou para Dona Ana e desceu ao encontro da mãe.

— Hum! Já está pronta, que ânimo, me agrada vê-la assim.

— Sim! Assim que Laís chegar da escola, iremos à casa de Isabela. Marquei às quatorze horas.

Dizendo isso, dirigiu-se até a sala de estar, sentou-se em frente a uma bela foto de Fábio e iniciou com serenidade uma "conversação" com o filho querido.

— Fábio, que Jesus o abençoe. Hoje sei que pode me ouvir e me entender, por isso me dirijo a você, saudosa, mas tranqüila. Quero que receba em sua nova vida a minha saudade, fruto do grande amor que sinto e sempre sentirei por você. Não quero que sofra, deixe o sofrimento para mim, porque, apesar de intenso, é ele que está me fazendo perceber outros lados da vida. Nessa percepção nasce em meu coração o desejo, até então inativo, de me aproximar das pessoas sem me importar com o que vestem ou onde moram, tendo como alvo apenas a vontade de ser útil e fraterna. Não quero mais lhe enviar lágrimas, mas, sim, trabalho digno em favor do meu semelhante. Só lhe peço paciência, pois na realidade não sei ainda como iniciar essa tarefa. Mas confio em Jesus, que por meio de uma luz me mostrará a direção. Siga seu caminho de evolução no Reino de Deus, que eu também seguirei o meu. Como diz o Dr. Rubens, um dia nos encontraremos novamente e é essa possibilidade que me faz colocar com firmeza os pés na estrada da vida, em busca da minha saúde espiritual.

Os olhos de Marília lacrimejavam, mas seu coração, apesar de machucado, começava a se abrir para o amor que consola.

— Querida, o que faz tão pensativa.

— Oi, Paulo, não o vi chegar!

— Faz algum tempinho que a observo. Em que pensava assim tão distraída?

— "Conversava" com o Fábio... Ei... espere não me interprete mal, nada fiz de errado, apenas lhe dizia o que pretendo fazer para me tornar uma pessoa útil.

— E o que pretende, posso saber?

— Na verdade ainda não sei Paulo. A minha intenção é me aconselhar com o Dr. Rubens. Ele tem experiência e muito conhecimento, acredito que poderá orientar-me.

— Faça isso, querida, com certeza ele poderá ajudá-la. Dizem que, quando nos ocupamos com algo útil em favor do próximo, nosso sofrimento vai se tornando sonolento e acaba adormecendo, propiciando-nos encontrar a paz e o equilíbrio. O trabalho não deixa sobrar tempo para tristeza.

— Mas, Paulo, jamais vou me esquecer de Fábio!

— Eu não disse esquecer, Marília, disse adormecer. Esse adormecimento é que permite a todos que sofrem grandes dores continuar vivendo dentro do equilíbrio. Se assim não fosse, todos os pais que se separam de seus filhos pela desencarnação destes enlouqueceriam.

— Você tem razão, querido, é insensato ir a busca do esquecimento daqueles que amamos, mas é prudente ir a busca da compreensão e aceitação da vontade de Deus.

— Assim que se fala meu amor. Nós vamos nos forta-lecer e cumprir nossa tarefa aqui na Terra, principalmente junto ao André e à Laís.

— Paulo, logo após o almoço vou com Laís visitar Isabela.

— Que bom Marília. Traz-me muita satisfação vê-la novamente acordando para a vida.

— Então vamos. Mamãe deve estar nos esperando; quero chegar no horário combinado com Dona Ana.

— Será que as crianças já chegaram da escola?

— Penso que sim!

— Vamos então!

Marília e Laís seguiram rumo à casa de Rubens.

Assim que chegaram, foram recebidas com gentileza, por Dona Ana que, de imediato, levou-as à presença de Isabela. Marília, ao vê-la, não pôde disfarçar a surpresa. Acomodada em sua cadeira de rodas, ela mais parecia uma pintura pelos belos traços de seu rosto. Os cachos loiros de seus cabelos harmonizavam-se com o brilho de seus expressivos olhos azuis. Suas pernas estavam cobertas por uma manta branca, e Isabela trazia em suas mãos um colorido livro de histórias. Notando a aproximação de Marília e Laís, abriu os braços e lhes disse sorrindo:

— Sejam bem-vindas. Não as conheço, mas soube que são amigas de meu pai, por isso minhas amigas também!

Marília, correspondendo à gentil recepção, abriu também os braços e enlaçou-a com um carinhoso abraço.

— Meu nome é Marília e esta é minha filha Laís. Queria muito conhecê-la, Isabela. Em minha casa todos admiramos e queremos muito bem a seu pai. Como você é linda! Estou realmente impressionada com a beleza do seu rosto.

— Obrigada, Dona Marília. Mas não deveria se sur-preender tanto tem uma filha tanto ou mais bela do que eu! - exclamou Isabela suavemente.

— Vem, Laís, sente-se bem perto de mim, gosto muito de ter amigos e gostaria que ficasse minha amiga.

Timidamente Laís se aproximou mais de Isabela, sentando-se ao seu lado.

— Também quero muito ficar sua amiga, Isabela!

— Então... já somos! Mas tem uma coisa, Laís, que gostaria de lhe dizer: não vou poder sair correndo por aí com você, no entanto, se tiver paciência posso acompanhá-la em minha cadeira de rodas. Já sei manejá-la muito bem, não é mesmo. Dona Ana?

— Com certeza, Isabela, muito bem!

— Não se aflija por isso - disse Marília. — Laís adora ler histórias, conversar, afinal, existem muitas coisas que podem fazer sem ter de sair correndo por aí. Duas juvenzinhas sempre têm o que conversar.

— Claro, Isabela, somos praticamente da mesma idade, podemos passar algumas horas nos divertindo, é só você querer.

— Eu quero Laís, quero muito. Apesar de toda atenção e carinho que recebo de papai e de Dona Ana, sinto falta de estar com pessoas da minha idade.

— Então, "tá" combinado, outro dia venho passar a tarde inteira com você, "tá bem"?

— Outro dia! Por que não hoje... agora?

— Agora?!

— Sim! Por que não pode ficar aqui comigo? Podemos lancha juntas, tomar sorvete. Que tal?

— Posso ficar mamãe?

— Se você quiser e não incomodar Dona Ana, pode sim.

Ana, mais que depressa, respondeu:

— Ela não incomodará em nada. Dona Marília. Isabela sente muita falta de companhia da sua idade. Acredito que as duas vão se dar muito bem.

— Se é assim, pode ficar Laís.

As duas crianças se afastaram. Marília sentiu um aperto no coração vendo Laís empurrar a cadeira de Isabela. Sentiu um carinho

grande por aquela criança tão bela e condenada há passar seus dias na Terra presa a uma cadeira de rodas.

Dona Ana, como se adivinhasse o pensamento de Marília, lhe disse:

— Ela é feliz. Dona Marília, não briga com o seu destino; possui um espírito elevado.

— Ela é realmente encantadora! Diga-me, Dona Ana, Isabela freqüenta a escola?

— Claro Dona Marília! Todos os dias pela manhã, o motorista vem pegá-la. É uma aluna dedicada, gosta de aprender e se esforça bastante para isso.

— Que bom; pela maneira como ela se expressa percebe-se sua instrução, e o modo como fala cativa as pessoas.

— A senhora tem razão. Nunca se queixa e está sempre alegre; para mim é como se fosse uma filha.

— Desculpe-me perguntar, mas Isabela sofre algum tipo de preconceito na escola?

— Ostensivamente, não. Mas sempre existem aquelas pessoas que vêem os deficientes físicos como se fossem deficientes mentais. Algumas vezes, Isabela voltou para casa um pouco triste em virtude de comentários a seu respeito e que a deixaram magoada. As pessoas às vezes esquecem que Isabela é uma criança como qualquer outra, a única diferença é que não pode andar, e como as outras crianças gosta de ser tratada com carinho, respeito e dedicação.

— Não sei por que as pessoas nutrem no coração tanto preconceito. Julgam imprudentemente qualquer que seja a deficiência apresentada por uma pessoa, criança ou não. Imaginam que são contagiosas; escondem o orgulho e o preconceito atrás de atitudes que ousam chamar de prudência. Geralmente esquecem que todos estamos sujeitos a sofrer agressão ou mutilação do nosso corpo quando menos esperamos.

— A senhora disse uma verdade. Dona Marília, nunca sabemos quando a vida vai nos pregar uma peça.

— Bem, Dona Ana, preciso ir. Vou despedir-me das crianças.

Aproximando-se de Laís e Isabela, afagou seus cabelos e disse à filha:

— Virei buscá-la no final da tarde. Dirigindo-se a Dona Ana, completou:

— Por volta das dezoito horas, virei buscá-la.

— Vá tranqüila, Laís estará bem.

Marília despediu-se, entrou em seu carro e tomou o caminho de casa.

Ao parar em um semáforo, olhou para o lado e assustou-se ao ver uma mulher grávida deitada no chão com quatro crianças ainda pequenas sentadas junto a ela. Deu o sinal e virou-se para a direita parando o carro próximo ao local. Sem se dar conta do que fazia, aproximou-se da mulher e ao saber da proximidade do parto, colocou a gestante em seu carro com as crianças e partiu rapidamente para o hospital.

No caminho tomou conhecimento de toda a dificuldade que aquela mulher passava junto a seus filhos.

— Fique calma, logo estaremos no hospital. Tudo dará certo.

Chegando à recepção de um hospital público, Marília colocou a recepcionista a par do que acontecia.

— A gestante podemos atender senhora; quanto às crianças, nada podemos fazer, elas não poderão ficar aqui. A senhora terá de levá-las para um orfanato ou coisa parecida.

— Mas eu não as conheço como poderei interná-las?

— Faça o seguinte: vá com a mãe delas até um orfanato e após a internação das crianças volte para que possamos internar a mãe. Certo?

— Mas não conheço nenhum orfanato!

— Tem um próximo daqui, na verdade são quatro quar-teirões. Vá até lá, eles vão recebê-las, acredito eu.

Meio temerosa Marília respondeu afirmativamente. Acomodou todos novamente em seu carro e dirigiu-se ao local indicado.

— Por gentileza, poderia falar com a diretora deste abrigo?

— Um instante, por favor, vou chamá-la.

Assim que a diretora chegou, Marília explicou-lhe detalhadamente a situação.

— Gostaria que ficassem com as crianças provisoriamente para que sua mãe pudesse se internar para o parto que se aproxima. É possível? Assim que ela obtiver alta, virá buscá-las.

— Ficaremos por quinze dias. Dentro desse prazo a mãe terá de vir buscá-las, caso contrário serão encaminhadas para o Juizado da Infância e Juventude para que o Juiz decida o que fazer. Certo assim. Dona...

— Gertrudes! Não quero me separar de meus filhos, eles são a minha vida, as únicas coisas boas que tenho. Sou pobre e nada tenho na verdade, mas o amor de meus filhos me faz viver - respondeu com lágrimas nos olhos.

— Olhe Gertrudes, seus filhos só serão encaminhados para o Juizado se você não vier buscá-los após quinze dias; se vier dentro do prazo, eles estarão aqui à sua espera. Tenha certeza de que o que queremos é entregá-los a você, que é a

mãe deles. Esteja certa disso.

Marília estava perplexa. Admirava a coragem que tive-ra em socorrer Gertrudes. Nem se dava conta do adiantado da hora. Jamais pensara ter coragem de se envolver dessa maneira com pessoas completamente estranhas. Assim que as crianças foram recolhidas, Marília levou Gertrudes nova-mente até o hospital onde esta ficou internada para a rea-lização do parto.

Depois de tudo resolvido, lembrou-se de avisar Paulo de seu atraso e ir buscar Laís na casa de Isabela.

Quando Paulo a viu chegar, correu ao seu encontro preocupado; afinal, não se lembrava de uma única vez em que chegara a casa sem encontrar a esposa esperando.

— Querida, onde você estava? Deixou-nos todos preocupados. Dona Ana ligou-nos apreensiva com sua demora em ir pegar a Laís.

— Desculpe-me, Paulo, se o preocupei; já me desculpei com Dona Ana. Venha, vou contar-lhe o que aconteceu talvez você nem acredite.

Pegou o marido pela mão e levou-o até a sala onde se sentou ao seu lado. Chamou sua mãe e contou-lhes tudo que acontecera. Inês, antecipando-se ao genro, disse à sua filha:

— Filha, que atitude generosa a sua! Sinto-me feliz e orgulhosa de ver minha filha abrindo o coração para minimizar a dor alheia. Sinto que Jesus lhe enviou uma mensagem, Marília, seria muito bom que você compreendesse.

— Dona Inês, tenho a impressão de que pensamos a mesma coisa.

— Por Deus, digam-me o que estão planejando?

— Planejando?! Nada, querida; apenas Dona Inês e eu tivemos a mesma impressão.

— Impressão! De quê?

— Seu coração descobrirá e dirá para você mesma, é só aguardar. Mas saiba que me orgulho muito de você.

Marília não conseguia ainda se centralizar diante dos fatos. Tinha a sensação de que tudo acontecera com outra pessoa, não com ela.

Apesar disso trazia em seu coração uma tranqüilidade que lhe causava bem-estar. Resolvendo mudar os rumos da conversa, disse ao marido:

— Paulo, Laís e eu fomos visitar Isabela.

— Eu já sei querida, e fiquei muito contente.

— Ah! É verdade. Dona Ana ligou aqui para casa.

— Sim, e disse-nos que Laís e Isabela se deram muito bem. Conversaram bastante, leram livros de história, enfim, descobriram-se uma à outra e se divertiram muito. E você, o que achou de Isabela?

— Ah! Paulo é um amor de garota. Não se faz de vítima, ao contrário, enfrenta sua invalidez com coragem e alegria. É um exemplo para todos nós. Sabe querido, quando penso em mim, no desânimo, na melancolia, no quanto eu me isolei de vocês todos por conta da minha tristeza, sinto-me en-vergonhada do meu comportamento. Uma garota de dez anos com sua determinação exemplificou o que seu pai durante todo esse tempo tentou me ensinar e eu não fui capaz de compreender.

— Filha, não se entristeça nem sofra mais por isso. Sempre é tempo para aprender e você, creio eu, encontrou hoje o caminho; é necessário apenas enxergar o que está tão claro.

— Mãe, a senhora me confunde o que quer dizer?

— Calma, Marília, calma. Você estava a procura de um trabalho edificante por meio do qual pudesse exercitar o amor ao semelhante, será que essa tarefa não apareceu?

— Olha mãe, não sei realmente o que a senhora quer me dizer, mas, não importa, agora quero apenas tomar um banho e me preparar para o jantar.

Dizendo estar cansada, subiu para o quarto.

Paulo e Inês sorriram. Sabiam que algo muito importante aconteceria na vida de Marília, motivando-a a trabalhar e ser útil ao próximo.

— Dona Inês, que Jesus abençoe a todos nós para que possamos retomar nossa vida, senão com toda a alegria que tivemos, mas com a que podemos ter agora se cultivarmos a esperança e a fé no futuro.

— Tranqüilize-se, Paulo, Jesus não vai nos desamparar. Nossa vida sofreu uma mudança dolorosa que criou feridas em nosso coração, mas com a graça de Jesus descobriremos outros motivos para sermos felizes nessa nova fase de nossa existência.

— Dona Inês, às vezes me surpreendo pensando que Rubens tem razão, realmente deve existir a reencarnação que tanto ele tenta nos esclarecer, porque, se não existisse, se fosse apenas uma fantasia, não encontraríamos motivos ou respostas para tanto sofrimento pelo qual nós e tantas outras pessoas passam, sem compreender o porquê.

— Tem razão, Paulo, por meio dessa oportunidade de retornarmos à vida física animando outro corpo, em outra época, é que nos faz ter certeza da justiça divina.

— Tem muita lógica, Dona Inês, caso contrário, o Criador seria injusto com uma parte de sua criação. Quando me questiono sobre o

porquê da nossa separação do Fábio, não encontro aqui e agora uma explicação que justifique tanta dor.

— E como diz o Dr. Rubens, alguma coisa desprezamos em uma época anterior e que se faz necessário aprender nessa encarnação. Só não posso entender o que poderia ter sido feito para perdermos nosso Fábio dessa maneira, sendo ele tão jovem.

Paulo pensou um pouco e respondeu:

— Não sou entendido no assunto, mas talvez para que aprendêssemos, com a separação drástica, a desenvolver o amor de verdade; o Rubens poderia nos esclarecer melhor.

— É, pode ser Paulo, mas o que importa é o aprendizado do bem e do amor. O sofrimento doloroso deve se tornar, para quem o sente, uma alavanca a impulsionar para o conhecimento de verdade e para a prática do bem, fazendo emergir das cinzas a fé e a confiança em Cristo, para que se possa ir a busca da luz e da paz.

— A senhora tem razão, vamos nos esforçar para que isso aconteça conosco.

PROBLEMAS COM ANDRÉ

Após o incidente vivido por Marília, tudo começou a tomar novos rumos em sua vida. Sentindo um grande vazio em seu coração e incentivada por Paulo e Inês, deu um considerável salto para iniciar sua reforma interior e armazenar em sua alma princípios de grande fé, confiança e conhecimento que lhe dariam suporte para enfrentar novas dificuldades que aconteceriam em sua vida.

Procurando o médico amigo, este lhe orientou como iniciar o trabalho pelo qual seu coração ansiava; assim, apoiada pelo amor fraternal que nascera em seu íntimo, permitiu que esse mesmo amor enxugasse suas lágrimas e transformasse esse pranto em estímulo para iniciar sua caminhada rumo ao Criador, fundado uma casa de amparo às gestantes carentes da periferia.

Tudo era muito simples. Suas mãos com habilidade confeccionavam as roupinhas que formavam os enxovais, doados às futuras mães que freqüentavam os cursos ministrados por ela e Rubens.

Nunca deixava de ouvir as explicações de Rubens e a cada dia se interessava mais pelos ensinamentos da Doutrina Espírita. Convicta estava que só por meio do bem praticado sem interesse algum poderia encontrar a paz para seu coração e força para superar com dignidade cristã os revezes da vida.

Em uma de suas palestras, Rubens dissera:

— Jesus também caminha na Terra procurando certa categoria de doadores difíceis de encontrar — doadores de suor que trabalhem desinteressadamente na construção do reino de Luz. Irmãos, o Divino

Amigo nos bate à porta do coração nos pedindo serviço; sigamos adiante, guardando a felicidade de sermos, com Ele, os doadores de suor. (Fonte: Ideal Espírita — Aura Celeste — Chico Xavier)

Essa mensagem calara fundo no coração de Marília. Entendera a importância de se doar ao trabalho edificante sem esperar nada em troca; mas sabia também que não seria o fato de trabalhar em favor dos necessitados que a impediria de viver futuras preocupações e sofrimentos.

O bom médico sempre explicara que devemos fazer o bem pelo bem, sem achar ou esperar que com isso nos tornemos isentos de qualquer contrariedade ou prova que estivessem relacionadas com a nossa história. Nada se consegue de bom e duradouro se não se empenhar em compreender o amplo significado desse sentimento tão nobre que é o amor.

O coração de Marília se aquietara em relação ao sofrimento da separação de Fábio; não que a ferida tivesse cicatrizado, mas o sangramento da dor não lhe impedia de continuar vivendo e nutrindo sua alma com os ensinamentos evangélicos de Jesus, e isso levava paz ao seu coração e serenidade para continuar o trabalho que abraçara.

O tempo, sem se importar com as tristezas ou alegrias dos encarnados, seguiu sua rota e três anos se passaram desde a desencarnação de Fábio.

O trabalho de Marília ganhara força. Além dos enxovais, as gestantes passaram também a receber alimentos, a freqüentar cursos em que aprendiam a tratar seus filhos, física e espiritualmente, além das consultas ginecológicas quinzenais.

Tudo transcorria dentro do previsto pela espiritualidade amiga. Marília conseguira realmente enxugar suas lágrimas exercitando o amor.

Certa tarde, regressando ao lar, Marília encontrou sua mãe esperando-a com ansiedade e assim que entrou percebeu a aflição de Inês ao dizer-lhe:

— Graças a deus você chegou Marília!

— O que foi mãe, por que esse nervosismo todo?

— Filha, soube de algo que me deixou impressionada e, para falar a verdade, com muito medo.

— Diga-me o que foi!

— Sabe o Marcos, o amigo do André que nunca se separa dele?

— Sim, claro que sei quem é, mas o que tem ele?

— Dona Gracinda me disse hoje que ele faz uso da maconha e não tem o menor pudor ou preocupação de esconder isso.

— Lamento mãe, mas o que tem isso que ver conosco? Entendo que se torna um problema para os pais dele e não nosso. Espero que saibam solucionar essa questão da melhor forma.

— Você não entendeu Marília; o meu receio é que, como o André é muito amigo dele, possa se influenciar e cair no mesmo erro, isso se já não aconteceu o pior.

— Mãe! - exclamou Marília indignada.

— Por que o espanto, Marília? Nos tempos de hoje ninguém pode dizer que está totalmente seguro quanto à questão das drogas.

— Mãe, estou segura porque dei a ele uma boa educação e não acredito que caia nessa armadilha. Por Deus, acho que ele jamais faria isso!

— Também penso como você, mas acho prudente ficarmos atentas, André está com quinze anos, idade em que os adolescentes questionam, exigem e quando não encontram respostas que lhes satisfaçam ou as que querem ouvir procuram nos lugares errados, com pessoas erradas, costumes e práticas que só trazem enganos e desgostos.

— A senhora pensa isso mesmo, mãe? Acha que o André poderia se envolver com drogas?

— Filha, não estou afirmando, estou apenas dizendo que precisamos ficar atentas e observar as atitudes do André, afinal, ele é igual a muitos adolescentes e geralmente todos eles sofrem certa influência dos amigos mais chegados. Não custa ficarmos atentas.

— Vou conversar com o Paulo e ver o que ele pensa a esse respeito.

— Faça isso, Marília, faça isso!

Assim que sua mãe se afastou, Marília subiu para seu quarto com a intenção de tomar um banho e esperar a hora do jantar. Passou pelo quarto de André e sentiu desejo de entrar para abraçar o filho. Parou em frente à porta e sem vacilar segurou a maçaneta e

empurrou. Ao verificar a porta trancada por dentro, estranhou. Bateu levemente e com carinho chamou o filho:

— André, sou eu, filho, abra a porta para que eu possa entrar.

— O que quer mãe?

— Nada, filho, apenas abraçar você e saber do seu dia, só isso. Posso entrar? - perguntou Marília.

— Para com isso, mãe, que "mico" é esse? Quer entrar no meu quarto só para me abraçar?

— Claro, filho, que mal há nisso?

— Não vou abrir mãe, estou ocupado, mais tarde a senhora me abraça.

Marília abafou seu desapontamento e dirigiu-se para seu quarto.

Lembrou-se de Fábio, e a saudade bateu forte em seu peito.

— Que Jesus abençoe você, filho. Que sua caminhada rumo à evolução espiritual seja sedimentada no amor ao nosso pai e a seus semelhantes. A saudade que sinto de você é grande demais, torna-se quase uma dor física, mas procuro transformá-la em estímulo para continuar trabalhando e amparando

as mãezinhas necessitadas. Creio eu que agindo assim fico em harmonia com você e com minha própria evolução. Fique com Deus, meu filho.

Marília sentiu uma sensação agradável percorrer-lhe o corpo.

— Dr. Rubens tem razão - disse para si mesma —, cada um é responsável por sua vida. Se teimamos em preencher nossos dias com lamentações, revolta e desespero, torna-se impossível encontrar a paz para nosso coração. Mas, se a fé e a confiança em Deus forem o estandarte a abrirem o caminho por onde

devemos passar, com certeza enfrentaremos todas as dificuldades e transtornos trabalhando com dignidade e fraternidade, encontrando assim a paz para nossa alma. Somente o amor exercitado pode amenizar a dor que dilacera nosso coração quando vemos um filho querido partir. A alegria proporcionada

ao semelhante traz ao nosso coração a paz e o equilíbrio como recompensa pelo esquecimento de nós mesmos. É Dr. Rubens tem razão, vou a frente ao meu trabalho.

Marília não se dava conta, mas espíritos amigos energizavam aquela mãe sofrida para que seu espírito se fortalecesse e se preparasse para nova provas e dor.

— Cale gemidos e suspiros frustrados, decidindo realmente servir. O amor puro é a síntese de todas as harmonias conhecidas. A fraternidade é o pacto do Amor Universal entre todas as criaturas perante o Criador. Nossa alegria somente viceja em conjunto com a alegria de muitos. De que vale a alguém o título de herói numa tragédia. Onde estará o benefício de uma santidade que terá brilhado no deserto, sem ser útil a ninguém?

Com o Espiritismo nasceu na Terra a fé raciocinada.

Você, portanto, interiormente, está livre para ajudar a você mesmo, consciente qual se encontra de que auxiliar com desinteresse

aos outros é interpretar vivamente a filosofia de Cristo, é consolidar a segurança do próprio bem. (Fonte Ideal Espírita, André Luiz/Chico Xavier).

NO MUNDO DAS DROGAS

Marília colocou o marido ciente do que sua mãe lhe contara. Paulo, como era de esperar, ficou preocupado e não descartou a possibilidade de André estar realmente envolvido com maconha, assim como seu amigo Marcos.

— Sua mãe tem razão, Marília. É necessário ficarmos atentos com as atitudes de André.

— Mas, Paulo, você acha que nosso filho se envolveria com algo dessa natureza?

— Querida, André tem apenas quinze anos. Os adolescentes são influenciáveis pelos amigos, pelo consumo, enfim, não possuem ainda uma personalidade bem definida, madura, segura, em razão disso tudo é possível. Convém ficar vigilante.

Os olhos de Marília encheram-se de lágrimas. O medo tomou conta de sua alma. Era como se uma porta se abrisse à sua frente e ela temesse ultrapassá-la por não saber o que encontraria do outro lado. Incerteza, insegurança e receio foram os sentimentos que rapidamente tomaram conta de seu coração. Paulo, percebendo o estado em que ficara sua esposa, abraçou-a afetosamente dizendo:

— Querida, não fique assim. Para que sofrer por anteci-pação, se não temos certeza de nada porque nada sabemos? Vamos ficar vigilantes, bem atentos, nos aproximarmos mais do nosso filho, enfim, tentar ajudá-lo se alguma coisa realmente estiver acontecendo. Se mantivermos a calma, poderemos perceber a situação como ela realmente é.

Mais tranqüila Marília respondeu:

— É, Paulo, você tem razão. Não sei o que seria de mim se não tivesse você ao meu lado, sempre me apoiando, con-fortando. Você é um grande companheiro e eu sinto um amor muito grande por você.

— Eu também, querida, eu também a amo muito.

Delicadamente, abraçou-a beijando-a nos lábios.

Quinze dias se passaram. Conforme o combinado não se descuidaram de André. Atentos às mínimas reações do jovem procuravam dar atenção e se aproximavam cada vez mais.

— André, está tão quieto, filho, nem se alimentou di-reito. O que há com você, o que o preocupa?

— Nada me preocupa mãe, pode me deixar em paz?

— Não é o que me parece, sinto-o tenso.

— É coisa minha, mãe, dá licença?!

— Por que a agressão, André? Feri você com minha observação?

Empurrando a cadeira, André levantou-se e saiu da sala indo trancar-se em seu quarto. Laís correu a abraçar a mãe.

— Não fique triste, mamãe, André anda muito nervoso!

— E você sabe por quê?

— Talvez seja porque não está indo bem na escola.

— Não está indo muito bem no colégio?! O que é isso, Laís, não pode ser, ele mostrou-me a caderneta escolar, suas notas estão muito boas.

— É que...

— Diga Laís, o que você está me escondendo? O que sabe que ainda não sei?

— Bem, mãe, é que ele e o Marcos falsificaram as notas.

Marília empalideceu.

— Ele o quê?

— É isso mesmo, mãe, o André falsificou as notas.

— O que você está afirmando, Laís, torna-se inacreditável para mim. André falsificando notas na caderneta?! Não nisso, não posso!

— Fique calma, mãe, afinal isto não é tão grave assim.

— Engano seu, Laís, é grave sim, e o mais grave é o que deve estar por trás dessa atitude leviana e perigosa do seu irmão.

— Como assim, mãe?

— Veja filha: se André está indo tão mal na escola ao ponto de falsificar suas notas, alguma coisa mais grave está acontecendo que motivou o seu desleixo com os estudos e o induziu a cometer esse ato perigoso e reprovável de falsificar o boletim.

— É... a senhora tem razão, mãe!

Marília decidida a esclarecer o fato, bateu na porta do quarto de André.

— Abra filho, por favor.

— O que a senhora quer, mãe?

— Falar com você, André.

— Eu não quero falar com a senhora, me deixa quieto.

— Por favor, André, abra essa porta e vamos conversar um pouco. Não tenha receio, quero apenas conversar com você.

— Outra hora, mãe, agora não quero, e pára de ficar pegando no meu pé.

Desanimada, Marília respondeu:

— Está bem, como você quiser.

Virou-se e foi até seu quarto. O medo tomou conta de seu coração. Sentiu-se perdida e insegura diante da maneira como André a tratara. Elevou seu pensamento até Deus e suplicou ao Pai ajuda para

resolver com sabedoria o que a atormentava. Com a voz da alma orou ao senhor:

— Senhor, conheces minhas dúvidas e meus medos. Sabes o quanto sou ainda imperfeita, mas mesmo assim... me amas! Não posso esconder de Ti a fraqueza que muitas vezes atinge a minha alma e é nessa hora, Senhor, que meu coração, procurando-te para se acalmar, enche-se de certeza do Teu amor por mim; então... desabafo e choro! Nem sempre tenho forças para lutar, mas em todos os momentos procuro-te para falar de mim e mostrar o que me aflige. Quantas vezes perdida e pedindo-te ajuda, sinto Tua presença na paz que me invade e me leva ao descanso das minhas dores; nessa hora, Senhor, consigo perceber as flores da primavera desabrochando no amanhecer de um novo dia e fazendo-me lembrar que nenhuma dor pode ser maior que o Teu amor por mim.

Entrego-me a esse amor divino e, amparada pela fé que se renova em meu ser, levanto-me e prossigo.

A emoção de Marília fez-se presente nas pequenas gotinhas de lágrimas que desciam pelo seu rosto e transformavam-se em uma brilhante luz azul que a envolvia dando-lhe paz e confiança no futuro. Mais uma vez Deus demonstrara Seu amor pelos seus filhos; era o Criador amparando Sua criatura, era a resposta vinda do Mundo Maior direto para o coração de Marília.

A porta de seu quarto se abriu e Paulo entrou.

— Querida, Laís me contou o que aconteceu. Como você está, e André?

— Agora estou bem, Paulo. Mais uma vez consegui acalmar meu coração conversando com Deus, e mais uma vez Deus entendeu minha alma.

— Fico feliz por você. É bom vê-la forte e confiante, disposta a lutar pela nossa felicidade e a de nossos filhos.

— É, mas estou muito preocupada com o André. Não tenho mais dúvida de que alguma coisa está acontecendo com ele e não é coisa boa. Onde já se viu Paulo, falsificar notas da escola!

— Vamos ver isso, Marília, vou agora mesmo conversar com ele.

Sem demora foi direto bater na porta do quarto de André.

Assim que ouviu a voz segura e enérgica de seu pai, André abriu a porta do quarto e permitiu que ele entrasse. Paulo sentou-se ao pé de sua cama e, com prudência e carinho, mas sem perder a autoridade incentivou o filho a falar.

— O que acontece com você, meu filho, que provoca comportamento que não condiz com o que você sempre foi um filho amoroso e educado?

— Não está acontecendo nada, pai!

— Penso que esteja sim, André, e nós, sua mãe e eu, não estamos gostando nada disso. Se você se abrir conosco, seja o que for, faremos tudo para ajudá-lo a resolver o problema.

— Mas, pai, não há problema algum comigo e...

— E...?

— Se eu disser com certeza vocês não vão entender.

— Experimente filho!

— Você e mamãe, como a maioria das pessoas, dos pais, principalmente, são preconceituosos quanto a isso, não compreendem realmente o que seja e vão julgando erroneamente.

— Por favor, André, seja mais claro e não ponha palavras em nossa boca.

— Pois bem, já que o senhor quer saber, eu estou fumando maconha!

— Você... o quê?

— O que o senhor ouviu pai, estou fumando maconha. Mas já vou dizendo que não é ela que está mudando meu comportamento como o senhor disse. A maconha não faz mal algum.

Paulo empalideceu. Recuperando seu autocontrole disse ao filho:

— Mas é claro que é por causa disso que você anda tão diferente. Por Deus, meu filho, por que procurou a droga? O que esperava encontrar? Por que foi em busca do sofrimento seu e nosso, já não bastou o que passamos? Por que e para que andar na corda bamba e comprometer sua vida, sua saúde e seu futuro?

— Está vendo? Não disse que não entenderiam que são como a maioria, preconceituosos!

— Não se trata de preconceito e sim de algo que você acende hoje e te apaga amanhã.

— Pai, o senhor não sabe o que está dizendo. A maconha não é uma droga e, ao contrário do que se pensa, não faz mal algum.

— Engano seu, filho, a maconha é uma droga sim e, na maioria dos casos, é a porta de entrada para outras drogas mais pesadas que sempre levam seus adeptos à morte.

— Mas o que é isso, pai, estou só me divertindo, zoando, e fique o senhor sabendo que a hora que eu achar que devo parar, eu paro numa boa. O senhor está levando tudo isso muito a sério.

— Temos de levar isso a sério, porque é sério.

— Já disse que quando quiser eu paro.

— Será, filho?

— Claro, pai, claro! O Marcos sempre diz que, quando ele enjoar e quiser, ele pára. Comigo será a mesma coisa, os jovens fumam apenas para curtir, zoar, o senhor consegue entender?

— Não quero e nem posso entender como alguém pode comprometer sua vida apenas para curtir e zoar como você diz. Não é arriscar demais?

— Pai, não estou arriscando nada!

— Está sim, André. Se a maconha fosse algo bom, por que se fuma escondido? Por que é proibida pela lei? Se fosse tão inofensiva, como diz, não induziria seus usuários a mentir, a esconder esta prática, a agredir a família e relaxar nos estudos chegando ao extremo de falsificar notas como você fez, enfim, não os levaria a abandonar seus ideais de moral e honestidade e passar a viver escravo desse vício nocivo, dessa inimiga que age lentamente, mas que deixa seqüelas, com certeza.

— Vou dizer mais uma vez para ver se o senhor consegue entender: maconha não é droga, portanto não vicia.

— Vou insistir que é um grande engano seu, filho, é droga sim e raramente não provoca danos naquele que dela faz uso. Vamos fazer o seguinte, André, telefone para o Dr. Rubens e peça-lhe que venha conversar com você. Ele, melhor do que eu poderá lhe explicar o mal que essa droga faz ao corpo humano.

— O senhor acha mesmo necessário colocar o Dr. Rubens nessa história?

— Acho! Sua mãe e eu podemos dar-lhe nosso amor, ampará-lo para que possa pular fora dessa canoa furada e perigosa enquanto é tempo; mas o Dr. Rubens poderá mostrar-lhe cientificamente os danos que poderá sofrer seu corpo, sua mente e, principalmente, seu espírito. Você concorda em ouvi-lo?

— Vou fazer isso para satisfazer o senhor, mas garanto que ele não mudará minha opinião a respeito.

— Vamos aguardar André.

Paulo levantou-se retirando-se do quarto do filho. Seus ombros curvados eram um sinal evidente da dor que ia à sua alma.

— Então, querido, como foi a conversa?

— Não sei dizer-lhe, Marília, mas, enfim, conversamos - respondeu Paulo.

— E aí, diga-me! O que achou a que conclusão chegou?

— Cheguei à conclusão de que devemos procurar nosso amigo Rubens, mais uma vez, e pedir-lhe ajuda.

— Por quê, é tão sério assim?

— Preste atenção, Marília, nosso filho é usuário de ma-conha e não nega acha normal e defende esta erva como se fosse a coisa mais natural usá-la.

— Não é possível!

— Sim, é possível e real, minha querida.

— E o que vamos fazer Paulo?

— Já disse pedir ajuda, sem constrangimento, à única pessoa que conhecemos e que nos ajudara com conhecimento e amizade.

— Faça isso o quanto antes, Paulo, pelo amor de Deus, faça isso!
— disse Marília angustiada.

SEGREDO DESCOBERTO

— Por que me chamou mãe?

— Não vou nem lhe responder. Marcos, porque tenho motivos para acreditar que você sabe a razão.

— Motivo?! Motivo do quê, mãe?

— O motivo pelo qual o chamei aqui.

— Se você me disser, ficarei sabendo.

— Não se faça de bobo. Marcos, o que você fez com o relógio de ouro que ganhei de aniversário de seu pai?

— Relógio de ouro? O que fiz? O que é isso, mãe, está me acusando de roubo?

— Gostaria que tudo fosse um engano, filho, mas creio que foi você quem o pegou.

— E o que faria com um relógio de ouro?

— Venderia Marcos!

— Pode me dizer para que venderia seu relógio?

— Para pagar ou para comprar alguma coisa que nem ouse dizer, meu filho.

— Quer saber, e você já me encheu o saco! Não sei por que fico aqui ouvindo suas bobagens!

Virou as costas para sua mãe e ia saindo apressado, quando a voz de Laura soou alto e firme.

— Fique onde está e não ouse me desafiar!

— Por quê? - gritou Marcos. — Vai me bater?

— Por que sou sua mãe e me deve respeito.

Marcos, com um sorriso sarcástico, respondeu:

— Respeito? Eu lhe devo respeito? Justamente você que não me respeitou quando eu era indefeso, quando apenas iniciava minha vida?

Laura, empalidecendo, respondeu:

— O que está dizendo, enlouqueceu?

— Não, Dona Laura, não enlouqueci, mas para ser franco não sei como isso não aconteceu quando soube do que fez comigo quando apenas começava a existir.

— Meu Deus, mas o que foi que fiz de errado com você?

— Tentou me matar!

Laura sentou-se. Cobriu o rosto com as mãos e perguntou ao filho quase num sussurro:

— Por que diz isso, Marcos?

— Por que sei que foi assim.

— Mas quem lhe disse isso?

— Você!

— Eu!

— Sim, você mesma!

— Quando, Marcos, quando foi isso?

— Quando contou essa história para tia Elvira.

— Você... escutou?

— Sim, mãe, escutei e nunca a perdoei. Já que você nunca me quis, resolvi lhe dar motivos para que tivesse razão.

Laura, pela primeira vez, se assustou diante do que fizera no passado. Percebeu que as conseqüências do ato que imaginava ter caído no esquecimento estavam mais presentes do que nunca em sua vida. Com voz trêmula e medrosa perguntou ao filho:

— Por favor, Marcos, conte-me o que sabe.

— Para que reviver isso agora?

— Por favor, conte-me!

— Quer mesmo que eu fale Dona Laura?

— Sim!

— Pois bem, você pediu. Foi em um dos encontros seu e da tia Elvira. Recorda que naquela época, uns anos atrás, vocês se encontravam todas as quintas-feiras para tomar chá aqui em casa? Pois bem, em uma dessas visitas ouvi uma conversa de vocês.

— Então, Laura, como está a questão do seu ciúme em relação ao Pedro?

— Ah! Elvira, o ciúme que eu sinto do Pedro já está fora do meu controle. Sofro só de pensar que ele pode estar sorrindo para outra pessoa. Quero-o só para mim, só para mim.

— Você precisa se controlar, Laura, foi por causa desse ciúme que nunca mais quis ter outros filhos, não foi?

— Claro já basta dividi-lo com o Marcos, é mais que suficiente; por mim não teria tido nem ele, mas nada do que fiz para interromper a gravidez deu certo, lembra? O jeito foi aceitar.

— Santo Deus, no início de sua gravidez você parecia uma louca tentando evitar a qualquer preço que fosse para frente.

— É verdade, Elvira. Tomei tudo o que me ensinaram, fiz tudo que podia e que não devia, mas nada adiantou. Cheguei ao extremo de enfiar em mim mesma agulha de tricô para provocar o aborto, só que mesmo assim Marcos vingou, e o remédio foi aceitá-lo e dividir com ele o amor de Pedro.

— É, Laura, tudo na nossa vida será sempre como Deus quiser e Ele quis que Marcos vivesse e hoje é um lindo menino.

— Aí está Dona Laura, o grande respeito que teve pela minha vida e ainda tem coragem de exigir que eu a respeite?

Laura não emitia nenhum som. Seu coração batia acelerado, o suor cobria seu corpo e um nó parecia apertar-lhe a garganta. Com muito esforço conseguiu dizer ao filho:

— Há quanto tempo sabe desse episódio?

— Há cinco anos!

— E... foi por isso que entrou para as drogas, por minha culpa?

— Não sei se por sua culpa ou por minha própria culpa. O que sei é que perdi o respeito por você; a frustração de não ser esperado, não ser amado, fez-me buscar outro caminho.

— Marcos, pelo que vejo você não escutou o fim da conversa entre Elvira e eu. Se eu lhe disser que o amo muito, meu filho, você acredita?

— Gostaria de acreditar. Queria muito acreditar, mas não consigo.

— Por quê?

— Porque não me lembro de ter recebido um beijo seu no meu rosto ou uma palavra que pudesse me estimular crescer e ser feliz. Suas palavras sempre foram de críticas que me afundavam mais e mais.

— Filho, isso foi há muito tempo, eu mudei, você é que não percebeu. Saiba que eu o amo, meu filho, muito!

— Mas eu não entendo sua maneira de amar, pelo menos não é a maneira que eu entendo o amor maternal. E fique sabendo que não fui eu que tirei seu relógio, não cheguei a este ponto ainda.

Dizendo isso, saiu deixando sua mãe com o rosto entre as mãos, amargando as lágrimas de arrependimento. Dirigiu-se à casa de André.

— Por favor. Dona Marília, poderia falar um instante com o André?

— O que deseja falar com ele. Marcos?

— Nada de importante, só conversar um pouco. Diante do olhar indagador de Marília, acrescentou;

— Não se preocupe, vou realmente apenas conversar.

— Conversar sobre o quê, Marcos?

— É que briguei com minha mãe. Preciso conversar com alguém, sabe como é Dona Marília, desabafar com um amigo.

— Olha Marcos, vou deixá-lo entrar, mas, por favor, se é mesmo amigo de André, queira o bem dele, já que não está preocupado com o seu próprio.

Marília levou-o até o quarto de André.

ARREPENDIMENTO

Assim que Marcos saiu, Laura não se conteve e caiu em copioso pranto. Pela primeira vez, em tantos anos, começava a ter noção da extensão do mal que fizera ao filho que rejeitara no passado. Sua cabeça rodava, impedindo-a de raciocinar com clareza sobre a situação que vivia.

— Que faço meu Deus! Que louca fui a comentar com Elvira, mais uma vez, esse fato que só me causa vergonha. Não sei com quem me aconselhar a quem recorrer nesse momento. Não posso falar com Pedro. Ele nunca soube o que

fiz; imagino que se souber, vai me odiar.

Laura mergulhou em profundo abatimento.

Seus sentimentos eram confusos. Não conseguia definir com exatidão por que sofria se por ela ou por Marcos. De repente lembrou-se de Elvira.

— Elvira! Claro! Por que não me lembrei antes dela! - exclamava para si mesma.

Levantou-se e sem demora ligou para a cunhada.

— Elvira.

— Sim! - ouviu-se do outro lado da linha.

— Elvira, sou eu, Laura.

— Oi, Laura, tudo bem com você?

— Não, amiga, nada bem comigo. Você não imagina o que aconteceu hoje, ou melhor, agora há pouco. Estou perdida!

— Conte-me, Laura. O que aconteceu para deixá-la assim tão ansiosa?

— Não posso falar por telefone. Poderia vir até aqui? Por favor, Elvira, diga que sim!

— Está bem, quando quer que eu vá?

— Hoje, agora! Por favor!

— Agora, Laura?

— Sim! Por tudo que é mais sagrado, venha agora.

— Está bem. Dentro de uma hora mais ou menos estarei aí.

Laura sentiu-se mais aliviada. Confiava em Elvira e sabia que ela poderia ajudá-la com seus conselhos.

Enquanto isso, Marcos desabafava com André.

Sentia-se magoado. Não furtara o relógio de sua mãe como ela havia acusado. Fazia muita coisa errada, sim, mas nunca furtara nada em sua vida.

— Mas ela o acusou mesmo. Marcos?

— Sim, André, acusou. Disse claramente que sabia por que eu furtara. Acreditava que para comprar ou pagar dívida de droga.

— Ela disse "droga", com todas as letras?

— A palavra em si não. Mas deixou bem claro que era o que pensava.

— Ê, Marcos, estamos em uma enrascada. Meus pais também descobriram que fumamos maconha.

— Verdade?!

— E o que pretendem fazer?

— Levar-me para conversar com um médico amigo deles, o Dr. Rubens. Eu já lhe falei sobre ele.

— Essa não!

— E tem mais!

— Diga!

— Já têm conhecimento da falsificação das notas.

— André, como você foi deixar que descobrissem?

— Foi a linguaruda da Laís que contou para minha mãe.

— E agora, o que vai fazer?

— Nada! Fazer o que eles querem. Falar com o tal médico.

— Que "mico", hein, André?

— Não, Marcos, "mico" nenhum. Graças a Deus descobrimos tudo a tempo de poder ajudá-los.

Os dois olharam espantados para Marília que, sem que eles percebessem, entrara no quarto levando uma bandeja de suco.

— Mãe!

— Desculpem-me, esqueceram de fechar a porta e não pude deixar de ouvir a conversa de vocês. Entristece-me ver dois jovens saudáveis, com famílias bem constituídas, tendo todas as oportunidades de conquistar uma vida digna de estudo, trabalho, enfim, vivendo em um lar de verdade onde recebem carinho e amor, enveredarem para o caminho da droga.

— Mãe, já disse que maconha não é droga.

— É sim, André! É uma droga traiçoeira que ataca e destrói lenta e sorrateiramente seus adeptos.

— Mas, Dona Marília, não sentimos nada de diferente! - exclamou Marcos.

— Ainda não Marcos. Mas se continuarem com essa prática leviana, imprudente e enganosa, logo vão sentir os primeiros efeitos, e as conseqüências fatalmente virão.

— Dona Marília, pode ser que o André não tenha motivos para isso, mas eu tenho, e motivo sério.

— Verdade, Marcos? Eu poderia saber qual é? Quem sabe posso ajudá-lo.

Marcos olhou para André. Incentivado pelo olhar do amigo relatou a Marília todo o seu drama, sem nada omitir. Marília sentiu um aperto em seu coração por imaginar quanto devia sofrer aquele coração ainda jovem que sabia ter sido rejeitado e acreditava não ser amado por sua mãe. De maneira maternal, segurou suas mãos e lhe disse:

— Marcos, imagino quanto deve sofrer, mas penso que não devemos nos desviar do caminho do bem, violentando nosso corpo, estragando nossa saúde, por não conseguirmos compreender e muito menos aceitar as fraquezas dos outros, mesmo que seja nossa mãe. Um erro nunca vai justificar o outro. Você já tentou conversar com sua mãe, conhecer os motivos, as fragilidades que a fizeram agir desse modo?

— Acabei de ter uma conversa com ela, mas foi a pior possível. Não existem motivos que justifiquem o que ela fez. Não sei Dona Marília, acho que não valeria a pena tentar conversar de novo.

— Pode ser Marcos, mas lembre que somos fracos e imperfeitos e acredito que ela também deve sofrer remorso pelo que fez. Dê-lhe

oportunidade de desabafar e dizer-lhe que te ama. Esses anos todos não foi uma boa mãe?

— Devo reconhecer que sim. Quando era pequeno não me recordo de receber seus carinhos, mas, a partir dos sete anos, quando entrei para a escola, realmente foi carinhosa e muito boa mãe para mim.

— Então, Marcos, converse com ela, saiba o caso por inteiro, assim poderá avaliar com mais justiça.

— E, ela me disse que eu não tinha escutado o fim da conversa dela com minha tia Elvira.

— Está vendo? Mais uma razão para voltar a conversar seriamente com sua mãe. Faça isso!

— A senhora acredita que ela me ama?

— Acredito, acredito sim! - exclamou Marília com firmeza.

— Eu vou pensar. Prometo que vou pensar.

— Que bom Marcos. Por falar nisso, já que falamos de franqueza, por que não acompanha o André no encontro com o Dr. Rubens? Poderá lhe fazer muito bem e com certeza ajudá-lo bastante.

— É, pode ser talvez eu vá.

— Seria o ideal se vocês resolvessem essa questão juntos; um daria força para o outro. Agora, se me dão licença...

Marília saiu deixando os dois amigos sozinhos.

— Puxa, sua mãe é esperta, heim, cara?

— Sabe, cara, eu falei para eles tudo o que você disse para mim, mas não consegui convencê-los. Estão apavorados. Têm receio que eu me envolva com as drogas pesadas.

— Mas você não explicou que maconha não é droga, que não vicia!

— Expliquei cara, mas eles não acreditam e não aceitam. Estão convencidos que é droga sim e querem a todo custo me afastar disso.

— "Sujou", heim, cara! Por falar nisso, estou precisando. Topa?

— Sei não Marcos!

— Deixa de ser molenga, André!

— "Tá" bom, "vamo" lá.

Saíram sem avisar Marília.

Acreditavam poder resolver seus problemas e não conseguiram perceber quanto iam se afundando no caminho incerto e perigoso do vício.

Marília da janela de seu quarto pôde vê-los saindo. Seu coração apertou e seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Meu Deus, o que será que nos espera? Por qual sofrimento ainda teremos de passar, Paulo e eu?

Fechou as cortinas, cerrou os olhos e orou ao Senhor por aqueles dois adolescentes que mal começavam a viver e já comprometiam suas vidas com a inconseqüência.

EM BUSCA DO PERDÃO

Assim que Elvira chegou, Laura correu a abraçá-la.

— Obrigada por ter vindo, estou desesperada.

— Por Deus, Laura, estou ansiosa para saber o que aconteceu de tão grave que a deixou nesse nervosismo todo.

— O Marcos, Elvira, ele descobriu tudo o que aconteceu quando engravidei dele.

— Tudo?! Mas tudo o quê?

— Tudo mesmo, Elvira.

— Como ele conseguiu saber disso se nem o Pedro sabe?

— Pois é! Em uma de nossas conversas aqui em casa ele ouviu tudo o que dissemos a esse respeito.

— Há quanto tempo foi isso?

— Mais ou menos cinco anos.

— E nesse tempo todo ele não disse nada para você?

— Nada! Mas eu já havia percebido a mudança de comportamento do Marcos. Somente agora ele disse que desde aquela época ficou revoltado. Hoje está metido com maconha, e não acredita que eu possa amá-lo e ter me arrependido do que fiz.

— Meu Deus, Laura, ele jamais deveria ter tomado conhecimento dessa loucura sua.

— Eu sei, mas o que posso fazer? Não foi de propósito que falei para ele escutar. Agora não sei o que fazer Elvira. Ajude-me, pelo amor de Deus!

— Veja você, Laura: pensamos que as coisas que fazemos se perdem no passado, acreditamos que tudo não passa de lembranças tristes e nada mais, ou então que são fatos que jogamos no canto do nosso coração e os esquecemos. Mas esses mesmos fatos ressurgem no nosso presente e ameaçam-nos de maneira muitas vezes assustadora.

— Mas o que faço agora? Estou confusa e temerosa com o que possa acontecer aqui em casa.

— Agora, Laura, é encarar os fatos e tentar resolvê-los da melhor maneira possível. Acho que deve começar com uma conversa séria, adulta e franca com o Marcos.

— Mas dizer o quê, se ele já sabe de como tudo aconteceu, e pelo visto não me perdoou?

— Laura, controle-se e pense: o Marcos ouviu apenas uma parte da história, como você mesma disse. Conte-lhe o que falta, o que aconteceu depois. Abra seu coração para ele e deixe seus sentimentos saírem livremente. É disso que ele está precisando nesse momento: ouvi-la. Quanto ao perdão, se não for de imediato, virá posteriormente. Dê-lhe o tempo de que ele precisar.

Laura ficou pensativa por uns minutos e em seguida disse à cunhada:

— Você tem razão! Preciso enfrentar a situação, não dá mais para fugir. Só espero que ele tenha boa vontade para me ouvir.

— Talvez esteja esperando por isso.

— E Pedro? O que faço quanto ao Pedro?

— Escute Laura, Pedro é outra história. Você sustentou esse casamento com este segredo entre vocês, e nada é verdadeiro entre duas pessoas quando existe mentira entre elas. Faça uma coisa de cada vez.

— Tem razão, Elvira. Vou seguir seu conselho, eu estra-guei, eu devo consertar.

— É verdade, só você poderá tirar do coração do Marcos o mal que causou a ele, a dor que dilacera seu coração. Mas faça rápido, pois o tempo que desperdiçamos que perdemos, jamais poderá voltar.

Laura permaneceu pensativa por alguns instantes.

Lembrou-se do momento em que começou a perceber quanto amava seu filho e quanto ele passara a ser a pessoa mais importante

na sua vida. "Fora uma tola, uma inconstante", dizia para si mesma.

— Ei, Laura, acorda! - exclamou Elvira.

— Desculpe-me. Estava pensando no amor que sinto pelo meu filho e nunca soube demonstrá-lo da maneira como ele precisava.

— Então demonstre agora. Devemos sempre acariciar e dizer palavras de afeto para as pessoas que amamos, no presente, no hoje, porque amanhã elas poderão partir e nós também.

— E aí a oportunidade se quebra e o momento passa, não é isso?

— Exatamente, Laura!

— Você tem razão. Mais uma vez você tem razão, Elvira. Eu lhe agradeço pelo auxílio que me deu no momento de maior angústia, obrigada. Amanhã mesmo chamarei o Marcos e tentarei ter uma conversa com ele.

— Por que não hoje?

— Hoje ele chega tarde. Vai assistir ao show de um amigo dele que toca em uma banda. Possivelmente quando chegar estarei dormindo.

— Pensando bem, é melhor mesmo que seja amanhã, assim você terá esfriado sua cabeça e estará em melhores condições para se entender com ele. Mas, por favor, Laura, já que tudo veio à tona, não lhe esconda mais nada.

— Não, Elvira, não pretendo esconder nada, acredite.

Dizendo isso, Laura levantou-se e foi até a cozinha buscar um refresco para ambas.

— Pobre, Laura - pensou Elvira —, está sendo vítima dela mesma. Quantos dissabores podemos evitar se agirmos com mais prudência, sem nos atropelarmos no nosso próprio egoísmo.

O som da voz de Laura chamando-a fez com que Elvira fosse ter com a cunhada.

A prudência deve ser constante em nossa vida. Agir com leviandade traz conseqüências que vão nos machucar posteriormente, e nem sempre podemos consertar o estrago feito nos corações das pessoas e no nosso próprio.

Temos de ser fortes para viver.

Temos de acreditar que tudo está envolvido dentro de uma programação muito bem elaborada para nosso progresso espiritual.

Deus não nos dá o que pedimos, mas sempre o que precisamos. Se nos rebelarmos contra a vontade do nosso Criador, um dia, em algum lugar do futuro ou da eternidade, perceberemos que, como sempre, nosso Pai estava certo e justo e nos envergonharemos de nossas atitudes.

Nossas ações devem controlar nossos pensamentos, as marés avançam para as praias e recuam novamente para o mar, assim também será nossa tristeza que se tornará o ontem, se permitirmos que a alegria se torne o hoje.

Devemos sempre nos esforçar para aprender a amar e, por que não, nos comportar de uma maneira que possamos ser amados.

Mais que tudo é adquirir serenidade e paz para nosso espírito. Só conquistamos a paz quando não manchamos nosso coração com o mal causado pelo desamor. O cuidado para não ofender ninguém, seja qual for o motivo, deve ser criterioso, porque nem sempre conseguimos eliminar dos ouvidos das pessoas o som de nossa voz que pronunciou o mal, ou mesmo a dor que foi causada por leviandade nossa.

O hábito de sorrir para a vida deve ser cultivado apesar de todas as dificuldades e violências que a humanidade está sofrendo por conta de alguns que vivem sem Deus. Quando conseguimos sorrir, os nossos problemas são reduzidos ao seu tamanho real.

Se a tristeza nos visitar e demorar em se retirar, é importante nos mantermos ocupados para não termos tempo de ficar tristes.

Tudo passará um dia! É importante nós nos lembrarmos disso!"

CONVERSA FRANCA

No dia seguinte, Laura amanheceu animada. Conseguira dormir bem à noite e sentia-se confiante.

— Farei tudo como de costume - pensou. Não vou deixar que minha ansiedade atrapalhe minha rotina caseira.

— Tudo bem com você, Laura? - perguntou Pedro, assim que sentou à mesa para o desjejum.

— Claro, Pedro, tudo bem! Por que a pergunta?

— Não sei. Pareceu-me um tanto ansiosa, apesar de sua aparente animação. Aconteceu alguma coisa que não é do meu conhecimento?

— Não aconteceu nada, Pedro! - exclamou Laura demonstrando impaciência.

— Está bem, apenas preocupei-me com você. Já que está bem...

Tomou o café servido pela esposa e dirigiu-se ao trabalho. Em seguida Marcos apareceu pronto para ir ao colégio.

— Marcos, gostaria de ter uma conversa com você.

— Para quê, mãe? O que tem a me dizer?

— Muita coisa, meu filho, ou melhor, tenho tudo a lhe dizer e gostaria que me ouvisse.

— Sem essa, mãe, não "tô" a fim. Já sei o que vai falar, vai tentar explicar o que não tem explicação e procurar diminuir sua culpa.

— Meu filho, não vou tentar explicar nem diminuir minha culpa, porque concordo com você; não tem explicação que justifique o que fiz e sei que sou culpada sim. Quero apenas me abrir com você, dizer da

minha insegurança daquela época, da minha fraqueza e da total falta de maturidade. Dizer também o final da conversa que você não ouviu e é muito importante que saiba.

Percebendo a franqueza e humildade de sua mãe. Marcos sentiu seu coração se enternecer. Sem o sarcasmo costumeiro disse a Laura;

— Pois bem, mãe, podemos conversar, mas não agora. Tenho prova e não posso me atrasar.

— Quando chegar do colégio, após o almoço, pode ser?

— Pode. Vamos combinar assim: às quinze horas, está bem?

— Está, filho, para mim está ótimo.

Laura mal podia acreditar que Marcos concordara. Era a grande oportunidade para se harmonizar com seu filho. Era o que mais queria e precisava. Abriria seu coração sem reservas - pensava —, sem medo ou constrangimento e tudo nos mínimos detalhes seria dito. Posteriormente teria com Pedro a mesma conversa que evitara por tantos anos.

A manhã transcorreu lenta em relação à ansiedade de Laura. Mal conseguia se concentrar em seus afazeres domésticos. Temia perder de maneira irreparável o amor de seu único filho.

— Por que caímos em erros tão graves? - dizia para si mesma. Matar um filho inocente por meio de um aborto, como pude ser tão mesquinha e insensível ao tentar realizar ato tão vil?

A cada pensamento seu coração acelerava os batimentos e o medo se agigantava em seu peito.

O toque do telefone trouxe-a de volta à realidade.

— Alô!

— Laura, sou eu, Elvira.

— Oi, amiga! Que bom falar com você, estou tão ansiosa que tenho a impressão de que as horas pararam e o tempo não sai do lugar.

— Nossa o que está acontecendo?

— Combinei com o Marcos hoje às quinze horas para termos a conversa que há muito tempo evitei, mas que agora é necessária e não dá mais para adiar. Estou nervosa e temerosa com o que poderá acontecer após nosso encontro.

— Coragem, minha amiga. A verdade é sempre preferível que a mentira. Você já não ouviu falar que a mentira tem pernas curtas? Sabe por quê? Porque a verdade tem voz e um dia todos escutarão a voz da verdade, não importa quanto tempo passe. Mas muito cuidado, não conserte um erro cometendo outro. Conte-lhe toda a verdade, limpe sua alma e acalme a dele.

— É o que pretendo fazer. Vou tirar dos meus ombros este peso que carrego há tantos anos.

— E Pedro?

— Farei o mesmo com Pedro. Já o enganei demais, agora chega, quero passar minha vida a limpo.

— Faça isso, Laura. Estou torcendo por você. Jesus vai iluminá-la, porque Ele nunca condenou ninguém. No que precisar conte comigo.

— Obrigada, Elvira.

— Então boa sorte. Amanhã nos falamos de novo.

— Tudo bem. Um beijo.

Assim que desligou o telefone, Laura sentiu um desejo enorme de se comunicar com Deus. Fez silêncio em sua alma e entregou-se à prece, confiando e suplicando auxílio Àquele que ampara sempre os que erram e se arrependem.

A hora esperada e temida por Laura finalmente chegou.

Sentada em frente ao filho, torcia nervosamente as mãos enquanto buscava palavras que explicassem o que tanto queria dizer.

— Vamos, mãe, diga logo o que tem para me falar, estou esperando! - exclamou Marcos também nervoso, mas tentando dar um ar irônico à sua voz.

— Não é fácil para mim, filho, dizer para você quanto eu errei; quanto fui mesquinha e egoísta.

— E... não deve ser mesmo! Vamos ser práticos; diga apenas o motivo que fez com que você me rejeitasse não me quisesse em sua vida, tentasse me matar. É só isso que quero saber, o porquê de tudo.

— Preste atenção no que vou lhe dizer e faça um esforço para me compreender, embora eu admita que tenha motivo suficiente para não aceitar.

— Fale!

— Quando eu era ainda bem nova pequena mesmo, comecei a perceber a diferença com que minha mãe me tratava em relação aos meus irmãos. Tudo de melhor, de mais bonito, de mais caro, era para eles. O carinho, os abraços, a atenção, enfim, cresci sentindo-me rejeitada, preterida, e não conseguia entender o porquê dessa atitude de minha mãe, até que um dia descobri que era adotada.

— Que é isso, mãe! Quem adota uma criança age por um ato de amor; não faz sentido tratar mal um filho que adotou porque quis. Não tem nenhuma lógica.

— Concordo com você. Marcos. Mas nem sempre os motivos que levam a essa adoção são de amor.

— Como assim? Não entendi.

— Na realidade, sou filha de meu pai com outra mulher que morreu no parto quando nasci. Não tendo outra saída, meu pai foi obrigado a contar à esposa dele que tinha uma filha, enfim, contou toda a história de sua infidelidade. Não tendo com quem deixar-me, obrigou-a a aceitar-me como filha e ela legalmente tornou-se minha mãe. Mas ela nunca me perdoou por ter entrado em sua vida sem ser esperada ou desejada. Ela já tinha dois filhos e considerava-me uma intrusa que usufruía do amor de meu pai e dos meus irmãos sem ter direito algum.

— E por que então ela aceitou?

— Por medo de perder meu pai.

— E o vovô não fazia nada?

— Durante algum tempo lutou muito para que eu fosse aceita e amada de verdade por sua esposa, mas depois desistiu. Tratava-me bem, mas sem nenhuma atenção ou carinho especial. Talvez movido pelo remorso de ter traído a esposa, não queria magoá-la ainda mais e deixou que as coisas corressem como mamãe determinava.

— Mas o que tudo isso tem que ver comigo?

— Quando conheci seu pai, apaixonei-me perdidamente por ele e fui correspondida. Nunca ninguém me tratara com tanto amor e carinho. Quando nos casamos decidi que não queria ter filhos para não dividir com ninguém o amor que recebia pela primeira vez em minha vida. Tinha receio de agir como minha mãe e começar a achar que meu filho era um intruso e que iria roubar de mim o amor do homem que eu amava. Entrei praticamente em uma obsessão pelo amor de seu pai e tinha convicção que com um filho perderia o que tanto custara para receber.

— E papai, também não queria ter filhos?

— Queria, sempre quis desde que casamos, mas eu sempre inventava motivos para que isso não acontecesse. Quando engravidei de você, entrei em pânico e não preciso dizer o que fiz porque você já sabe.

— É essa parte sei muito bem.

— Então vai saber agora o que ainda não sabe. Durante seus primeiros anos de vida reconheço ter sido uma mãe displicente, fria, sem dar maior atenção a você. Quanto mais seu pai o amava, mais

minha cabeça se confundia e eu achava que perdia o amor que ele sentia por mim. Quando você completou sete anos, foi acometido de uma doença muito séria que o levou a ficar internado no hospital por um mês. Foi aí, filho, quando corri o risco de perdê-lo que percebi quanto eu também amava você, o quanto queria que você vivesse e pedi a Deus do fundo da minha alma que não o tirasse de mim, que me perdoasse e permitisse que você ficasse comigo, mesmo que eu perdesse o amor de Pedro. Eu só queria tê-lo junto de mim. Deus me concedeu a graça de sua recuperação, e se você fizer um esforço. Marcos, puxar pela memória, vai lembrar que a partir daí eu mudei totalmente em relação a você. Fui uma boa mãe, dei carinho e passei a valorizar a bênção de um filho em nossa vida. Eu te amo, meu filho! Acredite em mim, eu te amo! - repetiu Laura. — Perdoe-me! Às vezes a gente chega ao amor pelo caminho mais sofrido e hoje só quero que saiba quanto é amado por mim.

Os olhos de Marcos encheram-se de lágrimas. Abriu os braços e aconchegou sua mãe em seu peito, em um gostoso abraço.

— Eu a perdôo, mãe! Perdôo sim, porque senti em suas palavras e vejo no brilho dos seus olhos a emoção do seu coração. Sinto que me ama, sim, e era só isso que precisava saber.

Laura, como uma criança, deixou-se levar pelo sentimento de bem-estar e paz que invadiu sua alma e, aconchegada ao filho, chorou.

Após extravasar toda sua emoção, disse:

— Você não imagina o peso que eu carregava em meu peito. Marcos, e agora, o alívio que sinto por limpar meu coração dessa incoseqüência que cometi no passado. Obrigada, filho querido!

— Eu te amo também, mãe - respondeu Marcos não menos emocionado.

Lembrando-se do pai, perguntou a Laura:

— E papai, sabe dessa história?

— Não! Ainda não, mas saberá hoje mesmo. Não quero mais nenhuma mentira entre nós. Hoje entendo que o amor tem diversas formas e uma não anula a outra, se for verdadeiro.

— É isso aí, mãe. Bem, tudo foi esclarecido. Fica "fria". Dona Laura, vamos continuar nossa vida sem mágoas, cobranças ou julgamentos. Com o papai quem tem de resolver é você, quanto a mim, "tá limpo"; "tô" indo nessa.

Levantou-se e quando ia saindo, ouviu a voz de Laura:

— Ei, mocinho, hoje finalizamos uma questão, mas tem outra para resolvermos, lembra?

— Qual?

— A questão do seu envolvimento com a maconha.

— Podemos falar disso outra hora?

— Podemos, mas sem demora, porque é uma questão importante.

— Ok. Uma coisa de cada vez, mãe - respondeu

Marcos saindo.

Laura permaneceu no mesmo lugar. Seu pensamento divagava. Não acreditava que tudo que mais temia chegara ao fim e, o que era

mais importante, de uma maneira que ela jamais imaginara que aconteceria.

Marcos entendera e a perdoara, e o que era melhor, dissera que a amava.

O tempo passou sem que ela percebesse. Somente deu-se conta quando ouviu a voz de Pedro chamando-a.

— Laura, o que faz sentada aí com esse ar tão absorto? Aconteceu alguma coisa?

Nesse instante, Laura lembrou-se de que ainda teria de vencer outra batalha: Pedro.

— Oi, querido, não chegou mais cedo hoje?

— Não, sabe que horas são? Quase dezenove horas, você não percebeu?

— Meu Deus, perdi a noção do tempo! - exclamou.

— O que aconteceu para deixá-la assim. Onde está o Marcos, brigaram outra vez?

— Saiu, e ao contrário do que pensa não brigamos, nos encontramos.

— Explique-me.

— Pedro, por favor, sente-se aqui ao meu lado, preciso contar-lhe uma coisa.

— Nossa quanto mistério!

— É sério, Pedro, muito sério. Gostaria que me ouvisse com atenção e depois sintasse livre para resolver fazer o que seu coração mandar.

Pedro sentou-se ao lado da esposa. Laura, bem mais tranqüila, narrou-lhe tudo o que contara a Marcos, sem nada omitir. Pedro a tudo escutava com uma expressão de surpresa e incredulidade no rosto. Quando a esposa terminou, disse-lhe:

— Estou realmente perplexo com tudo isso. Por que você nunca me contou? Escondeu esse sentimento por tanto tempo, se martirizando, quase cometendo o ato vil do aborto, quase impedindo de termos nosso filho do nosso lado. Por que não se abriu comigo? Poderia ter evitado toda essa história, para você e para o Marcos.

— Por medo de perder você, se descobrisse a coisa horrível que tinha feito.

— Mas, se tivesse confiado no meu amor por você, saberia que nosso filho não iria nos separar, ao contrário, iria nos unir mais, pois era o fruto, a prova do nosso amor. O amor de um pai jamais sufoca o amor de um homem por sua esposa, se ele a amar de verdade, e eu sempre a amei de verdade, Laura. O amor é um sentimento elástico, quanto mais damos, mais ele cresce. Devia ter confiado mais em mim, no meu sentimento por você.

— Me perdoa Pedro, por favor!

— Não sou eu quem tem de perdoá-la, é você mesma que deve tirar a culpa do seu coração, se harmonizar com Deus pelo cumprimento de Suas leis.

— Você... não vai me deixar?

— Não, Laura, eu não vou deixá-la, porque meu coração ainda sente o mesmo amor por você, mas gostaria que aprendesse a confiar em mim, entender as diversas formas de amar. Devemos desejar a felicidade de nossos entes queridos e a felicidade só é possível por meio da sinceridade e do amor que se exercita naturalmente, sem egoísmo, sem apego e sem nos colocar como o centro do Universo. Todos temos o direito de amar e ser amados.

Laura levantou-se, e sentando-se no colo do marido, beijou-lhe delicadamente o rosto e lhe disse emocionada.

— Obrigada, Pedro. Hoje sei quanto fui tola, incoseqüente e fraca. Tão tola que nem pude perceber o homem maravilhoso que tenho ao meu lado.

— Já passou Laura, o importante é que o Marcos compreendeu e a perdoou; isto quer dizer que daqui para frente voltamos a ter paz aqui em casa.

Os dois continuaram abraçados por algum tempo, até que escutaram a batida da porta e a voz de Marcos gritando:

— Mãe, estou com fome!

A PASSAGEM DE ISABELA

Naquela manhã de outono, Isabela acordou sentindo-se um pouco indisposta.

Assim que Dona Ana entrou no quarto, estranhou o fato de Isabela estar ainda dormindo. Abriu as cortinas e se aproximou da menina para ajudá-la a se levantar. Olhou a cadeira de rodas ao lado de sua cama e, sem ter explicação, sentiu um aperto no coração.

— Isabela, acorde, está na hora de levantar-se para ir à escola.

— Não estou dormindo Dona Ana - respondeu Isa-bela —, estou apenas com os olhos fechados.

— Não está se sentindo bem, querida?

— Não sei dizer direito o que sinto, mas estou sem forças, sem vontade, parece que meu corpo pesa e não quer sair da cama.

— Não é um pouco de preguiça, sua mimadinha?! - exclamou Dona Ana brincando e dando um beijo em seu rosto.

— Não, não é Dona Ana, estou mesmo indisposta. Será que vou ficar gripada?

— Pode ser! Quer que eu lhe traga o café aqui no quarto?

— Não sinto vontade de comer. Não estou com fome.

— Nem um chá ou um suco de laranja de que você gosta tanto?

— Obrigada, Dona Ana, mas não quero nada mesmo, a não ser ficar quieta.

Fechou novamente os olhos.

Dona Ana começou a ficar preocupada. Nunca vira Isabela assim desanimada. Olhou mais atentamente para a menina e percebeu seu rosto pálido e a feição triste. "Vou chamar Dr. Rubens", pensou; pode ser que ela esteja mesmo doente.

— Por favor. Dona Ana, feche novamente as cortinas e deixe-me ficar mais um pouco na cama. Não vou à escola hoje.

Dona Ana atendeu ao pedido de Isabela. Fechou as cortinas, cobriu a menina com extremo carinho e foi direto ao telefone falar com Rubens.

— Por favor, senhorita, aqui é a governanta da casa do Dr. Rubens, preciso falar com ele com urgência.

— Um momento senhora - ouviu-se do outro lado da linha. Dona Ana esperou com um pouco de impaciência.

— Alô! Dona Ana, aconteceu alguma coisa com Isabela?

— Não sei, mas estou preocupada com ela.

— Diga-me por quê!

— Não quer se levantar da cama, disse que não vai à escola porque está indisposta e também não quis aceitar o desjejum.

— A senhora notou em Isabela alguma alteração significativa?

— Notei que está muito pálida um pouco febril e um olhar muito triste. Gostaria que o senhor viesse vê-la.

— Fique tranqüila, em quinze minutos estarei aí.

Dona Ana voltou novamente ao quarto de Isabela. A menina continuava na mesma posição, de olhos fechados e a palidez acentuara um pouco mais. Colocou a mão na testa de Isabela e verificou que continuava febril.

— O que será que tem essa menina, meu Deus. Ontem ela estava tão bem!

Sentou-se na poltrona ao lado de sua cama e ficou aguardando a chegada do Dr. Rubens.

— É a senhora que está aí Dona Ana? - perguntou Isabela com voz fraca e sem abrir os olhos.

— Sim, querida, sou eu. Chamei seu pai para vir vê-la. Deve estar chegando. Fique tranqüila, não vou sair de perto de você.

Passado um curto espaço de tempo, Rubens entrou no quarto. Com carinho aproximou-se de sua filha e depositou um beijo em sua face.

— Então, meu anjo, o que você está sentindo?

— Não sei explicar, papai. Sinto uma fraqueza muito grande, é como se não tivesse força para nada. Quero apenas ficar quieta e dormir.

Rubens com delicadeza e carinho examinou a filha minuciosamente. Constatou que realmente ela estava febril. Fez-lhe algumas perguntas e optou em levá-la até o hospital para fazer alguns exames e chegar ao diagnóstico correto.

— Não quero ir ao hospital, papai!

— Filha, é o hospital onde o papai trabalha. Gostaria que o Dr. Alex a examinasse. Estarei com você a maior parte do tempo. São necessários alguns exames para saber o que exatamente você tem.

— Está bem!

Rubens ligou pedindo que a ambulância viesse buscá-la. Instalada no quarto de hospital, Isabela pediu ao pai que buscasse sua amiga Laís para ficar com ela.

— Por favor, papai, gostaria muito de conversar com ela. Ela é minha amiga, traga-a aqui.

— Filha, você veio apenas para fazer alguns exames, eu já lhe expliquei. Ficaré pouco tempo aqui. Amanhã ou depois estará em casa novamente, aí sim, buscarei a Laís para lhe fazer companhia.

— Pai, sinto algo muito estranho em mim. Não sei explicar, mas pressinto que não voltarei mais para casa.

Rubens espantou-se. Abraçando a filha com emoção lhe disse:

— Filhota, não fale assim. São apenas alguns exames. Você ficará boa logo, acredite no que estou lhe dizendo.

— Está bem, papai, acredito. Mas, por favor, traga a Laís aqui, quero ficar perto dela, é minha única amiga.

— Se é o que você quer, mandarei o motorista buscá-la.

— Obrigada, pai. O senhor sabe quanto eu amo o senhor, não sabe?

— Sei filha. Mas saiba que é o meu amor por você que dá sentido à minha vida; o seu sorriso é que traz alegria ao meu coração e a sua força é o exemplo que eu tento seguir. Papai ama você, filha, mais que tudo nessa vida.

Os dois se abraçaram de uma maneira surpreendente. Isabela experimentou a sensação de despedida, como se fosse a última vez que abraçava seu pai.

Dona Ana presenciava tudo sem entender nada nem por que Isabela estava tão aflita se ainda não tinha feito nenhum exame e nada sabiam a respeito do que ela poderia ter.

— Vocês se comportam como se fossem se separar definitivamente. O que é isso, Isabela? E o senhor, Dr. Rubens, não são apenas exames que ela vai fazer?

— Claro Dona Ana, é que Isabela é muito amorosa; é assim desde a mais tenra idade. Bem, agora vou chamar o Dr. Alex para vê-la e posteriormente fazermos os exames que ele julgar necessário. Com licença.

— Não se esqueça da Laís! - exclamou Isabela.

— Dona Ana, por favor, diga ao motorista que vá até a casa da Dona Marília e peça-lhe permissão para trazer a Laís.

— Voltarei em um instante, Isabela.

Saiu e Isabela se viu sozinha. Sentiu uma dor forte no peito e teve medo. Pensou em sua mãe, seus irmãos e orou a Jesus para que a amparasse.

— Meu Deus, não sei o que tenho nem o que vai me acontecer, mas seja o que for, confio em Vós e sei que não estou sozinha. Venha em meu auxílio. Assim seja.

Tudo aconteceu muito rápido. Uma dor mais forte, outra, e uma parada cardíaca transportou Isabela para o mundo dos Espíritos.

Isabela desencarnara na flor de sua adolescência.

— Dr. Rubens, o senhor precisa reagir se alimentar. Por tudo o que já passou o que já sofreu sem nunca se desesperar, confie mais uma vez em nosso Pai que está no céu.

— Ele tirou, mais uma vez, um ente querido meu.

— Não, Dr. Rubens, Deus não nos tira nada e o senhor sabe tão bem disso porque foi o senhor mesmo quem me ensinou. Como o senhor sempre diz, a resposta vamos encontrar um dia em algum lugar do futuro.

— Dona Ana, não é desespero nem revolta o que sinto, mas uma tristeza tão grande que tira de mim todas as minhas forças. Separei-me de minha mulher e de meus filhos no dia que era para ser um dos

mais felizes para nós. Sou um homem só, tive tudo e agora nada tenho. O que fazer de minha vida se não possuo mais objetivo, ideal? O que fazer com essa casa enorme, com o fruto do meu trabalho? O que faço com tudo isso? Encontrei força da primeira vez, mas será que conseguirei novamente?

— Posso imaginar Dr. Rubens; pelo tamanho da minha dor, posso imaginar a do senhor. Mas é preciso reagir, ter fé e esperança. Tudo o que nos acontece nasce de uma causa o senhor me ensinou isso. Hoje não conhecemos a resposta, mas futuramente, no retorno, tudo será compreendido. O senhor sempre foi uma pessoa boa, nosso Pai dará um jeito de lhe trazer forças. O senhor aceita um café?

— Prefiro um chá. Se puder trazer-me, fico agradecido. Enquanto isso vou dar uma olhada nas coisinhas de Isabela.

Dona Ana saiu. Rubens, dirigindo-se ao quarto de Isabela, começou a mexer nos objetos da filha, com a saudade cortando-lhe a alma. Após alguns instantes, observou em cima da cama, ao lado do travesseiro, um envelope branco. Pegou-o e leu: "Papai".

O coração de Rubens disparou e ele empalideceu.

Dona Ana, ao entrar trazendo a bandeja com o chá, encontrou-o ainda segurando o envelope, sem coragem de abrir.

— O que é isso?

— Dona Ana, veja! Encontrei perto do travesseiro de Isabela.

— Que estranho! - exclamou Ana. — Abra Dr. Rubens, vamos ver o que tem aí dentro.

Com mãos trêmulas, Rubens abriu o envelope. Em uma folha perfumada e cheia de florzinhas miúdas desenhadas, estava escrito:

Papai, nunca esqueça que eu te amo! Há dois dias sonhei com um anjo e no sonho ele me disse que viria me buscar porque era chegada a hora do meu retomo. Que eu não tivesse medo, pois a bênção de Jesus iria me amparar. Sou ainda uma criança, não entendo dessas coisas nem sei se o que a gente sonha acontece. Pensei, então, em escrever para o senhor caso seja verdade e isto aconteça realmente, queria lhe pedir que não se desespere nem sofra tanto, porque como disse o anjo estarei amparada pelo amor de Jesus. Sou muito feliz porque o senhor é o melhor pai do mundo, eu o amo e, com certeza, se eu partir, sentirei muita saudade. Mas maior que a nossa dor e a nossa saudade é o amor de Deus por nós. O senhor me ensinou que o amor enxuga as lágrimas e, se eu não estiver mais aqui, é porque chegou a hora do grande amor que o senhor tem nesse coração enorme enxugar suas lágrimas mais uma vez.

A Laís me contou que a mãe dela trabalha como voluntária em uma entidade que cuida de gestantes carentes, ajudando na confecção dos enxovais. Nossa casa é tão grande, transforme-a em um abrigo maternal. O senhor melhor do que eu sabe como fazer isso. Faria bem a mim, ao senhor e às mãezinhas que não têm um teto para se abrigar e ter seus filhos com segurança.

O desespero não soluciona problema algum; a dor não vai impedir o sol de brilhar; a tristeza não evitará que a luz da verdade e do amor fraternal deixe de iluminar os caminhos daqueles que acreditam no Pai; enfim, papai, troque suas lágrimas pelo suor vertido em benefício da felicidade do próximo para que encontre a sua paz e a

sua harmonia. Tudo o que existe vem de Deus; nós viemos de Deus e é para Ele que retornamos; o Pai nos une e nos separa por um curto espaço de tempo, comparado à eternidade. O senhor deve estar estranhando uma menina escrever tudo isso, mas é o anjo que está me dizendo e eu acredito muito nele. Ele é lindo, papai!

Sabe, papai, acho que é verdade o que ele me disse, é possível que eu vá mesmo me encontrar com ele, mas onde eu estiver o meu amor estará com o senhor. Diga à Dona Ana que gosto muito dela e agradeço todos os seus cuidados comigo. Não se esqueça de dizer para a Laís que ela foi a única amiga de verdade que eu tive.

Se nesse momento suas lágrimas estiverem embaçando seus olhos, demonstrando toda a sua dor, lembre-se do que o Dr. Rubens ensina para todos aqueles que sofrem: "O amor enxuga as lágrimas". É chegada a hora de mais uma vez o senhor enxugar as suas por meio do amor Eu te amo! Isabela.

— Veja Dr. Rubens, o auxílio divino veio pela própria Isabela. Ela mesma lhe deu a resposta do que fazer com sua casa tão grande, com seus objetivos e com sua vida, e isso o senhor vem fazendo há anos.

— Deus colocou ao meu lado um anjo para me ajudar a caminhar, agora, Ele quer que eu caminhe sozinho. Que meus pés tenham força para prosseguir.

Os soluços de Rubens e Ana ecoavam no quarto sobre-pondo a qualquer som que pudesse existir. Naquele momento não estavam ali governanta e patrão, mas, sim, dois seres que sofriam a penosa dor da separação.

— As pessoas que amamos vão embora e nós não podemos impedir, o que podemos e devemos compreender é que a vida jamais se extingue, sofre mudanças, transformação, mas sempre existirá de alguma maneira e em algum lugar.

Quando o sol se põe, e a noite desce, na verdade ele não acabou apenas está iluminando outra parte do mundo. Os seres que amamos quando nos deixam não significa que deixaram de existir. A nossa veste carnal acaba, sim, mas o nosso espírito nasce do outro lado da vida para prosseguir a sua evolução. O amor quando verdadeiro une as pessoas, não importa onde estejam nem o tamanho da distância.

Francisco de Assis disse: "A nossa vida é como o sol, nasce e se põe, obedecendo a um determinado espaço de tempo para tornar a nascer. Nada morre eis aí a nossa alegria."

Vós que compreendeis a vida espiritual, escutai as pulsações de vosso coração chamando esses entes bem-amados, e se pedirdes a Deus para os abençoar, sentireis em vós essas poderosas consolações que secam as lágrimas, essas aspirações maravilhosas que vos mostrarão o futuro prometido pelo Soberano Senhor. (Evangelho Segundo o Espiritismo — Capítulo V, item 2)

AS DROGAS

Marília entrou nervosa no quarto de André. Pela primeira vez faria algo que contrariava seus princípios de respeito em relação aos pertences dos outros.

Sem conter seu nervosismo começou a mexer nas coisas dele, procurando o que, na realidade, tinha medo de encontrar. "Não é possível que ele não consegue entender o perigo a que está se expondo", pensava, enquanto mexia desordenadamente em tudo o que encontrava. "Tantas vezes conversamos, mostrei a ele o mal que a maconha pode trazer ao corpo e à alma. Quando me acalmo, pensando que ele finalmente entendeu, cai essa bomba sobre minha cabeça."

O quarto parecia ter sido atingido por um vendaval, tamanha confusão feita por Marília.

— O que está fazendo no meu quarto? - perguntou André encostado na porta.

Marília virou-se rapidamente e por alguns instantes teve medo da reação do filho. Ia responder quando novamente André gritou:

— Quem te deu o direito de entrar no meu quarto e mexer nas minhas coisas?

— O fato de ser sua mãe me dá esse direito quando percebo que você está se envolvendo com prática perigosa.

— Engano seu. Nem a senhora tem esse direito; a senhora é minha mãe, não minha dona, e da minha vida cuido eu!

Marília um pouco descontrolada respondeu quase gritando:

— Enquanto viver sustentado pelo seu pai e aqui na nossa casa, você tem deveres para conosco e um deles é nos respeitar!

— O que quer dizer com isso? Quer que eu vá embora?

Marília sentou-se na cama e cobrindo o rosto com a mãos chorou.

— Filho, não quero que vá embora daqui, nós amamos você, queremos o seu bem, que seja feliz. Por que você não larga o vício? Veja o mal que está fazendo a você, a nós que somos sua família. Tornou-se irônico, agressivo, enfim, mudou seu comportamento conosco.

— Que mal, do que a senhora está falando?

— Fui chamada na escola e me disseram que você e o Marcos foram suspensos por uma semana porque foram pegos fumando maconha no pátio na hora do recreio. A diretora me disse que se acontecer novamente serão os dois expulsos do colégio. O que você me diz?

André perdeu a valentia.

Sabia que não teria mais nenhum argumento e que não conseguiria enganar e mentir mais para sua mãe.

— Por que faz isso, filho? O que procura? O que pensa que vai conseguir entregando-se ao vício? Não percebe que a maconha poderá levá-lo à perdição, à desgraça, ao sofrimento e até à prisão? O seu pai e eu deixamos de fazer alguma coisa que provocou essa sua atitude? Diga-me o que falta a você?

André continuava cabisbaixo. Não tinha o que responder porque sabia que não existiam motivos para levá-lo a essa imprudência. Sempre fora amado e respeitado por seus pais, nem ele mesmo sabia por que tinha entrado nessa loucura. Lembrava apenas que fora Marcos quem apresentara a maconha para ele. Diante do silêncio do filho, Marília aproximou-se dele e dentro do possível tentou ser calma e prudente.

— André, pelo visto você não vai conseguir se livrar sozinho, você precisa de ajuda e o Marcos também. Gostaria que o chamasse aqui com seus pais para conversarmos e ver o que podemos fazer para salvá-los enquanto é tempo.

Dizendo isso, Marília saiu do quarto deixando para ele a tarefa de recolocar tudo no lugar.

Assim que Paulo chegou, tomou conhecimento pela esposa de tudo o que acontecera.

— Marília, parece-me mais sério do que supúnhamos. Você fez muito bem em chamar os pais do Marcos; nós quatro teremos mais condições de encontrar uma solução para o problema.

Na casa de Marcos a mesma cena se repetia. Laura e Pedro, temerosos com o mesmo fato de que tomaram conhecimento na escola,

tentavam encontrar uma solução quando Laura teve a mesma idéia de Marília.

— Boa idéia, Laura. Juntos poderemos encontrar o melhor caminho para resolver essa situação.

— Eu havia dito ao Marcos que precisávamos ter uma conversa sobre esse assunto, mas ele sempre fugia dizendo ter de ir para a escola, fazer isto ou aquilo, enfim, nunca tinha tempo.

— Bem, agora é concentrar nossa atenção nesse fato concreto: nosso filho é um dependente da maconha. Vamos tentar ajudá-lo.

— Vou ligar para a Marília e combinar o dia e horário para nos encontrarmos.

— Faça isso, Laura!

A imprudência do homem faz com que ele traga para si mesmo os motivos da infelicidade e da doença. Afunda-se nos vícios do alcoolismo, das drogas, do tabagismo, enfim, cai na incoseqüência que mutila o perispírito e aniquila o corpo físico. Esta atitude enganosa projeta-o na inconsciência de que um dia, mais cedo ou mais tarde, pagará muito caro para aprender. Esses vícios prejudicam o espírito por várias encarnações. Aquele que compreende a energia da vida, a bênção do corpo físico, dá a ele somente o que ele necessita, ou seja, alimentação saudável e correta; preza suas horas de sono, de descanso, participa da vida com prudência e equilíbrio, em troca conquista a felicidade verdadeira que é o cultivo das virtudes que nos aproximam do Criador (Irmão Ivo).

Marcos e André, sentados na sala ao lado de seus pais, mantinham a cabeça baixa como se quisessem dizer com essa postura que nada tinham a declarar. Paulo, adiantando-se aos demais, disse:

— Gostaria que nos dissessem o que aconteceu que fez com que trouxessem a droga para a vida de vocês, causando-nos preocupação e medo.

— Não houve nada, Sr. Paulo - respondeu Marcos. — Apenas aconteceu.

— Como aconteceu Marcos? - indagou Pedro. — Foi por causa do problema que enfrentava com sua mãe?

— Não sei pai, pode ser eu não sei.

— E você, André, que motivos teria para desprezar os ensinamentos que nós demos a você e enveredar por um caminho perigoso?

— Mãe, depois que o Fábio morreu a senhora se esqueceu de todo mundo. Vivia chorando pelos cantos, nem se lembrava de mim ou da Laís, ou mesmo do papai. Eu comecei a me sentir sem importância alguma para vocês, sei lá, só sei que aconteceu. Experimentei uma vez e gostei, é isso.

— Não culpe sua mãe ou a mim, André. Ela pode ter errado, mas foi a maneira que ela encontrou de passar por aquele sofrimento, e nem por isso foi se afundar na maconha para esquecer. Você entrou porque quis várias vezes alertamos você e sua irmã sobre o perigo dessa droga, só que parece que

você não compreendeu nada.

— Sr. Paulo - disse Marcos —, a maconha não é droga e a gente pára a hora que quiser.

— Quem lhe disse isso Marcos, que maconha não é droga?

— Ora, pai, todo mundo sabe disso.

— Qual todo mundo, André? - disse Marília nervosa. O todo mundo a que você se refere são as mesmas pessoas que pensam como vocês, que fumam como vocês e que não têm nenhum limite do que é certo ou errado. Estas pessoas não são "todo mundo". As pessoa lúcidas, inteligentes, que têm objetivo de vida, corajosas e querem uma vida de saúde, paz e progresso tanto material como espiritual, não pensam nem agem como este "todo mundo".

— Vocês estão fazendo uma tempestade sem razão. Todo jovem hoje fuma ou já fumou maconha! - exclamou André.

— E você acha certo isso, filho? Os inteligentes, os espertos, com certeza já largaram porque perceberam o mal a que estavam se expondo. Os que continuam é porque já estão atolados no regime pernicioso do vício e não conseguem vislumbrar quanto podem ser felizes vivendo dentro da

normalidade e do bom senso.

Pedro, percebendo que os dois jovens necessitavam realmente de uma ajuda especializada, de alguém mais capacitado para orientá-los, disse a Paulo:

— Paulo, sei que você tem amizade com o Dr. Rubens. Eu não o conheço pessoalmente, mas já ouvi falar muito bem desse médico, da sua capacidade e da boa vontade em auxiliar as pessoas. Não poderíamos encaminhar os dois para uma consulta com ele?

Marília, adiantando-se ao marido, respondeu de pronto:

— Há um tempo eu tinha planejado e combinado com o André que o levaria para uma entrevista com ele, convidei até o Marcos para nos acompanhar.

— E por que razão não foram não quiseram?

— Na realidade não foi isso. O fato é que o Dr. Rubens sofreu a perda de sua única filha, de uma maneira estranha e completamente imprevista. A menina amanheceu indisposta e em menos de vinte e quatro horas, sem que nada ainda tivesse sido feito, ela desencarnou.

— Meu Deus! - exclamou Laura.

— Foi realmente muito triste - continuou Marília. Tínhamos um carinho enorme pela menina. Era a melhor amiga da Laís, que até hoje sofre pela separação da amiga. Enfim, devido a esse lamentável acontecimento, achei melhor adiar e respeitar o momento de dor de um pai. Sei quanto é difícil e dolorosa a separação de um filho e sei também quanto esse bondoso médico já sofreu.

— Nesse ponto você tem razão, Marília. Vamos aguardar um pouco mais, está ainda muito recente - disse Paulo.

— O que fazemos, então? - perguntou Laura, medrosa e insegura.

Paulo, com voz firme, dirigiu-se aos dois jovens.

— O que vamos fazer é ficar cada vez mais atentos com vocês, prestar atenção em tudo que fazem e aonde vão, e não vamos desistir de orientá-los quanto ao risco que estão correndo, enfim, esperamos que tenham um pouco mais de

juízo. Saibam que serão cobrados quanto aos seus deveres para conosco e com a escola. Assim que meu amigo Rubens retornar ao seu trabalho rotineiro, marcarei uma entrevista com ele. Certo estou de que ele não se negará a auxiliar-nos.

A maconha, ao contrário do que muitos dizem, faz muito mal e tem um poder viciante muito forte, sim, e a dependência psíquica varia de pessoa para pessoa. Suas substâncias cancerígenas são 60% mais fortes que as encontradas no cigarro; sem dizer de todas as outras alterações que produz no corpo e na mente daquele que dela faz uso. A sensação de prazer e de bem-estar é ilusória. Camufla o que o dependente realmente é dando-lhe uma falsa im-pressão de que é o que desejaria ser. É uma viagem com muitos perigos pelo caminho e deixa marcas, na maioria das vezes, graves; como, por exemplo, alterações eletroence-falográficas, com lentidão das ondas cerebrais; aumenta a frequência cardíaca podendo dobrar a pulsação; pode produzir ilusões e alucinações; altera noções de tempo e espaço, perdendo a noção de distância, enfim, são apenas alguns efeitos que a maconha pode exercer sobre a pessoa que dela faz uso. Se o uso for prolongado, acontece não raro diminuição de testosterona e de espermatozóides no homem, e na mulher pode chegar à inibição da ovulação por meio das alterações hormonais.

(Poderíamos enumerar várias alterações provocadas pelo THC (tetraidrocanabinol) - substância química fabricada pela própria

maconha) no corpo físico e, principalmente, no corpo perispiritual do usuário, mas não é essa a finalidade deste livro, aqui apenas uma breve consideração a respeito, na tentativa de alertar aqueles que pensam que maconha não faz mal e que conseguem parar no momento que qui-serem. É importante que saibam que terão sérias dificuldades quando decidirem parar de fumar a maconha; nem todos conseguem.

Os pais devem estar atentos às atitudes dos filhos; prestar mais atenção no comportamento, em suas feições, em seus olhos, enfim, nas mudanças que poderão ocorrer na conduta deles, em casa, na escola ou na rua. Somente assim terão condições de perceber se algum traficante está adotando seus filhos.

Pedro e Laura despediram-se dos amigos e retornaram à sua casa levando amargura no coração. Marcos os acompanhava sem emitir uma única palavra.

Na casa de André, a mesma sensação de desconforto e amargura incomodava o coração de Paulo e Marília. André subiu para seu quarto, enquanto sua mãe fora ter com Laís que muito sofria com a saudade de Isabela.

Paulo, aproveitando o momento de silêncio e tranquilidade aparente, entrou em seu escritório e orou ao Pai suplicando ajuda para conseguir vencer mais essa batalha em sua vida.

ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL

Tanto na residência de Marília quanto na de Laura, o clima era tenso e de muita ansiedade.

Esperavam com expectativa o dia em que seus filhos pudessem se encontrar com Rubens, pois acreditavam que ainda poderiam salvá-los de prática tão nociva.

Por insistência de Inês começaram a freqüentar com regularidade uma casa espírita, com a esperança de encontrar alívio para seus corações e coragem para enfrentar o que ainda poderia vir.

Laura e Marília tornaram-se grandes amigas. Uma tentava apoiar a outra. Perceberam que ficavam mais fortes e corajosas sempre que iam assistir às palestras ministradas na casa espírita.

— Marília, às vezes quando estamos na reunião sinto muita vontade de perguntar ao mentor espiritual o porquê de tudo que estamos passando com nossos filhos.

— E por que não pergunta Laura?

— Você acha que devo?

— Claro, por que não? Pode ser que "Ele" nos esclareça e possamos compreender melhor essa situação.

— É verdade, existem coisas que não conseguimos entender e temos muita dificuldade em aceitar.

— Laura, tudo o que atinge diretamente nosso coração temos dificuldade em aceitar.

— Uma coisa que não entendo Marília, é a atitude do Dr. Rubens. Pelo que me contaram, de tudo que vocês falam dele, sempre foi uma pessoa de fé, sempre ajudando o próximo. Superou com tanta coragem a perda da esposa e dos filhos, de um modo violento, e agora caiu no desânimo. Por quê? Já se passaram quatro meses da morte da filha, e parece que ele não conseguiu retomar suas atividades como fazia antes.

— Às vezes me pergunto a mesma coisa, Laura. Ele me ajudou tanto quando perdi o Fábio e agora ele não quer ver ninguém.

— Pode ser que ele se sinta culpado.

— O que é isso, Laura? Culpado de quê?

— Sei lá! Talvez por não ter podido fazer nada para salvar a filha, não sei Marília, mas alguma coisa deve estar acontecendo.

— Isso é verdade. Ele sempre foi muito forte, corajoso. Enfrentou tudo com dignidade e amor no coração. O que será que acontece com as pessoas, mesmo as fortes, para caírem assim?

— É uma boa pergunta - exclamou Laura!

No Mundo Espiritual

— Jacob, o que leva uma pessoa a mudar de atitude após passar por determinado sofrimento?

— Horácio, quando não temos firmeza para impedir que a dor modifique nossos conceitos, nossas atitudes produtivas, é sinal evidente de pouca fé. Aquele que conhece, respeita e segue as leis divinas de verdade se fortalece na dor porque se entrega ao amor de Deus e no amor de Deus encontra o bálsamo para todo o sofrimento.

— Mas no caso do nosso irmão Rubens. Conhecemos sua trajetória na Terra, pois o acompanhamos há muito tempo, sabemos de sua capacidade de compreender e amar o próximo, levando-o a conhecer o amor de Deus e merecer esse amor por meio da caridade e da fraternidade vivida. Sofreu dor maior que a atual e, no entanto, é agora que se fragiliza ao ponto de não encontrar ânimo para reagir.

— Horácio, não podemos querer avaliar qual dor é a maior quando não vivemos a situação, só quem sabe é aquele que sente. A alma humana é uma caixinha de surpresas, nem sempre sabemos o que está guardado dentro dela. Nosso querido Rubens conseguiu superar mais rapidamente da primeira vez porque a ligação dele com Isabela vem de muito longe. São dois espíritos que estão ligados há muitos séculos pela afeição sincera. Ele colocou no coração o agravante da culpa por não ter feito nada para salvá-la, o que não conseguiria, porque o momento era aquele. A vida de Isabela foi curta porque sua missão ao lado de Rubens chegou ao fim. Quando na erraticidade, aceitou vir como filha de Rubens, passar pelo que passou para ajudá-lo a vencer. Mesmo quando criança era ela quem levava força ao coração paterno. Quando sofreu o acidente deu o exemplo de que, mesmo parálitica, podia ser feliz, pois tinha o coração sadio, forte e amoroso, e mostrou que para amar não precisamos de braços e pernas, mas somente de um coração bondoso e sincero.

Depois que esse espírito retornou à espiritualidade, Rubens, inconscientemente, sentiu-se sozinho, perdido e acha que sua força vinha da força da filha; pensando assim, enfraqueceu. Mas esta situação não demorará muito. Sua índole é de um homem bom e generoso, é apenas uma fase, uma adaptação, logo estará novamente enxugando suas lágrimas por meio do amor.

Em breve perceberá que sua força espiritual vem dele mesmo e a ele pertence. Prosseguirá sozinho na Terra, mas amparado por todos os amigos espirituais que conquistou ao longo dos tempos, inclusive Isabela. A partir desse momento nada poderá enfraquecê-lo de novo, pois o amor possui alicerces fortes e se sustenta por si só. Ele só necessita de um tempo, como ser humano que é.

— Por que sofreu uma dor tão grande, perder a esposa e os filhos de uma vez só?

— A resposta ele terá no retorno e no momento certo. Só posso dizer que não houve injustiça ou castigo divino, apenas consequência. Ele não é vítima, mas está sendo um vencedor.

— Tantos encarnados desejam melhorar o mundo, mas entregam essas mudanças só nas mãos dos governantes, não é verdade, irmão Jacob?

— Sim, Horácio, é verdade. Eles esquecem que fazem parte de um todo e que devem ser a transformação que desejam no mundo.

— É certo alguns espíritas solicitarem dos espíritos que resolvam seus problemas?

— Não! Podem pedir orientação e coragem para prosseguir, mas nunca esquecer que a caminhada é sua. A tarefa que lhe foi confiada é de sua inteira responsabilidade, cabe a você cumpri-la. Os espíritos podem, sim, abrir uma janela por meio dos conselhos, indicando o caminho seguro que será sempre o do bem e da verdade; agora, permitir que o sol entre e brilhe depende de cada um.

— Existem muitos enganos!

— Sim, existem. Mas isso acontece na maioria dos casos porque o homem está mais interessado em adquirir bens materiais, desprezando os bens morais e espirituais. Cabe ao dirigente espiritual incentivar a leitura edificante, para que os freqüentadores de uma casa espírita possam conhecer a verdade da vida futura, a que sobrepõe a vida terrena. Nas obras de Kardec encontramos essa verdade que clareia e conforta os corações.

Dia virá em que os homens entenderão o porquê real do soprar dos ventos; que nossas tristezas são como as vindas e idas das marés, vão e dão espaço para as alegrias, se permitirem. A noite escura se transforma em dia ensolarado trazendo esperança e redescobrimento da vida, enfim, entenderão de verdade que a vida é algo maior do que alguns anos passados na Terra e será nesse dia que começará a transformação do homem por meio do amor.

— Laura, estive pensando que poderíamos fazer uma visita ao Dr. Rubens, levar-lhe um abraço, uma palavra de esperança. O que você acha?

— Acho ótima idéia, Marília!

— Tantas vezes ele me fez enxergar que a nossa alegria está em saber que ninguém morre, sofremos apenas uma transformação livrando-nos do envoltório carnal e nascendo no Reino de Deus com nosso corpo fluídico. Pode ser que nesse momento ele necessite de alguém que o faça lembrar-se disso.

— Iremos quando quiser.

— Vou telefonar para Dona Ana e marcar o melhor dia e horário.

No dia combinado, lá estavam Marília e Laura em frente ao Dr. Rubens.

Mais magro, abatido, mal lembrava o médico forte, cheio de energia e de coragem para trabalhar e enfrentar as dificuldades que Marília conhecera e aprendera a admirar.

Feita a apresentação de Laura, sentaram-se próximas ao médico e foi Marília a primeira a falar.

— Dr. Rubens, não nos leve a mal, mas preocupamo-nos com o senhor e quisemos vir até aqui para dizer-lhe da nossa amizade, do quanto o respeitamos e que somos solidárias à sua dor.

— Eu agradeço muito, Dona Marília, a preocupação que têm comigo, mas não há necessidade, eu estou bem - respondeu sem muita convicção.

Dona Ana, que permanecera no recinto, interveio:

— Dona Marília, ele não está bem. Não se alimenta direito, dorme mal e quase não tem ido ao hospital, enfim, perdeu completamente o

gosto pela vida. Não sei mais o que fazer, foi muito bom a senhora ter vindo.

Marília olhou para Laura. Incentivada pelo olhar da amiga respondeu:

— Dr. Rubens, o senhor conseguiu me fazer ver e querer a vida novamente por ocasião da partida do Fábio. Hoje sou quem gostaria de lembrá-lo que possuí dentro do seu coração todas as ferramentas necessárias para reconstruir a sua vida e deixar que sua sabedoria e seu amor possam ir ao encontro daqueles que sofrem e não conseguem enxergar uma réstia de esperança.

— Dona Marília, não é só a saudade que está me atormentando, mas saber que não fiz nada para tentar salvar a vida da Isabela. Ela se foi sem que eu tivesse tido tempo sequer de saber o que realmente estava acontecendo. Sei que minha querida Isabela está bem e feliz junto aos seus entes queridos, mas a culpa me consome, sem dizer que ela era a minha força e a minha alegria.

Laura continuava calada por não se achar no direito de dizer qualquer coisa. Acabara de conhecer Rubens e não se sentia à vontade de dizer nada. Mas Marília, como se estivesse sendo inspirada por alguém, continuou mais segura ainda:

— Pelo que sei Dr. Rubens, o senhor não teve culpa de nada. A rapidez como aconteceu mostra que tudo seguia os desígnios de Deus. A tarefa dela na Terra e junto ao senhor terminava ali, foi o senhor mesmo quem me ensinou isso. Quanto a sua força vir totalmente dela, também é questionável. Vocês tinham afinidades, afeição sincera; a força dela apenas encontrava parceria na sua força própria, nesta

força que eu sei que possuí e jamais perderá porque nasce do seu grande coração cristão. Foi essa força que me fez amar a vida novamente. O senhor só não descobriu ainda que pode lutar e vencer sozinho, sem a presença física de Isabela. Talvez o senhor não tenha se dado conta ainda do bem que faz para todas as pessoas que se aproximam do senhor.

Rubens olhava Marília com surpresa.

Jamais esperara ouvir dela essas palavras, sensatas e lógicas. A firmeza com que expunha seu pensamento em nada lembrava a Marília que conhecera tempos atrás.

— A senhora poderia me dizer o que fez com a saudade do seu filho, e o que faço com a minha?

— Posso Dr. Rubens, posso sim. E o que vou dizer não fui eu que descobri sozinha, foi o senhor quem me ensinou, vou apenas lembrar-lhe. Sabe o que fiz? Guardei bem o rosto do Fábio dentro do meu coração e, cada vez que a saudade apertava, eu o tirava do coração e trazia seu rosto aos meus olhos e o admirava com o mais puro amor que meu coração pudesse sentir. E como o senhor falou várias vezes, agradecia a Deus por ter me dado memória para poder lembrar-se do meu filho. Percebi, então, que me sentia em paz cada vez que me lembrava dele porque aprendi e acreditei que para o amor não existe distância; a distância existe para os olhos, não para o coração.

Rubens estava estupefato. Custava a crer em tudo o que ouvia. Marília continuou:

— E as suas lágrimas, Dr. Rubens, vai enxugá-las por meio do amor que me ensinou, ou vai continuar permitindo que elas

consumam sua alma impedindo-o de viver e ser útil aos seus semelhantes?

Dona Ana e Laura olhavam Marília com admiração. Dona Ana saiu e instantes depois voltou e entregou a carta de Isabela para Marília. Voltando-se para Rubens, disse-lhe:

— Ela precisa saber. Leia Dona Marília.

Assim que Marília terminou a leitura, virou-se para Rubens e com alegria na alma falou:

— Querido amigo, a própria Isabela lhe deu a solução. Por que não cumpre seu pedido. Transforme esta casa que tantas alegrias lhe deu no "Lar de Isabela", um abrigo para gestantes carentes. Permita que essas mulheres, que pouco ou nada possuem, possam ter um pouco de alegria, cuidado e orientação para melhorar sua condição de vida. Aprender as noções básicas da higiene do corpo e da alma, cuidar da dignidade e da integridade de seu corpo físico.

— A senhora acha isso mesmo, Dona Marília?

— Claro! Já não fazemos esse trabalho confeccionando enxovais? O senhor não atende às gestantes necessitadas? Por que não fundar o Lar de Isabela, como ela mesma pediu? Conte comigo como voluntária!

— Se o senhor permitir, conte comigo também-disse Laura. Adoraria trabalhar com o senhor no auxílio às mãezinhas carentes.

— Quanto a mim, não preciso nem dizer, não é, Dr. Rubens?

— Minha boa Ana, eu sei de sua afeição por Isabela e do seu cuidado comigo. E a senhora é muito bem vinda. Dona Laura. Agradeço a vocês o carinho.

— O senhor talvez não tenha percebido, mas a Isabela deixou claro que sabia que a sua hora do retorno havia chegado. O senhor não poderia fazer nada, não conseguiria mudar a vontade de Deus.

Rubens parecia outra pessoa. O brilho dos seus olhos voltava timidamente na forma da esperança que enchera seu coração. Marília não se dava conta do peso que tirara dos ombros do médico. Após alguns minutos de silêncio, ele disse:

— Dona Marília, se um dia eu lhe fiz algum bem, hoje a senhora me fez um maior ainda. Trouxe a esperança de volta ao meu coração e não sei como poderei pagá-la por isso.

— Pagar-me?! Eu não fiz nada. Apenas repeti o que ouvi do senhor tempos atrás e que me devolveu a vida. Sempre haverá um dia em que precisaremos que alguém nos recorde o que sempre acreditamos.

Dona Ana, feliz, disse entusiasmada:

— Vou buscar um fresco bem geladinho, hoje está muito quente.

— Faça isso, Dona Ana, e obrigado. Dona Marília, vou começar a pensar nesse projeto. Assim que tiver algo de concreto nos encontraremos para discutir o assunto. Quando vier traga meu amigo Paulo, e a senhora também Dona Laura, terei muito prazer em conhecer seu marido.

— Obrigada, ele virá, com certeza.

— Viremos todos - completou Marília.

— Jacob, Marília não percebeu que estava sendo inspirada por você.

— Não, Horácio, não percebeu. Mas isso só foi possível porque encontrei em seu coração a vontade real e sincera de ajudar o amigo. Não lhe disse que logo ele iria perceber a inutilidade do desânimo e das lamentações? Era só uma questão de tempo, e pouco tempo por sinal.

— Mas o sofrimento continua, não?

— Sim! Mas trabalhando em favor do próximo conseguirá descansar seu coração dessa dor que dilacera a alma, porque não terá tempo para lamentar, mas terá todo o tempo para amar.

MEDO E DECEPÇÃO

André entrou ofegante em sua casa.

Subiu correndo para seu quarto e trancou a porta.

Jogou-se de qualquer jeito na cama e cobriu o rosto com as mãos; seu nervosismo era tanto que provocava tremor em suas mãos.

— Estou perdido! - exclamava para si mesmo. — O que fui fazer meu Deus! Perdi realmente o juízo. Marcos e eu extrapolamos dessa vez e não temos saída. Daqui a pouco, tenho certeza, a polícia estará batendo na porta e vou causar mais decepção aos meus pais.

— Marília, que furacão é esse que passou por aqui? - brincou Inês dirigindo-se à filha.

— Foi o André, mãe. Estava nervoso, tão agitado que nem prestou atenção em mim. Deve ser mais uma crise natural dos adolescentes.

— Por que não vai ao seu quarto saber o que aconteceu para ele estar assim tão agitado? — insistiu Inês.

— Está bem, eu vou. Com certeza não deve ser nada de grave, é criancice mesmo.

Começara a subir a escada quando a campainha da porta tocou. Ia voltando para atender, mas a voz de Laís soou bem alto:

— Deixa mãe, eu atendo!

Laís abriu a porta e assustou-se ao ver parados à sua frente dois policiais e junto a eles, Marcos. Empalidecendo chamou a mãe.

— Mãe, venha aqui depressa!

Marília, em um segundo, estava parada diante dos policiais. Ao avistar Marcos, seu coração disparou como pressentindo desgosto. Quase gaguejando, perguntou;

— Em que posso ser útil?

— Boa tarde, senhora. É aqui a casa do André?

— Meu filho chama-se André, mas...

— Poderia chamá-lo?

— Claro, claro, entrem, por favor. Vou chamá-lo e se permitirem telefonar para meu marido para que venha até aqui. Com licença.

Saiu apressada e foi direto ter com André em seu quarto.

— André, abra esta porta!

— Me deixe em paz, mãe, não me enche.

— Deixaria você em paz se não houvesse dois policiais na minha sala, acompanhados do Marcos e pedindo para falar com você.

André por pouco não desfaleceu. Silenciosamente foi até a porta e abriu.

— Pelo amor de Deus, André, o que vocês dois fizeram dessa vez?

— Nada, mãe!

— Nada! E o que fazem dois policiais procurando por você, tendo o Marcos com ele? Responda!

— Não sei, deve ser outro André.

— Isto nós vamos ver. Vou telefonar para seu pai e já descemos.

Não demorou dez minutos e Paulo já estava na sala de sua casa, em meio a dois policiais. Marcos, André e Marília que sem se conter entregava-se às lágrimas.

— Marcos, onde estão seus pais? Eles já sabem que você está aqui?

— Não, Sr. Paulo, fui pego antes de chegar a casa - exclamou envergonhado.

Paulo dirigiu-se aos policiais.

— Se me dão licença, vou avisar os pais desse garoto para que venham até aqui. Sua casa é bem próxima.

— Fique à vontade, senhor.

Assim que Laura e Pedro chegaram. Marcos correu ao encontro dos pais, gritando:

— Eu não fiz nada, isto tudo é um engano. Eles estão nos confundindo com outros garotos.

Paulo e Pedro, ao mesmo tempo olharam para os policiais esperando uma reação, ou talvez uma palavra que os tirasse daquela situação angustiante.

— Perdoe senhores, mas não há engano nenhum. Foram eles mesmos. Este - dirigindo-se a Marcos — foi pego em flagrante, o outro conseguiu correr, mas o seguimos até aqui.

— Por Deus, o que eles fizeram?

— Assaltaram o mercadinho da rua de cima e furtaram R\$ 200,00 do caixa. Além do mais, estão de posse de certa quantia de maconha que o Marcos disse ser para consumo próprio.

Marília e Laura não suportando a notícia desabaram em copioso pranto. Um misto de angústia, medo e decepção sufocava o coração dessas mães.

Pedro, que parecia estar um pouco mais equilibrado, perguntou:

— Eles estavam armados?

— Sim! Portavam canivetes.

— E o que vão fazer?

— Levá-los para a delegacia de polícia. Se quiserem poderão acompanhá-los e chamar um advogado porque eles têm direito à defesa.

Marcos e André foram enquadrados em roubo qualificado por estarem portando arma branca e pelo porte de droga.

Tanto os pais de Marcos como os de André sofriam a dor de ver seus filhos enveredando por um caminho que, com certeza, os levaria à destruição.

Perguntavam-se em que haviam falhado o que deixaram de ensinar que provocou mudança tão radical de comportamento. Não encontravam respostas para este questionamento.

Enquanto o tempo passava, Marília e Laura dividiam-se entre as visitas aos filhos e a elaboração do projeto do Lar de Isabela. Aos poucos Rubens retomara suas atividades normais e se dedicava com afinco aos preparativos para a inauguração do Lar.

Rubens mudara para um apartamento, levando consigo apenas os objetos pessoais, retratos e algumas recordações de sua esposa e filhos. Dona Ana e a cozinheira seguiram o patrão, pois se recusaram a deixá-lo só. Com alegria foi vendo o projeto se tornar realidade e se aproximar o dia da inauguração.

Paulo e Marília, Pedro e Laura, Rubens, Dona Ana e Inês se tornaram uma grande família. Uniram-se pela dor e continuaram unidos pelo amor.

— Paulo - disse Rubens ao amigo, — assim que os garotos estiverem em liberdade, traga-os para conversarem comigo. Pretendo, se permitirem, fazer um trabalho de recuperação e conscientização desses garotos.

— Rubens, é tudo que mais queremos encaminhá-los a você.

— As vezes penso Paulo, que se eu tivesse reagido mais rapidamente, talvez nada disso tivesse acontecido.

— Nem pense nisso, Rubens. Eles sabiam o que estavam fazendo. Não existe culpa de ninguém, pode ser que agora eles aprendam que inconstância, brincar de bandido e fazer o papel do adolescente

rebelde só traz sofrimento. O importante nesse momento é ajudá-los, para que consigam superar essa tendência e fortalecê-los para vencerem as tentações.

Se o adolescente já se envolveu com a droga, não desista dele, lute para salvá-lo impedindo o avanço do vício, e trate das complicações, se houver.

A maconha pode alterar o estado de consciência de quem dela faz uso, provocando acidentes, principalmente de carro. É importante insistir junto aos usuários da maconha que esta é uma droga, sim, tem poder viciante e provoca danos tanto no corpo físico quanto no perispírito. Aquele que se entrega a essa droga perceberá cedo ou tarde os danos e as alterações causados por ela. A desistência é sempre sofrida e nem todos conseguem. Quem entrar para essa prática nociva pagará muito caro por ocasião do seu retorno ao mundo espiritual. Se o jovem já usou a maconha algumas vezes e não sentiu nada, passa a consumir com mais frequência e a achar que outras drogas também não lhe farão mal e daí a consumi-las é uma questão de tempo. As drogas, inclusive a maconha, alteram o comportamento e os pensamentos e levam os jovens a defendê-las, dificultando a percepção de que a droga consumida, seja ela qual for, já está fazendo mal e o impede de reconhecer que já está viciado. Todas as drogas atingem o cérebro, impedindo-o de funcionar naturalmente. Os pais devem estar alertas, já o disse, e empregar todos os esforços para reconduzir os filhos para o caminho seguro, se ele já estiver envolvido com droga ou outras práticas nocivas à integridade física, moral e espiritual. Muitas vezes a prova é dura, mas Deus não permite uma carga maior que os ombros possam agüentar.

Apresente desde cedo o Evangelho para seus filhos, mostrando-lhes por meio do exemplo de sua conduta digna e coerente na família e na sociedade que o bem-estar, a saúde e a felicidade só poderão conquistar a partir do momento que assumirem também posturas equilibradas e sensatas perante a vida.

— Está certo - respondeu Rubens, só posso agradecer a amizade que recebo de todos vocês.

— Você conquistou amigos. Nada fizemos que você não mereça, e nada que fizermos será o bastante para retribuir tudo que fez por nós, e principalmente por Marília.

— Você tem ido regularmente visitá-los, não?

— Sim! E da última vez que lá estivemos recebemos a notícia de que talvez saiam antes de cumprir toda a pena, por bom comportamento.

— Isto é muito bom, pois é um sinal de que estão pensando no que fizeram, e com certeza já devem estar arrependidos. Como eles estão?

— Abatidos, envergonhados, enfim, sofridos.

— Não se entristeça meu amigo. Pode ser que durante este tempo tenham consciência da importância da liberdade e isso os fará reconhecer e valorizar a família e o aconchego do lar, e saberão que não vale a pena brincar de delinqüente. Voltarão mais maduros, acredito nisso. Eles têm boa índole, família bem estruturada, pais que os amam. Saberão reconhecer isso. Tenham fé em Deus.

— Temos fé e acreditamos nisso também. Mas vou ser sincero, Rubens, nosso coração está muito machucado.

— São marcas da vida, Paulo. E marcas, quem não as tem? De uma forma ou de outra todos nós, homens comuns marcamos nosso coração com tristezas, amarguras e decepções. Mas nosso esforço deve estar concentrado no que restou de bom dentro de nós e trocar esses sentimentos por esperança, coragem e fé. Saber que nenhum sofrimento dura para sempre e que, em algum momento ele vai terminar, e entender que enquanto não chegar o fim, é porque não chegou o momento certo, determinado por Deus.

— Rubens, alegre-me vê-lo novamente como sempre foi, forte, corajoso, amigo e fraterno, colocando seu conhecimento e sua bondade em benefício do próximo.

— É, Paulo, mas tive também meu momento de fraqueza. Devo à sua esposa. Dona Marília, a reconquista da minha vida, a volta ao meu trabalho, enfim, ela ajudou-me a retomar o curso da minha tarefa junto à sociedade.

— Marília mudou muito, Rubens. Lutou e conseguiu vencer; enxugou suas lágrimas vivendo o amor e a caridade que Jesus tão bem exemplificou.

— É! As lágrimas são nossas e no coração devemos guardá-las; ao próximo devemos mostrar e ofertar o sorriso da amizade que o levará a acreditar cada vez mais na vida.

DE VOLTA AO LAR

O dia amanheceu chuvoso.

No coração de Marília e Laura, assim como no de Paulo e Pedro, o dia era de sol, céu azul e muita vida.

Iam apanhar Marcos e André que, devido ao bom comportamento, foram agraciados com a liberdade.

Se no coração de seus pais existia a alegria, no coração de Marcos e André existiam a culpa, o arrependimento e a sensação de que, apesar da liberdade, jamais se sentiriam livres, pois estavam presos ao passado que lhes trazia vergonha.

Os pais aguardavam com ansiedade a chegada dos garotos. Marília trazia ao pensamento os dias felizes que tivera com seus filhos, até que sua vida mudara e o sofrimento fizera-se presente a partir do desencarne de Fábio. Agora - pensava — tinha medo do futuro, da sua incerteza, do seu desconhecido.

— Meu Deus, tantas lágrimas chorei, reserve para mim a alegria de ver o André recuperado, longe da delinqüência e das drogas. Dai-me o entendimento e a condição de ajudá-lo.

— Mãe! Pai!

A emoção daqueles pais era tanta que se uniram aos filhos em um longo abraço, misturando suas lágrimas às deles. Saíram abraçados, tentando dizer aos filhos com este gesto que estariam ali, junto a eles, firmes e fortes para auxiliá-los na retomada da sua vida aqui fora.

— André - disse Marília assim que chegaram a casa —, suba e tome um banho demorado para relaxar, enquanto isso sua avó e eu vamos preparar um lanche bem gostoso para saborearmos todos juntos.

— Hoje é um grande dia, meu filho, sua mãe e eu estamos emocionados em tê-lo novamente em casa. Faça o que ela sugeriu, sem pressa. Você se sentirá melhor.

André até então não dissera uma palavra. Abraçara a todos sem nada dizer.

Olhava sua casa, seus pais, sua avó e sua irmã, com carinho, mas não tinha coragem de encará-los de frente.

Sentia-se um estranho naquela casa onde crescera e recebera amor, e ele, por leviandade, colocara tudo a perder e fora amargar meses dentro de uma prisão.

Marília, percebendo o desconforto do filho, aproximou-se dele, beijou-lhe o rosto e lhe disse:

— Filho, o que o detém? Está na sua casa, com sua família, o que está preocupando você?

— Meu quarto ainda existe?

Marília espantou-se.

— Claro filho! É claro que ainda existe e existirá sempre. Você tinha dúvidas quanto a isso? Todas as suas coisas estão lá, do jeito que você deixou. Ele é seu, esta é sua casa e nós somos sua família. Suba e tome seu banho, troque esta roupa. Vamos aguardar nosso filho para lancha.

André não se conteve mais. Abraçando seus pais chorou como só um coração machucado e sofrido pode chorar.

— Pai, mãe, me perdoem! Pelo amor de Deus me perdoem! Eu não mereço vocês, nem estar aqui. Como pude magoá-los tanto, depois de terem sofrido a dor de ter perdido o Fábio? Como pude maltratar ainda mais seus corações?

— Calma, filho, somos seus pais e nunca deixamos de amar você. Você errou, é verdade, mas nem por isso deixou de ser nosso filho, nem por isso deixou de ser importante para todos nós. Agora, estamos juntos novamente e o momento é de recomeçar, retomar seus estudos, enfim, não cair de novo no mesmo erro.

— Obrigado, pai!

— Agora vá, filho, suba!

André subiu as escadas de dois em dois degraus. Entrou em seu quarto e a emoção misturada ao remorso o fez jogar-se na cama e chorar.

Para que o mundo possa sofrer uma melhora, o equilíbrio e a paz que todos almejam, é necessário que toda a humanidade se una e passe a se preocupar uns com os outros. E preciso que aprendam a

amparar aqueles que erram e auxiliá-los a encontrar sustentação para não errar de novo. O homem dá muito carinho para as pessoas que ama, mas, para aqueles que diz não conhecer, nem o necessário para que possam viver com dignidade. Existem dores muito penosas, e uma delas é o abandono e o descaso.

O coração deve estar preparado para reconhecer um arrependimento sincero e dar as mãos àqueles que realmente querem se regenerar. Nem sempre se consegue levantar do tombo sozinho, mas, se puder contar com a mão amiga, o ombro solidário e o coração generoso, fica mais fácil se reerguer e voltar aos bons costumes. A vida é cheia de desafios e não devemos fugir deles, porque grandes obras e grandes atos de amor nascem da superação desses desafios.

Laís, ao se dirigir para seu quarto, viu a porta do quarto de André semi-aberta. "Aproximou-se e viu seu irmão sentado no chão, encostado na cama com olhar pensativo. Pediu licença e entrou.

— André, desde que você chegou noto seu ar tristonho, quieto. Você não está bem?

André olhou para a irmã e pela primeira vez notou que Laís crescera. Já não era mais uma menina. Tornara-se uma adolescente bonita e meiga.

— Vem, senta aqui do meu lado.

Mais que depressa, Laís fez a vontade do irmão. Sentia-se feliz em estar com ele e poder voltar ao tempo em que os dois, crianças ainda, eram tão unidos e amigos.

— Se abra comigo meu irmão; o que você tem?

— Laís, eu estou muito feliz em estar de volta, estar junto de vocês, receber o amor de nossos pais, mas...

— Mas! O que, André?

— Não suporto a vergonha que sinto, cada vez que olho para o papai e para a mamãe, por ter me comportado como um bandido. Eu não sou um marginal, Laís. Eu não sei o que deu em mim.

— Claro que não é André!

— Mas eu e o Marcos nos comportamos como se fôssemos. É o arrependimento que está acabando comigo. Não sei como me livrar disso, Laís, dessa vergonha. E o pior é que fiquei marcado para o resto da vida.

Os olhinhos de Laís encheram-se de lágrimas. Sofria com o sofrimento do irmão. Abraçou-o, dizendo com carinho:

— André, agora é preciso esquecer. O sofrimento maior acabou. O que conta é a sua vontade de não errar outra vez.

— Você tem razão, Laís, estou determinado; não quero mais agir de maneira leviana, agressiva até, mas sinto que preciso de ajuda; não sei se conseguirei sozinho.

— Quanto a isso não se preocupe. Papai disse que vai levar você e o Marcos para conversarem com o Dr. Rubens. Você se lembra dele?

— Claro!

— Ele se propôs a ajudá-los. Por falar nele, você ainda não soube o que lhe aconteceu!

— O que foi?

Laís narrou ao irmão, nos mínimos detalhes, tudo o que acontecera com Rubens, inclusive a transformação de sua casa no Lar de Isabela.

— Puxa, Laís, coitado do Dr. O que me impressionou mais foi a mamãe ajudá-lo dessa maneira. Como ela mudou!

— Isso é verdade. Ela disse que ele só precisava se lembrar das coisas que tinha dito para ela.

— Como assim?

— Lembra quando o Fábio morreu o jeito que a mamãe ficou? Então, foi o Dr. Rubens quem a ajudou, esclarecendo um monte de coisas, falando da vida espiritual, ah! sei lá, André, eu não entendo dessas coisas. Quando Isabela morreu, ele caiu em um sofrimento tão grande que se esqueceu das coisas que ele mesmo dizia e acreditava, e entregou-se ao desânimo que o impedia de reagir. Mamãe diz que apenas falou para ele as mesmas coisas que ele falou para ela, entendeu?

— Que barato!

— Que coisa boa ver meus dois filhos juntos como anti-gamente, conversando animadamente como bons irmãos! - exclamou Marília, entrando no quarto.

— Mãe, Laís me disse que o papai vai marcar com o Dr. Rubens para eu e o Marcos irmos, falar com ele.

— É verdade, André. Seu pai telefonará para ele hoje mesmo. Você não quer ir?

— Ao contrário. Estava dizendo para a Laís que preciso de ajuda. Quero e preciso ir.

— Que bom ouvir isso, meu filho. Bem, eu entrei aqui no seu quarto porque me lembrei que daqui a vinte dias é seu aniversário. Dezoito anos, meu filho! Eu e seu pai queremos comemorar.

— Não precisa mãe, não quero festa.

— Posso saber por quê?

— Tenho vergonha de encontrar as pessoas.

— Isso passa André! Vamos comemorar sim, há quanto tempo não damos uma festa aqui em casa.

— Mas como vou olhar nos olhos dos meus antigos colegas, da nossa família, mãe?

— Da mesma maneira e com os mesmos olhos que você está me olhando agora. Meu filho, você já pagou pelo seu erro, deixe-o para traz, não o traga a todo instante para seu presente. Você não deve mais nada para a sociedade. O que você deve é para as leis divinas, mas você pode trazer para sua consciência que atos levianos, imprudentes e fora da moral cristã só causam dissabores. Harmonize-se com Deus trazendo amor para o seu coração e vivendo todo o bem que pode. Agora vamos descer, o lanche será servido.

Enquanto saboreavam os deliciosos quitutes feitos cuidadosamente por Inês, todos conversavam e sorriam dando vazão à alegria que sentiam.

— Pai, o senhor conversou com o Dr. Rubens?

— Sim, filho. Marcamos para daqui a dois dias uma consulta para você.

— E o Marcos, ele não vai?

— André, assim que falei com o Rubens, liguei para o Pedro e o coloquei a par do que tínhamos combinado, informando-lhe o dia e a hora. Passados alguns minutos Pedro tornou a me ligar, muito aborrecido, dizendo que tinha dito ao Marcos e este disse-lhe que não iria.

— Não iria?

— Sim, disse ao pai que não vai porque da vida dele quem cuida é ele.

— Não acredito!

— É verdade, filho. Fiquei tão chocado quanto você. Laura e Pedro não se conformam.

— Mas isso não é possível, pai. Conversamos tanto enquanto estivemos presos, ele me falou que também estava envergonhado, arrependido do que tínhamos feito, do mesmo modo que eu. O que o fez mudar de idéia? Será que esqueceu o que é ficar preso?

— Não sei André. Só o que posso achar é que seu arrependimento e sua vergonha não eram sinceros. Parece que ele não tem intenção nenhuma de mudar de vida.

— Pai, posso falar com ele?

— Pode André. Mas cuidado para não se envolver na sua conversa e se desviar do seu propósito.

— Pode deixar pai. Quando digo que me arrependo do que fiz, que preciso de ajuda para ser o filho que o senhor e a mamãe merecem, estou sendo sincero.

— Nós acreditamos filho!

André pediu licença, levantou-se e foi até a sala telefonar para Marcos.

— Aí, Marcos, papai me disse que você não quer mais ir falar com o Dr. Rubens. Por que mudou de idéia?

— Não vou mesmo, André. Desisti. Eu não tenho nada que ver com esse médico. Nem o conheço em que ele pode me ajudar?

— Marcos, caia na real; precisamos de ajuda, sozinhos não vamos conseguir. Você disse que tinha se arrependido.

— E você acreditou André? Você é babaca mesmo, já vi que com você não dá. Nós tivemos azar da primeira vez, mas agora, com a experiência que temos, a gente faz a coisa bem-feita, e por falar nisso, tenho aqui uma da boa, topa?

— Não, Marcos, não quero mesmo. Para mim chega. Não tenho a intenção de passar a minha vida em uma cela de cadeia ou então fugindo da polícia. O que eu falei para você é sincero, quero sair dessa e vou procurar ajuda.

— Então mano, a gente termina aqui.

— Marcos, pense. Que futuro tem quem vive na delinqüência, na droga, fugindo da polícia e fazendo a família sofrer?

— Não penso no futuro, vivo o presente.

— Marcos, tudo é uma ilusão, é engano; e seus pais, não pensa neles?

— Penso em mim. Já "tô" com um lance aí, uma parada legal. Topa?

— Nem pensar. Terminamos aqui. Siga seu caminho e eu sigo o meu. Boa sorte.

— Tchau!

André desligou o telefone. Pela primeira vez em muito tempo, lembrou-se de Jesus e pediu:

— Me dá força, eu preciso de força!

CONSELHOS DE AMIGO

Sentado em frente a Rubens, André mantinha a cabeça baixa, olhos assustados e coração descompassado. Paulo deixara-o sozinho com o médico e preferira passar mais tarde, no horário combinado, para apanhá-lo.

Rubens, com toda a sua experiência, percebera o acanhamento de André e procurava colocá-lo à vontade.

— Então, André, por onde você quer começar? Não fique constrangido, considere-me um amigo porque o sou e quero ajudá-lo a superar esta fase difícil, mas não impossível, que você está vivendo. Porém, para que eu possa auxiliar você, é importante que seja sincero e não minta para mim. A transparência do nosso contato é que me fará entender melhor e analisar o melhor jeito de ajudá-lo.

— Sei que é meu amigo e confio no senhor. O senhor já deve saber tudo o que me aconteceu. Pois bem, Doutor, eu quero muito largar de fumar, de fazer as bobagens que andei fazendo, enfim, não quero ser mais motivo de lágrimas para meus pais.

Rubens gostou do que ouviu.

— Você já tem uma grande vantagem, André; você quer! A partir dessa sua vontade, da sua decisão de mudar, fica bem mais fácil sua recuperação. Quando nós compreendemos que nossas atitudes estão ficando perigosas e queremos sair fora, passamos a ter nas mãos a força que nos empurrará para o sucesso: nossa vontade.

— Mas por onde devo começar?

— Diga-me primeiro o porquê, o que o levou a experimentar a maconha.

— Quando meu irmão morreu tudo lá em casa desmo-ronou. Eu me senti rejeitado, pois não consegui fazer com que mamãe olhasse para mim ou para a Laís. Para ela passamos a não existir, a não ter importância. Eu sofria muito. Sofria pela perda do meu irmão e da minha mãe. Passei a ir mal à escola, falsifiquei a assinatura da minha mãe, fiz um monte de asneiras. Passei a andar com o Marcos e sabia que ele fumava maconha. Daí para começar também a fumar foi só um passo. Quando a mamãe já estava recuperada, graças ao senhor, tentei parar, mas não consegui. O resto não preciso dizer o senhor já sabe.

Rubens se envolvia com as palavras do rapaz. Com bondade e tendo o cuidado para não feri-lo em sua suscetibilidade foi explicando e respondendo a todas as perguntas feitas por ele. Deixou bem claro a André que tudo que fazemos na nossa vida é de inteira responsabilidade nossa, embora muitas vezes joguemos a culpa em uma terceira pessoa, na maioria das vezes nossos pais. Abafamos nossas fraquezas, escondemos nossas imperfeições e passamos a analisar e julgar as atitudes dos outros, não se dando ao menor trabalho e boa vontade de tentar compreender a maneira como cada passa pelo sofrimento.

O corpo não deve ser considerado nem tratado como se fosse um depósito de lixo, onde jogamos tudo o que não presta. Ao contrário, como foi dito, é importante que se dê ao corpo somente o que ele necessita para se fortalecer, ser saudável e dar condições de prosseguir a jornada no plano físico.

Ora, se com a imprudência de hábitos nocivos à saúde saturarmos o corpo material, o que se pode esperar, além dos

distúrbios dos órgãos físicos e também do perispírito? A importância da preservação da vida pela conscientização de que todo ser é aquilo que pensa que ingere que age e que pratica deve ser constante na compreensão da vida. Drogar-se, alcoolizar-se, é tirar o funcionamento normal e natural dos órgãos do corpo de matéria, sem dizer do estrago no corpo fluídico, e a consequência dessa imprudência virá, com certeza, tanto no plano terrestre como no plano espiritual. O Criador, ao presentear seus filhos com o livre-arbítrio, deu-nos condições de discernir o que é bom e o que é ruim para nossa integridade física, moral e espiritual. Cabe a cada um perceber e definir o que quer para sua vida, se a felicidade ou o sofrimento. Cada um deve saber quanto vale a sua vida; qual a importância que tem para si a experiência abençoada da reencarnação e o que pretende viver no futuro por ocasião do seu retorno. Geralmente o homem exige paz e solicita da Vida Maior esta tão sonhada paz, esquecendo-se de que ela só pode ser encontrada dentro de nós e não fora. Seu nascimento se faz na alma de cada um, e todos os seres devem ter consciência de que somente eles poderão fazer com que a paz envolva o planeta. É isso que Deus espera que os homens compreendam, que o mundo poderá se tornar melhor quando eles perceberem que podem modificá-lo somente por meio de seus hábitos, de suas virtudes e de sua integração com o semelhante.

Sonhar é equilíbrio quando colocamos o sonho dentro da realidade saudável e produtiva, isto é, sonhar e querer a paz para o mundo só é válido a partir do momento em que se luta para que ela aconteça, e se compreende que somente o amor transforma o homem, e onde existir o amor existirá a paz.

Após duas horas de diálogo entre André e Rubens, este encerrou a conversa deixando marcado outro encontro na semana seguinte.

André retornou ao lar mais confiante e esperançoso. Chegou com Paulo, alegre e mais descontraído. Sentia-se mais seguro com a ajuda de Rubens.

— Que bom vê-lo assim feliz, meu filho!

— Mãe, Dr. Rubens é o máximo. Tivemos uma conversa muito boa, com explicação sobre tudo o que me incomodava. Estou confiante de que vou conseguir.

— Claro que vai, André.

— Ele agendou outra consulta para a semana que vem. É uma espécie de terapia. Não vou faltar, mãe, quero muito melhorar e me salvar.

— André, você não imagina como eu e seu pai estamos felizes. Acreditamos em você porque sabemos que sua intenção é boa e sua vontade, verdadeira.

— Mãe! É verdadeira! Só uma coisa me deixa triste.

— O quê, filho?

— Marcos! Por que ele não quer ajuda, mãe?

— André, não podemos mudar as convicções de ninguém. Podemos e devemos, sim, orientar, mas as mudanças acontecem quando a pessoa as deseja e as permite. Os pais de Marcos já fizeram tudo que podiam, mas nada conseguiram. Ninguém muda pela vontade do outro, mas sim pela própria vontade. O Marcos não quer,

prefere a vida de riscos e incertezas que o levará ao sofrimento e à dor, tanto sua como de sua família.

— Dr. Rubens aconselhou-me a não ficar inativo em casa. Como estamos no final do ano e só voltarei a estudar no ano que vem, orientou-me a praticar algum esporte. Sabe, mãe, ele me convidou para ajudar nos últimos preparativos para a inauguração do Lar de Isabela, que está prevista para 24 de dezembro.

— E você, filho, aceitou?

— Claro mãe. Ele disse que quando ficamos muito tempo sem fazer nada, sem ocupar nossa mente com algo produtivo, somos alvo fácil de pensamentos prejudiciais que nos levam a cometer atos dos quais podemos nos arrepender mais tarde.

— Que bom André! Que bom saber que vai nos ajudar. Precisamos mesmo de pessoas jovens que têm mais disposição para certos trabalhos mais pesados. Fico muito feliz.

— A Laís está ajudando também?

— Está! Ela e Laura estão providenciando toda a parte de cama, mesa e banho das gestantes que ficarão internadas, assim como dos enxovais que receberão aquelas que freqüentarem o curso.

— Bonito esse trabalho, mãe!

— É, André, é um trabalho muito bonito. Quiçá a maioria das pessoas se conscientizasse da importância dele, quanto podem colaborar para tornar o mundo melhor e as pessoas mais felizes.

— A senhora encontrou seu equilíbrio, não, mãe?

— Sim! Consegui perceber que, quando secamos nossas lágrimas com revolta, desespero e descrença, elas passam a nos queimar como brasas, mas, ao contrário, se elas forem secas com atos de amor e olhar de compaixão com o próximo, encontramos a paz, porque nosso coração estará repousando no amor de Deus. Foi o que fiz, entreguei minha dor ao amor de Deus e hoje sou feliz da maneira que posso ser.

— A senhora nunca desanimou, mesmo depois que eu a fiz sofrer.

— Escute André, devemos lutar contra o desânimo, a melancolia, enfim, contra tudo que possa nos impedir de pros-seguir na fé em nosso Criador. A prática do bem, a sensibilidade em perceber o sofrimento alheio nos faz esquecer-se do nosso problema e nos torna pessoas melhores.

André, como há muito tempo não acontecia, olhando para sua mãe chorou de emoção.

— Mãe, eu te amo! — e abraçou-a com carinho.

MARCOS SE COMPLICA

Laura, ao desligar o telefone, sentiu uma vertigem e desfaleceu. Pedro que se encontrava na sala, próximo a esposa, correu a socorrê-

la, atônito sem entender o porquê do desfalecimento e o que teria escutado no telefone que a fez sentir-se mal. Após breves instantes, Laura se reanimou.

— Querida, o que aconteceu de tão grave que a deixou assim tão abalada? Diga-me!

— Pedro, sinto-me morrer.

— Pelo amor de Deus, Laura, conte-me logo! - exclamou Pedro, demonstrando total nervosismo.

— O Marcos!

— O que tem o Marcos?

— O que fizemos Pedro? Onde erramos? Ou melhor, eu errei e agora pago pelo meu erro do passado.

— Laura, o que é isso agora. Acalme-se e conte-me o que aconteceu com o Marcos para deixá-la nesse estado.

— Ligou um tal de Nestor procurando pelo Marcos.

— E o que queria com ele?

— Disse que era a última vez que cobrava a dívida, se ele não pagasse em vinte e quatro horas, ele o apagava.

— Ele disse isso, que o apagava?

— Disse!

— E você, o que respondeu?

— Nada. Não deu tempo. Ele falou assim e desligou antes que eu tivesse qualquer reação. Aí, senti-me mal e desmaiei.

— Meu Deus, que dívida será essa, Laura? Onde o Marcos está se metendo?

— Não sei. Mas só pode ser dívida de droga, Pedro. Ele não quis receber ajuda assim que voltou para casa, e não largou de fumar maconha. Tenho medo de falar, mas acho que nosso filho se envolveu com drogas mais pesadas.

— Será, Laura? Será que Marcos é tão inconstante a esse ponto?

— Infelizmente acredito que sim. Há quanto tempo ele e André fumavam maconha? Envolveram-se até em assalto, ficaram recolhidos em um reformatório. André se arrependeu e procurou ajuda, mas Marcos se negou. Desde que retornou para casa parou de andar com André e se envolveu com péssimas companhias.

— É ele me disse um dia que não andava mais com o André porque ele tinha ficado babaca.

— Ele me disse isso também.

— Paulo me contou que até hoje o André se trata com o Dr. Rubens, pratica esporte e continua ajudando vocês no Lar de Isabela. Pena que nosso filho não quis seguir seu exemplo.

— É, e cada vez se afunda mais. Tenho medo, Pedro, medo do que possa acontecer com ele.

— Assim que Marcos chegar, falarei com ele.

— É bom que fale, mas acredito que não adiantará.

— Mas sempre vale a pena tentar, Laura.

— Isso é verdade.

As horas passaram. Pedro e Laura não continham mais a ansiedade. Os dois sentados na cozinha tomavam uma xícara de café quando ouviram o barulho da porta da frente. Laura, impaciente, gritou:

— Marcos, é você?

— Sim, mãe, sou eu.

— Por favor, filho, venha até aqui. Precisamos falar com você.

Marcos desconfiado, e já colocando no rosto uma ex-pressão de defesa, aproximou-se dos pais e lhes disse:

— Algum problema?

Foi Pedro quem respondeu:

— Sim, Marcos, problemas!

— E posso saber quais?

Pedro continuou:

— Claro que pode, porque eles são seus, você é o responsável por eles.

— Sermão há esta hora, estou fora.

La saindo da cozinha quando ouviu a voz enérgica do pai.

— Marcos! Sente-se aqui porque vamos conversar.

— Outra hora, pai.

— Agora!

Marcos nunca tinha visto uma atitude tão severa de seu pai. Pela expressão de seu rosto achou melhor obedecer. Sentou-se em frente a sua mãe.

— Pronto. Estou sentado, o que o senhor quer?

— Primeiro que tenha uma postura mais educada. Pedro respirou fundo e abrandou a voz:

— Marcos, você nos preocupa. Em que você está metido? Com quem está andando?

— O que é isso agora, pai? Vai começar a me controlar? Esqueceu que dentro de poucos dias completo dezoito anos? Eu e o André temos a mesma idade, lembra? Nossa diferença é de apenas uma semana.

— Marcos, não estamos falando do André, estamos preocupados é com você. Você é nosso filho.

— Preocupado com quê? Não fiz nada!

— Quem é Nestor?

Pedro perguntou tão de repente que Marcos, empalidecendo, ficou sem reação.

— Responda-me quem é Nestor? - repetiu Pedro.

— Eu... eu sei lá. Não conheço nenhum Nestor.

— Conhece sim! - gritou Laura

Pedro, observando o descontrole da esposa, pediu:

— Fique calma, Laura. Deixe-me resolver isso com ele.

Voltando-se para Marcos continuou:

— Você sabe, sim. Quem é Nestor? Ele ligou para cá cobrando uma dívida. Que dívida é esta?

Marcos não sabia o que dizer. Percebeu que não conseguiria mais enganar seu pai e receava sua reação.

— Uma dívida boba, pai.

— Não me enrola, Marcos. Quero saber que dívida é essa, de quanto é e quem é Nestor?

— O senhor não vai entender!

— Entender o quê? Que você se envolveu com droga pesada e ele está cobrando porque é um traficante? É isso?

— Tudo bem, já que vocês querem saber, é isso sim. Eu me drogo sim e devo a ele o dinheiro da droga que comprei. E isso é problema meu.

Pedro e Laura sentiram-se como se lhes faltasse o chão. Enquanto Laura chorava, Pedro tentava o mais que podia controlar o nervosismo e o medo.

De repente Marcos lhe pareceu um estranho.

Nada lembrava o menino que criara e que o acompanhava ao jogo de futebol aos domingos. Não conseguia emitir nenhuma palavra. Apenas olhava seu filho e internamente se perguntava: por quê?

As vicissitudes da vida não são sempre punição das faltas atuais. São provas impostas por Deus ou escolhidas por vós mesmos quando no estado de espírito e antes da vossa reencarnação, para expiar as faltas cometidas numa outra existência. Porque jamais a infração das leis de Deus, e, sobretudo da lei da justiça, fica impune; se a punição não é falta nessa vida, será necessariamente em outra. É por isso que aquele que é justo aos vossos olhos vê se freqüentemente tingido pelo seu passado. (Livro dos Espíritos - Capítulo 1

- (item V - pergunta 984).

Pedro dirigiu-se até a geladeira, pegou um copo com água e tomou-o de um gole só. Estava dando a ele mesmo um tempo para conseguir assimilar o que o filho lhe dissera. Laura não conseguia conter o pranto. Marcos, impaciente, quase gritou:

— Então! Vão ficar aí sem dizer nada? Digam alguma coisa, reclamem, briguem, ou estão esperando que eu caia de joelhos e peça perdão? É isso?

Pedro e Laura estavam atônitos. Não acreditavam ser o filho que tanto amavam quem os afrontava daquela maneira. O brilho dos seus olhos estava embaçado pelas lágrimas. Pedro, recuperando o autocontrole, respondeu:

— Escute aqui. Marcos, por maior que seja o amor que temos por você, exigimos que nos respeite. Abaixei seu tom de voz, aqui não existe ninguém surdo, mas pessoas educadas, e eu não estou brincando!

A valentia de Marcos enfraqueceu ao ouvir a voz enérgica e segura do pai. Sentiu que eles não estavam realmente brincando.

— É que vocês ficam me regulando, "poxa"!

Laura, um pouco mais calma, dirigiu-se ao filho e com esforço falou de maneira mais terna:

— Meu filho, acho que você já entendeu que o meu amor por você é um sentimento real e verdadeiro. Tudo foi explicado há tempo e eu senti que você me perdoou. Eu lhe pergunto então: por que você nos agride dessa maneira? Por que não quer se tratar, se cuidar e voltar a ser a pessoa que era tempos atrás? Podemos refazer tudo, recomeçar de novo, reconstruir nossa família trazendo harmonia e felicidade para todos.

— Mãe, eu sou assim!

— Não, filho, você não é assim. Você ficou assim porque relutou e reluta ainda em aceitar os ensinamentos que nos tornam pessoas melhores. Mas você pode deixar de ser, basta que queira se modificar.

Pedro, apoiando a esposa, continuou:

— Reconheça que você é um viciado Marcos. A partir daí aceite a ajuda de quem está lhe oferecendo.

— Pai, eu não sou um viciado. Paro a hora que eu quiser.

— Então queira e pare pelo amor de Deus! - gritou Laura.

— Calma, Laura, controle-se!

— Não posso Pedro, não agüento mais!

Pedro fez um carinho na esposa e continuou dirigindo-se a Marcos:

— De quanto é essa dívida?

— É "porcaria", pai, pouca coisa.

— Pouca coisa, quanto? - insistiu Pedro.

— R\$ 200,00!

— E onde pretende conseguir esse dinheiro?

— Não pretendo, já consegui.

— Como?

— Não importa pai. Fica "frio" que já tenho o dinheiro para pagar. Já disse que isso é um problema meu, e depois o Nestor não tinha nada que ligar para cá.

— Marcos - insistiu Pedro —, como você conseguiu esse dinheiro?

— Fiz um serviço aí para um cara amigo meu e ele me pagou. Agora chega! Não sou mais criança para ter que dar tanta satisfação. Sei comandar minha vida.

— Não é criança, mas age como tal, metendo-se sempre em enrascadas - disse Laura.

— Dá um tempo, vai, vou sair.

Virou as costas e saiu, deixando seus pais boquiabertos com sua atitude.

— Pedro, isso não vai acabar bem.

— Eu sei Laura. Também estou angustiado e temeroso como você, mas para ser sincero não sei mais o que fazer.

Quando relutamos em reconhecer nosso erro, torna-se difícil sair dele. Sofremos e fazemos sofrer nossa família e as pessoas que nos amam. Nem sempre temos condições de sair sozinhos do lamaçal no qual nos metemos, é hora de pedir ajuda e aceitá-la com a certeza de que somente assim teremos condições de renovar nossa vida. Muitos se envolvem em um emaranhado de enganos, confusões e ilusões, e se torna muito difícil achar a ponta desse novelo e encontrar de novo o bom caminho. A droga é o que o nome diz: uma droga! No início leva seus adeptos à euforia, ao êxtase, à sensação de poder e depois atira-os no inferno, transformando-os em farrapos humanos, sem dignidade e sem noção de respeito e de responsabilidade. Rouba-se, mata-se e violenta-se em nome da droga. Passam a viver como servos dessa substância alucinógena, cometendo barbaridades e machucando os corações sensíveis e amorosos dos pais. O estrago feito no corpo físico é grande, mas nada comparado ao estrago no perispírito. A dor acompanhará esses insensatos além-túmulo, e a conseqüência virá por meio do sofrimento que experimentaram na espiritualidade. As lágrimas virão e o arrependimento também ao perceberem que deformaram seu corpo fluídico com entorpecentes e que desperdiçaram a bênção da encarnação na Terra, por conta da satisfação de desejos vis; corromperam-se em nome de algo desprezível e inútil.

Portanto, pensem muito antes de se entregarem a algo perigoso, porque poderão não conseguir sair. Se quiserem que uma coisa dê certo lá na frente, têm de começar a cuidar dela agora.

Como disse Jesus: "Orai e vigiai", para que seus passos possam levá-lo ao encontro da verdade e, conseqüentemente, da felicidade.

DIA DE FESTA

Marília não se cansava com os preparativos para a festa de André. Tudo fora cuidadosamente organizado.

A alegria de Marília e Paulo só era embaçada, às vezes, pela saudade de Fábio e o desejo de que ele estivesse ali, naquele momento junto ao irmão no dia em que este completava dezoito anos. Mas, com a força da fé que os amparava, logo tomavam a satisfação de poder, não tanto pelo aniversário do filho, mas pela graça recebida por sua recuperação. Fábio - sabiam — com certeza estaria protegendo o irmão e feliz em ver sua família retomando a paz perdida.

Tudo o que lhes acontecera fizera-os amadurecer na fé e na crença de que, quando se sofre com Jesus no coração, a possibilidade de permanecer de pé é bem maior e mais segura. Jesus fortalece aquele que O recebe.

— Mãe, não precisava tanta preocupação com o meu aniversário, afinal, é só um aniversário, mais um ano de minha vida. Não justifica tanto trabalho.

— Justifica sim, André. Nós sabemos que é só mais um ano de sua vida, mas para nós é como se estivéssemos recebendo você de novo, pequenininho, em nossos braços. Jamais nos cansaremos de agradecer ao Pai por ter permitido que você voltasse para nós da maneira que sempre foi gentil, educado e digno. Isso para nós, filho, não tem preço. O que estamos fazendo hoje é apenas externar o que nos vai à alma: felicidade!

— Está bem, mãe, façam tudo como quiserem; queria apenas poupá-los.

— Você convidou o Marcos?

— Desde aquele dia que falei com ele no telefone, lembra, no início do tratamento com o Dr. Rubens, ele não falou mais comigo. Cada um seguiu seu caminho.

— É uma pena. Laura e Pedro têm sofrido tanto por causa dele.

— A senhora sabe de alguma coisa?

— O que sei vem por meio do desabafo de Laura. Ele continua se drogando, se envolveu com traficantes e ela desconfia que deve até praticar algum furto ou coisa parecida.

— Por quê?

— Porque ele não trabalha, e eles não sabem onde ele arruma dinheiro para sustentar o vício.

— E não procuraram saber?

— Inúmeras vezes. Muitas mesmo, mas em todas elas só conseguiram gritos, brigas e agressões verbais como resposta. André,

se os filhos soubessem a grande dor que causam no coração de seus pais quando assumem posturas inadequadas e perigosas, teriam mais controle e cautela na vida.

— E eu já causei esta dor, não é, mãe?

— Filho, não se culpe mais, pois nós já lhe dissemos várias vezes que já lhe perdoamos e admiramos você pela luta que travou consigo mesmo. Uma luta que, graças a Deus e ao Dr. Rubens, você venceu. Hoje nos proporciona muita alegria; pela sua mudança, seu trabalho voluntário no Lar de Isabela, enfim, por voltar a ser o filho que criamos e amamos tanto.

— Obrigado, mãe. Por falar no Lar de Isabela, falta pouco para a inauguração. Sabe que estou ansioso.

— Eu também. Todos nós estamos. Dr. Rubens escolheu uma data bonita para inaugurar: véspera de Natal.

— É verdade, não podia ter escolhido data melhor e mais bonita.

— Bem, agora vamos nos apressar; logo mais seus amigos e nossa família estarão aqui para abraçar você.

— Tem razão. Quer que eu arrume as mesas e as cadeiras?

Marília, feliz como uma criança, aceitou.

— Faça isso, André, por favor. Chegando próximo à escada gritou:

— Láis, venha nos ajudar, filha.

Ao cair da noite, tudo estava pronto.

Os primeiros convidados começaram a chegar trazendo mais alegria para Marília e Paulo.

André, ao contrário do que pensava, estava descontraído e feliz.

Recebia os convidados com cortesia e agradecia a todos o carinho da amizade.

Tudo transcorria em perfeita harmonia. Para Marília a noite estaria perfeita, se não fosse a preocupação com os amigos Laura e Pedro, ao notar a tristeza nos olhos deles.

— Não fique assim, amiga. Tudo irá se resolver. Um dia Marcos perceberá o inferno em que está se metendo e sua razão voltará. Confie, Deus sabe o momento certo de intervir.

— Eu sei Marília. Se não fosse a amizade de vocês, do Dr. Rubens e nosso trabalho social, não sei, acho que tanto eu quanto Pedro já teríamos sucumbido. Há momentos em que pensamos não agüentar mais, aí, lembramos do que o Dr. Rubens sempre diz: "nenhuma dor pode ser maior que o amor de Deus por nós", e, segurando nesse amor, prosseguimos.

— É assim que deve ser Laura, mas hoje é dia de festa. Dê uma trégua para sua cabeça e seu coração e divirta-se.

A reunião prosseguia animada e descontraída. No momento em que André se preparava para soprar suas dezoito velas e servir o bolo, o inesperado aconteceu. Marcos, des-controlado, drogado e agressivo, apareceu. Entrando na sala, gritou para o antigo amigo, tomando uma postura inadequada e provocativa:

— Parabéns, babaca! Que cena mais comovente, o filhinho da mamãe apagando as velinhas, Não tem vergonha "meu"? - gritou mais alto ainda. — Vai ficar eternamente agarrado na saia da mamãe, é? Vim te trazer um presente,

olha, tenho aqui uma da boa, "tá ligado"?

Laura, estupefata e mal podendo se controlar aproximou-se do filho e, tentando segurá-lo, lhe disse:

— Pelo amor de Deus, Marcos, pare!

— Parar? Eu mal comecei!

— Vamos embora!

Sem que Laura esperasse, recebeu do filho um empurrão e teria caído no chão se Pedro não fosse rápido e a tivesse segurado.

— Que embora que nada, acha que vou perder essa cena patética? Meu antigo companheiro dando uma de bonzinho? Qual é "mano"?

Pedro, assim que atendeu a esposa, voltou-se para o filho e, segurando-o firme pelo braço, puxou-o levando-o para fora.

Paulo imediatamente acompanhou o amigo.

André, sem se importar com o que pudessem dizer, chorou.

Marília e Inês estavam atônitas. Não sabiam como agir, se davam continuidade à festa ou se davam por encerrada aquela noite que prometia ser uma das mais felizes para elas.

Assim que Laura se recompôs, levantou-se. Enfrentando os olhares indagadores dos presentes, disse de uma maneira que surpreendeu a ela própria:

— Por favor, perdoem-nos. Como vocês todos puderam presenciar, eu e meu marido estamos passando por um momento difícil de nossa vida. Não posso mais esconder nem negar: meu filho é viciado em drogas. Pedro e eu não sabemos mais o que fazer para ajudá-lo. Ele não quer ajuda. Gostaria

que os jovens aqui presentes pensassem muito bem antes de entrar pelos caminhos perigosos das drogas. A volta é sofrida para todos. Não sigam o exemplo do meu filho, mas sim o exemplo de André, que mostrou que tudo é possível quando existe vontade. Peço que me desculpem.

Olhando diretamente para Marília, disse com voz suplicante:

— Para que eu não me sinta pior do que estou me sentindo, por favor, continue a festa; o André merece vocês merecem. Vocês têm o que comemorar. Com licença.

Virou-se para sair.

Marília, visivelmente emocionada, abraçou-a com carinho.

— Um dia isso vai passar minha amiga. Não desanime.

— Eu sei Marília. São vocês que nos dão força, com amizade sincera. Eu estou bem. Por favor, continue a sua festa, eu lhe peço, e não se zangue comigo, eu vou me retirar, vou ver o que podemos fazer com o Marcos.

— Eu compreendo Laura. Rogo a Deus que os ampare.

Laura retirou-se acompanhada por Rubens. A festa continuou, mas sem o brilho anterior.

Pedro, com a ajuda de Paulo, levou Marcos para casa. Mal conseguiam segurá-lo tamanha a força com a qual ele lutava com os dois.

Assim que chegaram, colocaram-no no quarto e saíram trancando a porta. No andar de baixo podia-se ouvir os gritos de Marcos.

Pedro sentou-se, cobriu o rosto com as mãos e chorou.

— Meu amigo, estamos todos nós solidários com a sua dor. Em que podemos ajudá-lo? Não se intimide, conte sempre conosco.

— Não sei mais o que fazer Paulo. É como se estivesse acorrentado e vendo o fogo destruir meu lar.

Passados poucos instantes, Laura chegou com Rubens. Ao ver o marido naquele estado correu a abraçá-lo. Rubens e Paulo olhavam os dois amigos, juntos, abraçados, sofrendo a mesma dor e não puderam deixar de se sensibilizar até as lágrimas.

De repente perceberam o silêncio.

— Será que ele dormiu Rubens? - indagou Pedro.

— Pode ser talvez tenha se apagado sob o efeito da droga. Vamos vê-lo.

Ao abrir a porta do quarto, a surpresa: Marcos havia pulado a janela do quarto, no andar de cima da casa, e fugido. Diante do espanto dos dois amigos, Laura disse:

— Ele já fez isso antes. Da janela, segura-se no galho dessa árvore que é bem próximo e desce por ela.

— Por que não me lembrei disso? - culpou-se Pedro.

— Porque você é humano - disse Rubens, para aliviar a tensão de Pedro. — Estava sob forte pressão emocional, é bastante compreensível.

— E agora, Laura, o que será do nosso filho?

— Não sei Pedro, não sei mesmo; vamos aguardar.

Rubens e Paulo despediram-se dos amigos, deixando-os mergulhados em profunda dor. No caminho Paulo perguntou ao médico:

— Rubens, diga-me, até quando sofrerão com isso?

— Não sei lhe dizer, Paulo. Só posso afirmar que se Marcos não quiser ser ajudado, pouco eles poderão fazer. Na dependência química, para que o tratamento surta o efeito desejado é necessário que o dependente cumpra sua parte através da sua vontade e determinação em ficar limpo. A volta é muito sofrida. É comum aos usuários de droga serem internados contra a vontade, porém, assim que se desintoxicam e voltam ao lar, a primeira coisa que procuram é a droga. Mas quando reconhecem e aceitam que são dependentes e procuram ajuda, tudo fica mais fácil e a recuperação é mais segura. Na realidade não existe cura, e sim, abstinência; é vencer cada dia,

como o alcoolismo. Cada dia é uma etapa vencida, mas sabem que se experimentarem novamente tudo voltará. A internação contra a vontade do dependente se faz em casos graves, realmente necessários.

— Meu Deus, por que os jovens hoje andam tão loucos ao ponto de comprometerem sua saúde, seu futuro e sua vida por conta de prazeres fictícios? Vivem a ilusão por algum tempo e, posteriormente, voltam à dura realidade de quem é viciado.

— É, Paulo, os jovens deveriam ser mais prudentes consigo próprios. Não colocar a perder nem arriscar uma vida que poderá ser promissora.

A festa de André, por não mais ter mantido o brilho do início, logo terminou. Ninguém ousava falar mais nada. Preparavam-se para dormir quando André entrou no quarto de seus pais e lhes disse:

— Pai, mãe, obrigado. Valeu!

Sem esperar resposta, virou-se e dirigiu-se para seu quarto.

Marília e Paulo olharam-se e, cada um, sem nada dizer, agradeceu mais uma vez a Deus a graça recebida.

Passaram-se doze dias após o aniversário de André.

— E aí, Laura, Marcos apareceu?

Marília não podia ver o abatimento no rosto da amiga.

— Obrigada por me ligar, Marília. Não, ele não apareceu ainda. Pedro já deu queixa na delegacia; estamos desesperados, não sabemos o que fazer, estamos perdidos e assustados.

— Temos orado muito por ele, amiga. Ele vai aparecer, vivo você vai ver.

— Deus a ouça! - exclamou Laura, demonstrando uma tristeza que mal conseguia esconder. — Imploro a Deus que ele esteja vivo e que volte para nós.

— Ele vai voltar Laura, confie em Deus. Assim que ele aparecer, por favor, nos avise. Se precisarem de alguma coisa nos procure.

— Obrigada, Marília, sabemos que podemos contar com vocês. O Dr. Rubens também tem ligado todos os dias para saber notícias. Assim que ele voltar, nós avisamos.

Laura, desligando o telefone, sentou-se e pegando o Evangelho Segundo o Espiritismo leu:

— Os sofrimentos por causas anteriores são, freqüentemente, como 05 das faltas atuais, a conseqüência natural da falta cometida; quer dizer, por uma justiça distributiva rigorosa, o homem suporta o que fez os outros suportarem; se foi duro e desumano, ele poderá ser, a seu turno, tratado duramente e

com desumanidade; se foi orgulhoso, poderá nascer em uma condição humilhante; se foi avarento, egoísta, ou se fez mal uso da sua fortuna, poderá ser privado do necessário; se foi mau filho, poderá sofrer com os próprios filhos etc. (Evangelho Segundo o Espiritismo — Capítulo V — item VII).

Laura fechou o livro e, elevando o pensamento até Nosso Pai, orou:

— Senhor, não sei o que fui ou o que fiz na minha vida passada, mas sei que não sofro injustamente porque confio no amor e na tua justiça. Peço perdão pelo que possa ter feito e suplico auxílio para que saiba, pela paciência e pela aceitação dos teus desígnios, consertar o que estraguei e suportar com coragem e fé tudo que possa estar ainda por vir. Ajude-me a vencer.

Ainda estava com o pensamento direcionado ao Pai, quando voltou à realidade ao ouvir o barulho da porta fechando bruscamente. Olhou assustada e ficou perplexa com o que viu.

Marcos estava ali, parado, sujo e malcheiroso. Olhar espantado, mostrando pelo seu aspecto fraco e cambaleante que nada tinha comido até então. Suas roupas estavam rasgadas e seus pés, descalços.

Laura, cedendo aos seus impulsos e sem tirar os olhos do filho, pegou o telefone e ligou para Pedro.

— Pedro, por Deus, venha correndo. Marcos está aqui e eu estou assustada.

— Calma, querida, estou indo.

Laura realmente estava sem ação, tamanho era seu espanto com a figura do filho. Sentia um misto de alegria e tristeza, e não saberia definir qual sensação era mais forte. Marcos continuava olhando-a sem nada dizer. Parecia dementado. Com passos imprecisos, Laura foi se aproximando receosa. Tinha medo do que poderia acontecer.

— Filho, por onde andou? Por que está nesse estado?

Marcos continuava em silêncio. Laura, seguindo o impulso natural nas mãos, enlaçou-o em seus braços, sem se importar com o odor fétido que exalava. Foi assim que Pedro os encontrou.

— Marcos! O que aconteceu, meu filho, que estado é esse tão deplorável?

— Ele está assim, Pedro, desde que chegou. Não saiu do lugar e não disse uma palavra. Veja o estado dele, estou assustada.

— Laura, melhor chamar o Rubens. Ele precisa de atendimento médico.

Enquanto aguardavam a chegada de Rubens, levaram Marcos para o banheiro, despiram-no e colocaram-no embaixo do chuveiro. Os dois tentavam controlar a emoção de ver o filho, o único filho, naquele estado quase de demência.

Após o banho, vestiram-no com pijama limpo e o acomodaram em sua cama confortável e cheirosa.

Marcos deixava-se conduzir sem ter nenhuma reação ou emitir nenhum som.

Assim que Rubens chegou, colocaram-no ciente de como ele chegara e o levaram até ele. Marcos, deitado, olhava para o teto com os olhos parados, dando a impressão que nada via. A proximidade de Rubens, ele teve um leve tremor.

Rubens examinou-o com cuidado.

— Ele está em estado de choque - disse. — É preciso levá-lo para o hospital. Necessita de atendimento médico e só terá o que precisa dentro de um hospital.

— Mas como vamos saber o que aconteceu com ele, Dr. Rubens?

— Dona Laura, ele agora não tem a mínima condição de explicar nada. Precisamos tratar dele com urgência. Mais tarde, quando melhorar e tiver condições de falar, explicará tudo. Tenham paciência, é necessário aguardar. Vou chamar o resgate para levá-lo.

— Faça o que achar melhor, Rubens.

— Fiquem calmos, ele ficará bom.

— Podemos ir com ele?

— Claro, é mesmo necessário que estejam com ele.

Laura e Pedro discretamente enxugaram uma lágrima que teimava em cair.

Assim que o resgate chegou, acompanharam o filho até o hospital.

NO LIMITE DA DOR

Sentados na sala de espera, Laura e Pedro dividiam um com o outro a dor que machucava seus corações. De repente tudo se confundia em suas mentes, e o mundo parecia desmoronar. A vida tranqüila que levavam fora derrubada por um furacão e eles, perdidos e ainda confusos, não conseguiam se posicionar e saber qual a melhor atitude a tomar.

— Pedro, sinto medo, muito medo! Medo do que está por vir.

— Laura, confesso que também sinto medo e não sei o que fazer. Estou temeroso como você, é como se me faltasse o chão para pisar.

— É, sei bem como é isso.

Deram-se as mãos como que tentando adquirir um com o outro a força que faltava em seus corações. Por um longo tempo ficaram assim, juntos, calados, mas cada um sentindo a dor dilacerar o coração. Tão absortos estavam que nem perceberam a presença de Marília e Paulo. Ao toque suave da mão de Marília em seus cabelos, Laura reagiu como se saindo de um mundo longínquo.

— Marília, é você! - exclamou quase num sussurro.

— Minha amiga, que momento doloroso este que estão passando. Viemos aqui para saber de Marcos e verificar se não precisam de alguma coisa.

— É verdade - complementou Paulo. — Sabem que podem contar conosco para tudo o que precisarem.

— Meus amigos - disse Pedro emocionado —, estamos precisando mesmo de alguém que nos dê forças e não nos deixe cair na desesperança.

— Viemos porque Rubens nos ligou informando o que tinha acontecido, até então não sabíamos de nada.

— Ele achou que vocês precisariam de amigos que pudessem ampará-los nesse momento.

— Já avisaram a família de vocês?

— Não, Paulo, Laura e eu achamos melhor não preocupá-los, já que moram tão longe e pouco poderiam fazer.

— É verdade, íamos fazê-los sofrer. Minha mãe, assim como a de Pedro, já tem idade avançada, meu sogro está doente. Achamos melhor poupá-los.

— Rubens imaginou que agiriam assim, por isso colocou-nos a par da situação para que pudéssemos estar junto de vocês.

— É sempre bom termos alguém do nosso lado quando enfrentamos situações difíceis.

— Obrigada. Vocês fizeram muito bem em vir. A dor que sentimos está difícil de suportar sozinhos.

— Tranqüilize-se, Laura, Deus vai ampará-los, com certeza, fortalecendo-os para que não percam a esperança e a fé nesse momento crítico. É necessário prosseguir com valentia. É o instante em que Marcos mais precisará de vocês.

— Sabemos disso, mas nem sempre agimos em conformidade com a nossa razão.

— Vão conseguir, amiga, vão conseguir, com certeza.

Nesse instante Rubens entra trazendo notícias.

— Se quiserem, podem entrar para vê-lo. Ele está dormindo, nesse momento é muito importante o sono, portanto não o acordem, deixem que ele desperte sozinho.

— Mas o que aconteceu, Dr. Rubens?

— Dona Laura, como já foi dito, ele não tem condições ainda de explicar nada. Está emocionalmente muito abalado. Por causa disso é fundamental que descanse bastante. Fique tranqüila, ele não corre risco algum de vida.

— Então, o que acontece? - perguntou Pedro.

— Seu filho deve ter passado por momentos de tensão intensa, muito sofrimento e, em vista disso, abalou-se emocionalmente. É uma reação comum nesse tipo de situação.

— Mas ele ficará bem, não terá nenhuma seqüela?

— Fisicamente sim, não terá problema algum. Com certeza deverá ter um acompanhamento psicológico e um tratamento desintoxicante, isto é, limpar seu corpo dos efeitos das drogas.

Os olhos de Laura umedeceram. Sensível à dor da amiga, Marília abraçou-a.

Quantos pais são infelizes com seus filhos, porque não combateram suas más tendências no princípio! Por fraqueza ou indiferença, deixaram desenvolver neles os germes do orgulho, do egoísmo e da tola vaidade que secam o coração; depois, mais tarde, recolhendo o que semearam, se espantam e se afligem da sua falta de respeito e ingratidão. Que todos aqueles que são atingidos no coração pelas vicissitudes e decepções da vida interroguem friamente sua

consciência; que remontem progressivamente à fonte dos males que os afligem, e verão se, o mais freqüentemente, não podem dizer: se eu tivesse, ou não tivesse feito tal coisa eu não estaria em tal situação. (Evangelho Segundo o Espiritismo — Capítulo V, item 4)

Pedro e Laura entraram no quarto do filho. Pararam próximo ao leito e, emocionados, observaram Marcos que dormia. Pedro segurou a mão da esposa pedindo-lhe, com este gesto, que lhe desse força.

— Vai ser difícil, Pedro, muito difícil. Às vezes me pergunto o porquê de tudo isso estar acontecendo conosco. Será que somos tão ruins assim; será que ainda não me redimi do meu erro, ao ponto de experimentar tanta dor?

— Eu também me pergunto e não encontro resposta, Laura. Mas algum motivo deve ter; deve existir alguma explicação, só não conseguimos entender qual.

Todo efeito tem uma causa. Ora, a causa precedendo sempre o efeito, uma vez que não está na vida atual, deve ser anterior a ela, quer dizer, pertencer a uma existência precedente. Por outro lado. Deus não poderia punir pelo bem que se fez, nem pelo mal que não se fez, se somos punidos, é porque fizemos o mal; se não fizemos o mal nesta vida, o fizemos em outra. É uma alternativa da qual é impossível escapar, e na qual a lógica diz de que lado está a justiça de Deus.

Entretanto, não seria preciso crer que todo sofrimento suportado neste mundo seja, necessariamente, o indício de uma falta

determinada; são freqüentemente simples provas escolhidas pelo espírito para acabar sua depuração e apressar seu adiantamento. Assim, a expiação serve sempre de prova, mas a prova não é sempre uma expiação, mas prova ou expiação são sempre sinais de uma inferioridade relativa, porque o que é perfeito não tem mais necessidade de ser provado. (Evangelho Segundo o Espiritismo — Capítulo V — item VI e VIX).

Rubens, entrando no quarto, condeu-se com a situação dos amigos.

— Ele está dormindo, não se preocupem!

— Rubens, o que nos aguarda no futuro? - Pedro fez a pergunta com ansiedade na voz.

— Não vou enganá-los dizendo que tudo se resolverá facilmente, Pedro. Mas o fato de Marcos ter voltado sozinho para casa pode ser um indício da sua vontade em se tratar. Se ele quiser realmente ajuda e aceitar o tratamento, acredito eu, voltará a se relacionar bem com a sociedade e consigo próprio.

— É muito bom poder contar sempre com sua amizade, Rubens, nos estimula a continuar lutando. Vamos acreditar que Marcos vai renascer.

— É verdade, doutor, Pedro tem razão. Sozinhos não teríamos condições de suportar a tristeza que se abateu sobre nós. Somos muito gratos.

— Não se faz necessário me agradecer. Vocês são meus amigos e estão sofrendo, para mim isto basta, é motivo mais que suficiente para estar perto de vocês e auxiliar quanto puder.

— Quando ele poderá nos explicar o que aconteceu?

— Assim que ele acordar vamos verificar suas condições psicológicas e emocionais. O importante é não pressioná-lo, deixar que as explicações venham no momento que ele se sentir pronto e seguro para isso, tenham calma.

A palavra calma soava aos ouvidos de Pedro e Laura como algo impossível de conseguir. Seus corações pulsavam acelerados, talvez não suportando o peso da emoção contida. Foi Pedro quem, segurando as mãos de Laura, lhe disse:

— Querida, nossos amigos estão lá fora nos esperando. Vamos ter com eles.

— E deixar Marcos sozinho?!

— Laura, ele está dormindo, não vai perceber nossa ausência. Assim que ele despertar, viremos ter com ele. Nós apenas vamos aguardar lá fora.

— Está bem, vamos.

Paulo e Marília, ao vê-los sair do quarto, se aproximaram de imediato.

— Como ele está?

— Dormindo. Rubens disse que temos de esperar que ele acorde espontaneamente.

— O que poderá ter acontecido que o deixou nesse estado? - perguntou Laura, que não escondia sua aflição.

— Laura, é difícil imaginar, mas seja o que for que tenha acontecido impediu que ele voltasse morto - respondeu Marília. — Isto é na verdade o que, dentro do contexto, mais importa.

— Concordo com você - disse Pedro. — Deus está nos dando uma nova chance, para nós e para o Marcos, e é o que devemos fazer: recomeçar! Como já nos foi dito antes, não importa o que tiraram do Marcos ou de nós, mas sim o que faremos com o que sobrou. Que Deus nos dê sabedoria.

— Gosto de vê-lo falar assim, Pedro - falou Rubens, que acabara de chegar. — Tenho certeza de que saberão o que fazer, porque já aprenderam que só o amor enxuga as lágrimas, e amor vocês têm forte e sincero em seus corações.

— Obrigado, Rubens. Se temos alguma sentimento bom dentro de nós, com certeza foi você quem nos ajudou a descobrir e a expandir ao ponto de crer que o sol sempre brilhará, não importa quanto tempo durar a tempestade.

— Realmente, gosto de ouvi-lo falar assim, Pedro.

As horas se passaram sem que na realidade Pedro e Laura percebessem. Só se deram conta quando ouviram a voz da enfermeira dizendo:

— Dr. Rubens, Marcos acordou.

— Vamos até lá - respondeu o médico.

Antes que entrassem no quarto de Marcos, Paulo e Marília se despediram, deixando-os na companhia de Rubens, e à vontade para conversar com o filho.

Marcos ostentava uma aparência melhor e mais tranqüila. Os medicamentos ministrados surtiram o efeito desejado.

— Você está melhor? Filho, o que aconteceu que o deixou naquele estado?

Marcos olhou para sua mãe com uma expressão triste no rosto. Era um misto de arrependimento, vergonha, decepção consigo mesmo. Diante do seu silêncio, Rubens interferiu:

— Marcos, o que nos importa agora é vê-lo bem. Se não quiser conversar agora, não fale. Seus pais respeitarão sua vontade e seus limites. Tem o tempo que achar conveniente para acalmar suas idéias e retomar a posse de si mesmo. As explicações virão mais tarde, no momento que você julgar oportuno.

— É verdade, meu filho - disse Pedro segurando-lhe as mãos. — Agora é importante que descanse bastante e alimente-se bem. Para mim basta saber, por enquanto, que está bem. As explicações, como disse Rubens, virão ao seu tempo.

Marcos não conseguia dizer uma só palavra.

Laura sentou-se próxima ao filho, enlaçou-o, colocando sua cabeça em seu colo. Passando suavemente a mão sobre seus cabelos, falou com carinho:

— Filho, tudo o que aconteceu com você já passou. Está agora com seus pais que o amam e tudo farão para que recobre seu equilíbrio e sua vontade de viver. Não iremos lhe cobrar nada. Posteriormente conversaremos para concluirmos qual o melhor caminho para sua recuperação. Tudo vai dar certo, é só ficarmos juntos, unidos, nos apoiando um no outro, nos fortalecendo e acreditando no amparo divino. Como disse, tudo vai dar certo!

Marcos, absorvendo todo o amor que seus pais lhe dedicavam, esboçou um leve sorriso e falou com voz ainda fraca e quase imperceptível:

— Obrigado, pai, obrigado, mãe!

Entregando-se como uma criança aos carinhos de sua mãe, fechou os olhos e adormeceu novamente.

O olhar indagador de Laura fez com que Rubens se apressasse a explicar.

— Não se assustem ele apenas adormeceu novamente.

Lembrem-se de que ele está sob o efeito de medicamentos. Volto a repetir, é necessário que tenham muita paciência. O processo é esse, vamos aguardar.

Passaram-se quatro dias desde a internação de Marcos. Laura acordou sentindo uma alegria inexplicável. Olhou para Marcos que ainda dormia e disse para si mesma:

— Filho querido, tenho a sensação que hoje será um dia especial. Alguma coisa me diz que você vai acordar bem disposto e pronto para enfrentar a situação. Desconfio que hoje saberemos como tudo aconteceu, tenho certeza de que você vai se recuperar e voltar a ser feliz.

Durante o sono, os liames que unem o espírito ao corpo se afrouxam e o corpo não necessita do espírito. Então ele percorre o espaço e entra em relação mais direta com os outros espíritos. (Livro dos Espíritos — Capítulo VIII — item 401).

Foi o que aconteceu com Laura. Durante seu sono Jacob veio ter com ela e pôde orientá-la quanto a Marcos. Fortaleceu seu espírito na esperança e na crença de que tudo se resolveria com o tempo. Fez com que seu espírito compreendesse que a situação poderia se modificar se ela contribuísse de maneira efetiva para isso. Ao acordar, Laura não se lembrava conscientemente de seu encontro com Jacob, mas trouxe a recordação do colóquio espiritual pela sensação e pela intuição que sentia de que tudo se modificaria a partir daquele dia.

Após uma hora e meia, mais ou menos, Marcos despertou.

Laura, sentada ao lado de sua cama, lia atentamente, quando ouviu chamá-la:

— Mãe!

Rapidamente voltou-se para o filho e seu rosto se iluminou de alegria.

— Marcos!

De um salto abraçou-o ternamente.

— Filho, filho querido; você está com um ótimo aspecto. Dormiu bem?

— Sim, mãe. Sinto-me muito bem e estou faminto.

— Vou chamar a enfermeira e pedir-lhe que providencie seu café.

Enquanto esperava o desjejum, Marcos levantou-se, tomou banho e, sentado em uma cadeira do quarto, conversava com sua mãe.

— Mãe, quanta tristeza trago em meu coração. Quantas marcas cravei em meu peito por ter sido teimoso, inconseqüente, leviano e imaturo o suficiente para não perceber quanto eu estava me afundando e perdendo todos os meus valores.

— Filho, não fale agora, isto poderá fazê-lo reviver e sofrer mais.

— Não, mãe, eu preciso falar; tirar de dentro de mim essa angústia... dividir com as pessoas que amo os meus erros e procurar me curar. Preciso de ajuda, mãe, realmente muita ajuda.

— Você terá meu filho, estaremos sempre do seu lado ajudando-o a se reerguer.

— Isso é possível?

— Claro filho! Agora será possível porque você tem o ingrediente principal: a vontade. E você quem quer e é isso que faz toda a diferença.

— Com licença, trouxe seu café, senhor Marcos.

Agradecendo, Laura apressou-se a servir seu filho.

— Marcos, tome seu café, você se sentirá melhor ainda.

— Obrigado, mãe, mas eu preciso falar desabafar.

— Eu sei filho, e você o fará. Tome seu café e vamos aguardar um pouco, logo seu pai e o Dr. Rubens estarão aqui. Você não acha que seria bom que eles o ouvissem? Seu pai ama tanto você!

— Eu sei mãe.

— O Dr. Rubens, não preciso nem falar quanto ele é nosso amigo, e seu também; seria prudente que ele o escutasse para saber como conduzir seu tratamento, e ajudá-lo caso houvesse necessidade.

— Está bem, mãe, vamos aguardá-los.

Olhou para sua mãe como se pela primeira vez a visse como realmente era. Esboçou um leve sorriso e voltou a tomar seu café.

AUSÊNCIA DE DEUS

Rubens estava satisfeito com o estado geral de Marcos. Tudo indicava que ele teria êxito no seu propósito de cura.

— Está pronto para falar sobre o assunto? - perguntou, olhando atentamente para o rapaz.

— Estou Dr. Rubens; acredito que estou - repetiu.

— Pois bem; comece à hora que quiser. Lembre-se de que estamos aqui para ajudá-lo, não para recriminá-lo. Não nos cabe julgá-lo, fique certo disso.

— É verdade, filho. Queremos o seu bem e lutaremos ao seu lado para que você se recupere.

— Obrigado, pai.

— É importante que saibamos o que aconteceu com você, filho, para melhor compreendê-lo. Todos nós erramos, é necessário se conscientizar do erro e partir em busca dos acertos. Conte sempre conosco.

— Eu sei mãe. Sei que posso contar com vocês. Quero apenas preveni-los de que o que vão ouvir não é nenhuma história da carochinha, com final feliz, muito pelo contrário, o final é triste, promíscuo e traumático.

Laura olhou para Pedro e Rubens com expressão assustada. Pedro adiantou-se:

— Não importa filho, estamos preparados para ouvi-lo. Seja o que for que tenha acontecido, conte-nos sem receio e sem nada esconder. O que está feito não tem volta, mas o que está por vir depende de cada um de nós.

— Seu pai tem razão, Marcos - disse Rubens —, agora é se esforçar e tentar consertar o estrago que o vendaval fez, recuperando o bom senso. Somos todos adultos e sabemos que a vida é o cenário do bem e do mal. Por algum tempo você se incorporou no cenário do mal, mas, agora, percebendo a inutilidade e sofrendo a conseqüência dessa

ilusão nefasta, pode retornar e se integrar no cenário do bem. Todos nós estamos aqui prontos para ajudá-lo a se ajustar e fazer parte nova-mente desse cenário, portanto confie na Providência Divina que o auxiliará nessa tarefa de adequação.

— Acredito no que diz Dr. Rubens. Estou ansioso para tirar de mim este peso que quase me levou à loucura.

— Então fale!

Marcos respirou fundo. Reportando o dia do aniversário de André, iniciou a narrativa:

— Naquela noite, quando fui à casa do André, já tinha me drogado com maconha e cocaína. Nem sei direito o que fiz e o que falei. Só me lembro que, quando me trancaram no quarto, fiquei louco. Era como se um bicho enorme e poderoso tomasse conta de todo o meu corpo. A única coisa que eu sabia era que precisava de mais droga. Pulei a janela do meu quarto e fui à boca onde sempre conseguia a "muamba". Já era conhecido de lá, pois sempre ia buscar o que queria. Cheguei dizendo que tinha conseguido muito dinheiro e que eles poderiam me abastecer porque no final pagaria tudo de uma só vez. Como sempre pagava a eles, não desconfiaram que eu estava mentindo e que não tinha dinheiro algum. Forneceram-me sem economia o que eu queria. Quando atingi o auge do delírio, caí ali mesmo e ali fiquei até que o dia amanheceu e o efeito da droga aliviou. Quando me preparei para ir embora, o chefe se aproximou de mim e me cobrou o que devia. Ao saber que não existia nenhum dinheiro, ordenou que seus capangas me batessem ao ponto de quase me quebrarem todo, trancou-me em um quarto malcheiroso e disse-me que só me soltaria após alguém vir pagar a minha dívida. Não

conseguiram me obrigar a dizer onde meus pais moravam, então mantiveram-me preso dando-me somente pão duro e água, sem direito algum, muito menos tomar banho.

Marcos calou-se e limpou o suor que molhava seu rosto.

Rubens, percebendo seu abalo emocional, lhe disse:

— Marcos, não prefere continuar outra hora? Talvez seja melhor parar por hoje.

— Não, doutor, comecei e vou até o fim. Deixe-me terminar, por favor, nem que o senhor tenha que me sedar depois.

— Faça como quiser.

Marcos pediu um copo com água e continuou:

— Após quatro dias de prisão e sem conseguir meu endereço para cobrar a dívida pressionando os meus pais, alguém teve a idéia de fazer com que eu pagasse trabalhando para eles e me prostituísse para satisfazer seus desejos sexuais anormais e imorais.

Ao ouvir isso, Laura escondeu o rosto entre as mãos e soltou um gemido de dor. Foi como um punhal cravando no peito de Marcos. Pela primeira vez tomava consciência da proporção do mal que fizera a seus pais.

— Perdoe-me, mãe - disse quase chorando —, nunca quis e nunca fiz isso por motivo algum. Obrigaram-me com uma violência física e moral que é melhor nem comentar. Me drogava sim, mas nunca violencei meu corpo.

Rubens, na tentativa de poupar os pais de Marcos de tamanho sofrimento, interveio de imediato.

— Marco não é necessário contar-nos os detalhes; já sabemos o suficiente, tanto que podemos imaginar o resto. Diga-nos apenas como conseguiu fugir dessa situação.

— Entre eles havia um rapaz que sempre foi meu camarada. Tínhamos uma amizade boa; depois de dias vendo o sofrimento que estava me levando à demência, condeu-se da minha situação humilhante e ajudou-me a fugir. Pediu-me que nunca mais voltasse àquele lugar ou me deixasse encontrar pelo chefe, pois com certeza ele me mataria.

— Meu Deus! - exclamou Pedro.

— Essa é a lei dos traficantes, pai. Não são amigos, nunca querem perder e jamais se sensibilizam com os problemas dos outros. Para eles só vale o dinheiro, o lucro. Pena que descobri isso muito tarde e a duras penas.

— Olha onde você foi se meter, filho!

— Eu sei mãe, eu sei! Conheci o inferno, mas não quero voltar para ele; é por isso que peço ajuda. Voltando-se para Rubens, perguntou:

— O senhor, que é um homem com conhecimento profundo da vida, conhecimento adquirido pelos seus estudos e de sua vivência de fraternidade, diga-me: por que existe tanto mal e por que caímos nele?

— Tanto para uma como para a outra pergunta Marcos, só existe uma resposta: ausência de Deus! O mal existe pela ausência de Deus no coração daquele que o pratica, assim como aquele que cai na sua armadilha o faz pelo mesmo motivo. É importante colocarmos Deus em nosso coração, Marcos; Ele é a bússola, a direção que nos leva ao porto seguro.

— Doutor, tenho alguma chance de recuperação?

— Claro Marcos! Mas precisará ter muita força de vontade, fazer o tratamento de maneira séria, terapia e acreditar que pode. Querer é fundamental, e todos vamos ajudá-lo nessa batalha.

— Sim, filho, confie em nós, em você e, principalmente, em nosso Pai que está no céu. Tudo vai se resolver. Voltaremos a ser felizes.

— Coloquei tudo a perder, não é verdade, mãe?

— Agora é pensar no futuro, ver o que de bom sobrou em você e resgatar sua auto-estima, seu valor. Juntos conseguiremos vencer a estrada árdua da volta.

— É melhor descansar agora Marcos - disse Rubens. — Vou dar-lhe um medicamento para relaxar e dormir. Amanhã provavelmente poderá voltar para casa.

— Antes quero responder a uma pergunta que, tenho certeza, todos vocês estão se fazendo.

— Qual filho?

— Onde conseguia dinheiro para sustentar meu vício, já que nunca me viram trabalhar.

— Sim, na verdade gostaríamos de saber.

— Mãe, acredite, por favor, nunca me prostituí. Fazia alguns serviços para o senhor José, aquele do mercadinho da rua de cima, lembra dele? Entregava suas encomendas, limpava o chão, enfim, tudo o que ele precisava. Com o dinheiro que ele me pagava comprava a droga. Depois daquele envolvimento com a polícia, no qual eu e o André fomos presos, confesso que duas ou três vezes me envolvi em confusão com uma turma aí. Fizemos algumas besteiras, mas logo percebi que era gente da pesada e caí fora. Acredite em mim, eu imploro!

Pedro, enquanto ouvia o filho relatar suas experiências, pensava no grande carrasco que é a droga. Enlaça sua vítima, aperta o cinto aprisionando-a e depois joga-a na sarjeta, tirando sua dignidade, sua esperança e desgraçando sua vida e de toda sua família. Não conseguia imaginar seu filho, que tinha tudo em casa, trabalhando em um mercadinho para servir a esse carrasco. Jogara fora seus princípios, seus estudos e sua integridade física.

— Pai, o senhor ouviu o que eu disse?

— Claro, filho, claro. Fique certo de que acreditamos em você. O que nos importa agora é saber que você caiu na realidade e percebeu a necessidade de se recuperar, reestruturar sua vida. Vamos confiar em você, na sua sinceridade. Sabemos que não será fácil, mas vamos lutar colocando Jesus à frente, nos mostrando o caminho e firmando nossos pés na longa jornada.

— Vamos ficar aqui com você no hospital - disse Laura. Se Deus quiser, será só mais esta noite.

— Mãe, não se preocupe. Vão para casa e descansem. Eu estou bem e o doutor disse que vou dormir. Não precisarei de nada. Ficaria mais tranqüilo se soubesse que estão em casa descansando. Quero mesmo ficar um pouco sozinho, pensar um pouco.

Pedro e Laura olharam para Rubens esperando seu parecer.

— Ele tem razão. Podem ir. Ele ficará bem e depois hoje é meu dia de plantão, estarei aqui no hospital toda a noite. Virei vê-lo, fiquem tranqüilos.

— Bem, se é assim, nós vamos. Amanhã bem cedo estaremos aqui.

Aproximando-se do filho, beijaram-no.

— Fique com Deus, filho!

— Vão com Deus também - respondeu Marcos.

Assim que seus pais saíram. Marcos recostou em sua cama e, enquanto aguardava a medicação prescrita por Rubens, deixou-se navegar em suas reflexões. Tudo passava como um filme em sua mente.

— Quanta bobagem e irresponsabilidade pratiquei! - exclamava para si mesmo. — Meu Deus, o que fiz da minha vida. Tendo tudo para ser um vencedor, consegui me transformar em um jovem completamente arrasado, destruído e sem esperanças. Larguei meus estudos, afastei-me das pessoas que me queriam bem e o que é pior,

magoei meus pais e a mim mesmo, transgredindo com total leviandade as leis dos homens e até as leis de Deus. Não posso nem culpar a falta de orientação e informação porque as tive todas e várias vezes. Pensou no amigo André.

— André foi mais esperto do que eu. Percebeu mais cedo a furada em que tínhamos nos metido e a inutilidade da rebeldia dos jovens quando essa rebeldia vem destruir nossas próprias oportunidades de crescer; quando esses atos insanos e irresponsáveis vêm acabar com nossa moral, nossa dignidade

e caráter, trazendo apenas frustrações, mágoas e sofrimentos para aqueles que dizemos amar e para nós mesmos. Nada disso vale a pena, hoje bem sei.

— Por que esse olhar tão absorto, Marcos?

Marcos levou um susto.

— Oi, Dr. Rubens, o senhor me assustou!

— Desculpe-me! Vim ver como estava e o encontro tão pensativo. Como diz o dito popular, "um níquel pelos seus pensamentos" - brincou.

Marcos sorriu.

— É bom vê-lo sorrir!

— O senhor poderia dispor de alguns minutos para conversar um pouco comigo?

— Claro!

Animado, Marcos colocou Rubens a par de todas as suas reflexões, seus medos, seu arrependimento, enfim, ressaltou com veemência a dor que sentia em seu peito pela experiência nociva de ter vivido por alguns dias na promiscuidade, em contato direto com uma violência que até então ele próprio desconhecia.

Rubens compadeceu-se com a aflição daquele jovem que pagara bem caro por sua imprudência. Lembrou-se de seus filhos mortos anos atrás em plena juventude e pensou:

"Meu Deus, poderia ser um filho meu. Quem pode afirmar com certeza que jamais passará por esta ou outra situação conflitante?"

Paternalmente aproximou-se mais de Marcos, sentando bem próximo à sua cama.

— Marcos, vamos conversar sim. Temos a noite toda se quiser, salvo se eu for chamado para alguma emergência. Diga-me sem constrangimento o que o aflige dentre todas as aflições que apertam seu coração.

— Não saberia enumerá-las por ordem de importância, porque todas machucam meu coração com a mesma intensidade, mas gostaria muito que me respondesse a uma pergunta específica: terei algum futuro? Poderei esperar e acreditar em uma nova chance de vida?

— Marcos, é claro que tem e deve acreditar no seu futuro que, com certeza, poderá ser promissor se você quiser e se esforçar para isso.

— Mas o senhor acha mesmo que depois de tudo valerá a pena? Com todas essas cicatrizes, essas marcas que deixei por onde passei?

— Preste atenção, Marcos: um velhinho de setenta anos queria aprender violino, regressar ao mundo espiritual com noções musicais. O professor, surpreso, disse não valer a pena, pois o estudo do violino era muito longo e ele não teria idade suficiente para completar o curso. O velhinho respondeu: "Sempre vale a pena. Se conseguir aprender apenas seis meses, chegarei ao mundo espiritual com um conhecimento a mais, noções de música. Na realidade andei um passo em direção ao meu sonho." Isso quer dizer. Marcos, que na vida é hora de aprender com qualquer idade independentemente do que fizemos ou do que deixamos de fazer, se erramos ou acertamos. O que importa é melhorar sempre, sem cansar nunca.

— O senhor falando assim parece fácil!

— Não, Marcos, não é fácil, aliás, é até difícil. Sabe por quê? Porque nós homens temos a tendência em cair na auto-compaixão, damos muita atenção ao orgulho; nos afundamos no egoísmo e na vaidade em admitir que estamos errados, enganados. É preciso muita coragem para se conscientizar que errou e pedir ajuda. Os que agem com coragem e esperança no futuro aumentam muito a chance de conquistar a felicidade. Os que percebem que são fracos e assumem esta fragilidade perante si mesmo aceitam a necessidade de ir a busca do fortalecimento de seu espírito, de sua personalidade e de seu caráter.

— O que tenho de fazer, então, doutor?

— Se adequar às leis divinas e às leis dos homens. Ter consciência que nenhum de nós é o centro do universo e acreditar que suas chances de progresso são as mesmas dos outros, desde que se esforce para isso. Nada adquirimos se não for por esforço próprio; essa é a lei.

— E os meus pais, estão sofrendo tanto.

— Estão! Realmente estão! Mas não se esqueça Marcos, de que eles amam você, e a sua felicidade é a felicidade deles. Como já disseram, vão ajudá-lo, depende só de você aceitar essa ajuda e passar a valorizar a vida como uma bênção maior que o nosso Criador nos concede.

— Uma última pergunta, doutor: a rebeldia dos jovens é válida?

— É válida se for uma não-aceitação, sem violência do preconceito, das injustiças e das misérias; se for uma não aceitação que leva aquele que sente a lutar pelos oprimidos e sofredores, com prudência, fraternidade e generosidade. É válida. Marcos se for uma rebeldia que constrói e que mostre pelo exemplo do trabalho e da honestidade que podemos melhorar o mundo se nos esforçarmos para isso, permitindo que cada um viva e tenha sua chance de aprendizado. Esta é válida! Mas rebeldia que corrompe que se entrega aos desvarios aniquilando aquele que sente aqueles que estão a sua volta e a sociedade em geral, esta não é válida e deve-se trabalhar para que desapareça, porque na realidade só está satisfazendo os interesses falsos e nocivos daqueles que se dizem rebeldes porque a vida os fez assim.

Marcos chorava. A emoção tomou conta de todo o seu ser. Nunca pudera imaginar que seria agraciado com tanta compreensão. Na realidade nunca dera valor à amizade, nunca enxergara os verdadeiros amigos, aqueles que querem sempre o nosso bem; aquela amizade que acolhe, mas educa; que enxerga o bom caminho quando nossos olhos são incapazes de ver.

Segurou as mãos de Rubens e apertou-as com força. Com voz trêmula, disse baixinho:

— Eu vou vencer!

— Claro que vai - respondeu Rubens.

Rubens notou a emoção forte que tomava conta de Marcos. Achou que era hora de parar.

— É melhor descansar. Vou pedir à enfermeira que lhe traga agora a medicação. Terá um sono reparador. Por hoje chega de emoções.

Levantou-se e, desejando boa noite, retirou-se do quarto.

Marcos, voltando a se recostar na cama, esperou a enfermeira, com a certeza de que teria uma boa noite de sono, como lhe desejara seu amigo.

NOITE DE NATAL

Os preparativos para a inauguração do Lar de Isabela chegaram ao fim.

Tudo ficara de acordo com os desejos de Rubens e com as necessidades das crianças. Os quartos, cuidadosamente enfeitados e coloridos, aguardavam apenas os sorrisos dos pequenos que iriam habitá-los.

Rubens não cabia em si de contente.

— Dona Marília, não sei como agradecer toda a ajuda que a senhora, assim como Paulo, Dona Laura e Pedro me deram. Tenho certeza de que sem essa ajuda nada estaria como está. Muito obrigado.

— Por favor, não nos agradeça, Dr. Rubens. Foi o senhor quem nos ajudou permitindo que participássemos deste projeto que se tornou muito importante para todos nós.

— Isso aconteceu porque foi ao encontro dos anseios de seus corações. Entenderam que, além das gigantes montanhas que se colocam à nossa frente, existem vales imensos esperando apenas semeadores dispostos a trabalhar.

— É bem verdade o que está dizendo. Houve um tempo em que tudo parecia escuro e sombrio na minha vida, e o senhor sabe disso. Não enxergava nenhuma possibilidade de saída, mas, hoje, depois de tudo o que aprendi, olho para trás e mal acredito que consegui sobreviver às amarguras.

— A possibilidade de isso acontecer foi a senhora quem propiciou ao entender o que é o amor na sua essência verdadeira. Existem

formas e formas de viver esse sentimento, e todas elas se entrelaçam se o amor for simplesmente amor; verdadeiro, forte e limpo. E esse sentimento que nos transforma e nos fortalece Dona Marília. Quando compreendemos que tudo depende de nós, da maneira como conduzimos nossa vida, da aceitação das coisas fortes que não estão ao nosso alcance mudar, com certeza encontramos o equilíbrio que nos leva à paz.

— Como o senhor fala bonito, Dr. Rubens!

— Não falo bonito, falo o que sinto. Passei por muitos sofrimentos. Dona Marília, e alguns deles a senhora presenciou. Tive meus momentos de angústia e de desânimo; nem sempre fui esta fortaleza que vocês dizem admirar. Sou humano e tenho fraquezas, mas aprendi nesses anos todos que somente quando nos entregamos ao amor, e vivemos esse sentimento ao lado de nossos semelhantes, companheiros de jornada na Terra, é que nossas lágrimas secam e dão lugar ao trabalho edificante e à conduta que resgatam nossa paz.

— Atrapalho!

— Laura, que bom vê-la! Você nunca atrapalha - respondeu Marília.

— É verdade, Dona Laura, jamais sua presença vai nos incomodar, é um prazer.

— Vocês são mesmo amigos - disse Laura sorrindo.

— Faltam apenas dois dias para iniciarmos nosso trabalho Dona Laura. Se Deus quiser, na noite de vinte e quatro para vinte e cinco de

dezembro estaremos recolhendo nossos filhos do coração que estarão conosco, dia após dia, aprendendo a viver e a ser feliz.

Emocionada, Marília falou ao amigo:

— É a maneira mais linda de passar a noite de Natal. Só mesmo o senhor para ter idéias como essa.

— É verdade, Marília, nunca tinha me ocorrido que se pudesse fazer da noite de Natal a noite do encontro entre as criaturas.

— É, Laura, a noite do encontro das almas que, à frente dos presentes e das guloseimas, conseguem ver de verdade é o amor de Jesus, o aniversariante muitas vezes esquecido.

Laura ficou pensativa. Uma lágrima fortuita escapou de seus olhos.

— O que foi amiga? Ficou triste de repente. O que está sucedendo, o Marcos não está bem?

— Marcos está indo muito bem, Marília, melhor do que eu e o Pedro esperávamos, apesar de sabermos que ainda tem um longo caminho pela frente.

— Então, o que a preocupa Dona Laura?

— Lembra-se daquele rapaz que ajudou Marcos a fugir naquela ocasião?

— Sim, o que tem ele? - perguntaram ao mesmo tempo Rubens e Marília.

— Pois bem, dias atrás, ao sairmos com o Marcos do consultório do Dr. Jaques, onde ele faz terapia, encontramos com esse rapaz. Ele

de pronto reconheceu o Marcos. Ficaram contentes de se encontrarem e, durante a conversa que tiveram, ele contou que o tal de Alfredo, que é o chefe daquele bando de traficantes, não esqueceu o Marcos e ainda o procura para cobrar a dívida e se vingar. Diante do nosso espanto e receio, ele nos aconselhou a tirar o Marcos daqui, deixar a cidade, antes que ele o encontre, o que acontecerá mais dia menos dia, assim poderemos evitar uma desgraça.

— Meu Deus, Laura, isso é muito sério e perigoso! - exclamou Marília.

— É verdade, Dona Laura - concordou Rubens. Com essa gente não se brinca.

— Nós sabemos. É por isso que decidimos nos mudar daqui.

— Mas quando e para onde vocês pretendem ir?

— Logo após a inauguração do Lar de Isabela, vamos para a cidade onde moram nossos pais, enfim, toda a nossa família. Acreditamos que lá o Marcos estará a salvo desse bandido, e mais tranqüilo para prosseguir seu tratamento.

Marília enlaçou a amiga em um gostoso abraço.

— Não fique tão triste, Laura. O importante é resguardar seu filho, afastando-o desse risco.

— Sentiremos muita saudade de vocês, do nosso trabalho que na verdade nem cheguei a fazer aqui no Lar; dos seus sábios conselhos,

Dr. Rubens, enfim, há anos moramos aqui e agora vamos ter de começar tudo de novo.

— Não se lastime Dona Laura, foi uma bênção ter encontrado esse rapaz, e ter a oportunidade de recomeçar com seu filho ao seu lado, pior seria se fosse sem ele.

— Eu sei Dr. Rubens e até me envergonho de dizer isso, mas Pedro e eu estamos tão fragilizados.

— Isso vai passar Dona Laura. Nenhum sofrimento dura para sempre. Pensem que estarão novamente juntos com a família de vocês e que o Marcos está se recuperando. Se Deus quiser, verão seu filho feliz novamente.

— Mas o nosso trabalho social, como fica?

— Dona Laura, quando trabalhamos movidos pelo sentimento de fraternidade, não importa o lugar, sempre acharemos o que e onde realizar nossa tarefa de amor, se realmente a desejamos. Tanto a senhora quanto Pedro possuem dentro do coração a semente da caridade e ela germinará se vocês permitirem, independentemente do lugar onde estejam. Jesus está perto de nós sem se importar com o lugar onde estejamos, porque a Ele interessa nosso coração limpo e verdadeiro.

— Obrigada por suas palavras, Dr. Rubens. O senhor sempre consegue acalmar nosso coração. Poderia me dizer se tudo o que Pedro e eu estamos passando é uma prova? Foi Deus quem nos impôs todo esse castigo?

— Dona Laura, veja bem: Nada acontece sem a permissão de Deus, porque foi Ele quem estabeleceu todas as leis que regem o universo. Perguntareis por que Ele fez tal lei em vez de outra. Dando ao espírito a liberdade de escolha, deixa-lhe toda a responsabilidade dos seus atos e das conseqüências; nada lhe estorva o futuro; o caminho do bem está à sua frente, como o do mal. Mas, se sucumbir, ainda lhe resta uma consolação, a de que nem tudo se acabou para ele, pois Deus na Sua bondade permite-lhe recomeçar o que foi mal feito. É necessário distinguir o que é obra da vontade de Deus e o que é da vontade do homem. Se um perigo vos ameaça, não foste vós que o criaste, mas Deus tivestes, porém, a vontade de vos expordes a ele, porque o considerastes um meio de adiantamento; e Deus o permitiu. (Livro dos Espíritos — Capítulo VI — item V — pergunta 258a).

— Isso quer dizer que somos culpados e merecemos este castigo?

— Isso quer dizer que Deus não nos impõe castigo, mas respeita a lei de ação e reação. Por tudo que fazemos de bom somos agraciados com a paz; mas, também, por tudo que fazemos de imprudente, leviano e inconseqüente sofreremos as conseqüências. Nós escrevemos nossa história, Dona Laura. Deus não permite o sofrimento ao inocente e quem de nós pode dizer e afirmar ser completamente inocente, ser uma vítima da injustiça divina?

Marília interveio.

— Dr. Rubens, e se não nos lembramos de nada que tenhamos feito para ocasionar nossas dores?

— Se a causa não está nesta vida, Dona Marília, há de estar no pretérito. Deus é justo, jamais devemos nos esquecer ou duvidar da Sua justiça.

— Mas também podemos estar em uma situação con-flitante, com a finalidade de ajudar entes queridos, não é mesmo, Dr. Rubens?

— É verdade. São espíritos que se submetem aos espi-nhos para auxiliar aqueles que amam, e são mais fracos, a vencerem as provas. É o exercício do amor altruísta.

André e Laís aproximaram-se entusiasmados, inter-rompendo a conversa:

— Dr. Rubens, mãe e Dona Laura, venham ver a beleza que ficou o quarto de lazer das crianças. Terminamos agora de arrumar, montamos todos os brinquedos, selecionamos os jogos por idade, enfim, está uma graça. Ficou lindo!

Todos seguiram André e Laís, participando da contagiante alegria dos jovens.

Noite de 24 de dezembro.

O entusiasmo se estampava no rosto de Rubens; Pedro e Laura; Paulo e Marília, seguidos de André, Laís, Inês, Marcos e Ana. A imensa alegria que sentiam ao recolher os futuros moradores do Lar de Isabela se misturava com as luzes, bolas coloridas, fitas vermelhas e Papai Noel, que enfeitavam as ruas da cidade, embalados por músicas natalinas que levavam aos corações dos transeuntes a mensagem de Natal.

Uma a uma foram sendo recolhidas as crianças que, abandonadas, jaziam dormindo nas calçadas, indiferentes ao reboliço que o "Espírito de Natal" causava a todos.

— Rubens, podemos recolher essas crianças e levá-las para o Lar? Não teremos problemas com o Juízo da Vara da Infância e da Juventude?

— Tranqüilize-se, Paulo. O Lar de Isabela está legalmente habilitado para receber estas crianças. Foi-nos concedida uma autorização especial para que fosse dessa maneira, mas, assim que estiverem devidamente instaladas, limpas e alimentadas a assistente social nos visitará para iniciar todo o procedimento legal para que elas permaneçam internas.

— Foi muito bom o juiz ter nos dado permissão para que fosse assim, não, Rubens?

— De fato, Paulo. Este era o meu grande sonho, passar a noite de Natal ao lado dos nossos irmãozinhos carentes de afeto.

— Não só de afeto, Rubens, mas carentes de vida, de esperança e de saúde.

— É, tenho certeza de que nossos entes queridos que se foram vão nos amparar e auxiliar nessa tarefa que iniciamos hoje: devolver os sonhos, a esperança e a vontade de viver a estes irmãozinhos.

— Dr. Rubens, Paulo, não podemos demorar - disse Marília. — Até chegarmos ao Lar, dar banho em todas essas crianças, aprontá-las para a ceia que as espera, vamos demorar. Vamos!

— Marília tem razão, Rubens, vamos nos apressar.

— Vamos. Quero que a nossa oração de Natal seja feita pontualmente à meia-noite.

Após mais ou menos quatro horas de contato e diálogo, conseguiram retornar ao lar acompanhados de vinte crianças.

Meia-noite do dia 24 de dezembro.

A mesa do grande refeitório, cuidadosamente arrumada para a ocasião, acolhia todos aqueles seres que, esquecidos de suas dores, tormentos e angústias pessoais, se uniam como uma grande família e se entregavam inteiros e felizes à tarefa do amor fraternal.

Rubens, emocionado, levantou-se e iniciou o colóquio com Deus:

— Meu Pai e meu Criador, somos gratos por nos ter mostrado a luz da verdade e do amor. Para nós nesse momento não nos machuca o passado de dor e tristezas, porque conseguimos enxergar através dos olhinhos infantis a esperança no futuro promissor. Se somos escolhidos para impedir que essa esperança se desfaça nos corações de nossos irmãozinhos, agradecidos estamos por esta oportunidade única de servir. Sabemos que as lágrimas se secam com o trabalho edificante e nobre feito desinteressadamente em favor daqueles que necessitam de amparo, de alguém que lhes mostre o caminho e as possibilidades existentes dentro deles mesmos. Aprendemos Senhor, que aquele que serve acima do dever encontrou o caminho da verdadeira felicidade, e é esta felicidade que almejamos. Que o amor possa sempre enxugar as nossas lágrimas para que nossos olhos e nosso coração possam ver e sentir onde o Senhor está, por meio do esquecimento do nosso próprio sofrimento, cumprindo a difícil, mas sublime tarefa da caridade em todas as suas formas. Com a vossa

bênção, meu Pai, iniciamos hoje, na noite de Natal a nossa caminhada.

Pequenos flocos de luzes desciam sobre as cabeças daquelas pessoas, que, fortalecidas pelo desejo autêntico de servir, viviam a plenitude do amor. As crianças limpas, vestidas com cuidado e bem penteadas, não conseguiam desviar os olhinhos daquela mesa farta, com comida quente e guloseimas saborosas.

A grande jornada se iniciava.

Nascia o Lar de Isabela.

NOVOS TEMPOS

Marília e Paulo caminhavam lado a lado por entre as alamedas do Parque Municipal.

O tempo passara rápido.

Seis anos desde a inauguração do Lar de Isabela.

Experimentavam em seus corações sentimentos contra-ditórios, que se misturavam, causando emoções intensas.

Tudo mudara.

Laura e Pedro realmente se transferiram para outra cidade a fim de preservar a vida de Marcos e hoje, sabiam, viviam em harmonia por conta da recuperação do filho que, completamente restabelecido, voltara a estudar e trabalhar sem nunca mais ter dado motivos da lágrimas para seus pais.

André prestou vestibular em uma cidade próxima e cursava o segundo ano de Medicina, com a intenção de se especializar em Psiquiatria.

Laís, noiva de Renato, não quisera fazer nenhum curso universitário e empregava seu tempo auxiliando Marília na administração do Lar de Isabela, tarefa que sua mãe assumira desde a desencarnação de Rubens há seis meses.

O Lar contava com trinta crianças, e tudo seguia conforme o desejo e a orientação de seu fundador: Dr. Rubens. Marília fazia questão de continuar o trabalho de seu grande e inesquecível amigo e se esforçava ao máximo para que o lar não se desviasse do propósito traçado por Rubens: amor... simplesmente amor!

— Hoje, sinto-me um pouco triste, Paulo. A saudade de todas as pessoas que amo dói em meu coração; machuca minha alma e, às vezes, me fragilizo.

— Eu sei querida, sei muito bem como é isso. De repente nos vimos sozinhos, mas não podemos nos esquecer das palavras sensatas do nosso querido amigo que partiu tão cedo e tantos ensinamentos nos deixou: "a distância existe para os olhos, não para o coração".

— Isso mesmo. Temos sempre de agradecer a Deus por ter colocado em nosso caminho pessoas que amamos e que nos amam também, não importa se neste ou no reino de Deus; importa que nos amam, tenho certeza disso.

— Sem esquecer o carinho que recebemos das crianças e dos funcionários do Lar.

— Paulo, quando vejo minha mãe e Dona Ana, já com idade avançada, mas felizes por estarem cooperando no atendimento às crianças, não posso deixar de me sentir feliz.

Paulo delicadamente segurou as mãos de sua esposa.

Marília olhou-o com ternura e seu coração sensível agradeceu ao Criador por ter colocado ao seu lado com-panheiro tão amoroso.

Os dois não podiam ver nem sentir, mas ao lado deles caminhavam felizes dois espíritos que agradeciam ao Pai o fato de pessoas tão queridas terem aprendido e conseguido enxugar suas lágrimas por meio do amor: Fábio e Isabela.

Muitas vezes acreditamos estar completamente sós, e, no entanto, temos mais companhia do que podemos imaginar.

Se nosso coração se nutre de sentimentos generosos, bons e edificantes, é natural que atraia para junto de si espíritos também generosos e bons, que são sensíveis a esses sentimentos. É a lei da afinidade. Estas companhias, esta proximidade de espíritos elevados, que sentem e espalham o bem por onde passam, traz-nos uma sensação gostosa de paz e tranqüilidade. Inspiram-nos pensamentos

nobres, conduzindo-nos sem que possamos perceber, para atitudes dignas, elevadas e fraternas.

Os bons espíritos nos aconselham sempre o bem e lamentam, tentando nos ajudar quando estamos prestes a cair em atos inconstantes. Nosso comportamento digno frente à vida faz com que conquistemos a simpatia dos bons espíritos.

Mas também é verdade que, assim como atraímos os bons espíritos com nossa prudência e amor, atraímos os levianos, os inconstantes e os maus, quando praticamos ações desastrosas, levianas e inconstantes. Assim como Fábio e Isabela amparam Paulo e Marília, todos os encarnados recebem de Deus a bênção de ter ao seu lado espíritos protetores que os auxiliam. Cabe a cada um atrair a companhia que se afina com sua maneira de pensar e de agir (Irmão Ivo)

Os bons espíritos não aconselham senão o bem; cabe a vós distinguir.

Os espíritos imperfeitos são os instrumentos destinados a experimentar a fé e a constância dos homens no bem. Tu, sendo espírito, deves progredir na ciência do infinito, e é por isso que passas pelas provas do mal até chegar ao bem. Nossa missão é a de te pôr no bom caminho, e quando más influências agem sobre ti, és tu que a chamas, pelo desejo do mal, porque os espíritos inferiores vêm em teu auxílio no mal, quando tem a vontade de o cometer; eles não podem ajudar-te no mal senão quando tu desejas o mal. Se és inclinado ao assassinio, pois bem, terás uma nuvem de espíritos que entreterão esse pensamento em ti; mas também terás outros, que tratarão de influenciar para o bem, o que faz que se reequilibre a balança e te

deixe senhor de ti. É assim que Deus deu à nossa consciência a escolha da rota que devemos seguir, e a liberdade de ceder a uma ou outra das influências contrárias que se exercem sobre nós. (Livro dos Espíritos — Capítulo IX — item 464 e 466).

Marília e Paulo prosseguiram em seu passeio. Muitas cenas do passado desfilavam em suas mentes. Lágrimas, sorrisos, esperanças e desesperos. Quantas histórias no grande livro da vida.

— Quanto sofremos, não, Paulo?

— Sim, Marília! Mas não é Hora de trazermos de volta nossas angústias passadas; agora é hora de nos conscientizar de que conseguimos enxugar nossas lágrimas. Veja querida, nossos olhos estão secos, e nosso amor está vivo, dando-nos forças para continuar o trabalho de um grande homem e de um grande amigo.

— Tem razão, meu amor, para mim não resta a menor dúvida. Cada criança que abracei, cada mão que estendi em direção ao meu próximo corresponde a uma lágrima que sequei e são esses olhos secos da lágrima da dor que posso umedecer com as lágrimas da emoção.

— Querida, você fala como nosso querido amigo Rubens! Fico feliz em ouvi-la.

— Dr. Rubens! Com certeza hoje goza a alegria dos justos, a paz dos sensatos e o amor dos sensíveis. Vou lhe dizer uma coisa, Paulo, todo aquele que de uma forma ou de outra conviveu com o Dr. Rubens jamais conseguiu permanecer o mesmo. Ninguém conseguiu ficar indiferente às suas demons-trações de amor fraternal e aos seus exemplos de generosidade.

— E sem olhar para os espinhos que lhe sangravam os pés. Vamos querida. Vamos continuar seguindo seu exemplo; é hora de passarmos no Lar e conferir se tudo está indo bem.

— Sim, vamos.

Paulo e Marília seguiram de mãos dadas rumo ao dever que os chamava.

O sol se escondia e projetava ainda naquelas alamedas seus últimos raios aquecendo o planeta como que acariciando todas as criaturas, filhos de Deus.

Para que o mundo possa sofrer uma melhora, o equilíbrio e a paz que todos nós almejamos, é necessário que todos estejamos juntos e preocupados também com o bem-estar do semelhante.

Damos carinho para as pessoas que amamos, mas, para os outros que dizemos não conhecer nem o necessário para que possam viver com dignidade, existem dores muito penosas, e uma delas é o abandono e o descaso.

A vida é cheia de desafios e não devemos fugir deles, porque grandes obras nascem da superação desses desafios. Amparar os desvalidos, ser doador de suor trabalhando em prol de uma comunidade necessitada, dos irmãos que padecem de fome, frio, sem ter o mínimo necessário para uma vida digna e menos sofrida, é um desafio que precisa ser vencido se quisermos realizar o sonho de um mundo melhor.

Deus nos deu, por meio de Jesus, todos os ensinamentos e esclarecimentos que nos levam ao encontro da luz & da verdade.

Por que fugimos deles?

Qual a razão que nos impede de vencer a nós mesmos, extirpando da nossa alma os sentimentos mesquinhos que nos transformam em seres pequenos, seres que se colocam no centro do universo e esperam que o mundo gire em tomo mesmo:

É hora de reflexão!

É hora de repensar e enxugar as próprias lágrimas, e redescobrir a vida e as belezas com as quais ela nos presenteia quando aprendemos a amar de verdade, transformando nosso coração na grande casa de Deus.

UMA NOVA VIDA

No Mundo Espiritual

— Como está passando, Rubens?

— Sinto-me muito bem, irmão Jacob. Tão bem que gostaria de solicitar do Mais Alto autorização para poder me dedicar a algum trabalho.

— Ainda é muito cedo, Rubens; você tem somente seis meses de retorno da Terra, é prudente que aguarde um pouco e se fortaleça mais. Tudo no seu devido tempo.

— Compreendo - exclamou Rubens um pouco desapontado.

— Não fique desapontado, Rubens; compreenda e confie. Tudo na espiritualidade é bem planejado e feito com a finalidade de levar benefício a quem faz e a quem recebe.

— Desculpe-me! Só uma questão me angustia, tra-zendo-me às vezes um certo desconforto.

— E qual é Rubens?

— A razão pela qual ainda não me encontrei com meus entes queridos: minha esposa, meus filhos e, principalmente, Isabela; e mesmo Fábio, que é filho de dois grandes amigos meus. Por que ninguém veio ainda me ver?

— Alguns deles já vieram lhe ver, Rubens, inclusive lhes deram boas-vindas assim que chegou.

— Mas não me recordo!

— Como já lhe disse tudo aqui acontece no momento exato que deve acontecer. Você estava ainda sonolento, por esta razão não se recorda. Mas virão ter com você novamente, é só aguardar com paciência. Neutralize sua ansiedade e, como já disse, confie.

— Mas todos estão bem?

— Claro, Rubens, todos estão bem, seguindo seu caminho de evolução; trabalhando na seara de Jesus, enfim, dentro do equilíbrio e da paz, cada um no lugar que deve estar.

— Obrigado, irmão Jacob. Suas palavras me tranqüilizam.

— Agora descanse Rubens. Ore a Jesus, entregue-se sem reservas ao Divino Amigo; tudo segue seu curso normal. Você fez por merecer um retorno tranqüilo; sempre foi justo e bom, chegou o momento da colheita.

Assim que Jacob saiu, Rubens deixou-se vagar em seus pensamentos.

Sempre acreditara na vida futura, mas não imaginava que tudo fosse tão "real". Olhava-se e via seu corpo igual ao que tinha na Terra, quando encarnado, mas havia algo diferente: era mais leve, etéreo, sutil e admirava-se de não poder apalpá-lo.

— Lembro-me da doutrina espírita, especialmente do Livro dos Espíritos - dizia para si mesmo. — Este deve ser o perispírito. Realmente é verdade, sinto-me vivo: penso, sinto e raciocino, meus sentimentos são os mesmos. Tudo é

verdade!

Durante a vida o espírito está ligado ao corpo pelo seu envoltório semi-material ou perispírito; a morte é apenas a destruição do corpo, e não desse envoltório, que se separa do corpo quando cessa a vida orgânica.

A observação prova que no instante da morte o des-prendimento do espírito não se completa subitamente; ele se separa gradualmente,

com lentidão variável, segundo os indivíduos. Para uns é bastante rápido e pode dizer-se que o momento da morte é também o da libertação, que se verifica logo após. Em outros, porém, sobretudo naqueles para quem a vida foi toda material e sensual, o desprendimento é muito mais demorado, e dura às vezes alguns dias, semanas e até mesmo meses, o que não implica a existência no corpo de nenhuma vitalidade, nem a possibilidade de retorno à vida, mas a simples persistência de uma afinidade entre o corpo e o espírito, afinidade que está sempre na razão da preponderância que, durante a vida, o espírito deu à matéria.

É lógico admitir que, quanto mais o espírito estiver identificado com a matéria, mais sofrerá para separar-se dela. Por outro lado, a atividade intelectual e moral e a elevação dos pensamentos operam um começo de desprendimento, mesmo durante a vida corpórea, e quando a morte chega é quase instantânea.

Este é o resultado dos estudos efetuados sobre todos os indivíduos observados no momento da morte. Essas observações provam ainda que a afinidade que persiste, em alguns indivíduos, entre a alma e o corpo é às vezes muito penosa, porque o espírito pode experimentar o horror da decomposição. Este caso é excepcional e peculiar a certos gêneros de morte, verificando-se em alguns suicídios. (Livro dos Espíritos — Capítulo III — item II — pergunta 155a).

Fábio e Isabela acabavam de sair de uma palestra do irmão Jeremias, e comentavam com outros espíritos afins o teor dos ensinamentos contidos na grande sabedoria de Jeremias.

— Nestes anos todos que me encontro na erraticidade, aprendi muitas coisas; me fortaleci e estou me preparando para uma nova encarnação; mas, hoje, ouvindo a explanação do querido irmão Jeremias, tomei a consciência definitiva da importância do amor na construção da nossa evolução espiritual. Espero não me esquecer disso na minha nova experiência na Terra.

— É verdade, Fábio; se não existir amor, não existirá transformação, pois somente este sentimento traz consigo a compreensão, o altruísmo, a generosidade e acima de tudo a bondade e a benevolência em relação ao convívio com o semelhante - disse Isabela.

— Anos atrás, por ocasião do meu retorno da Terra, sofri muito com o desespero de minha mãe, sua inconformação e seu afastamento de Deus. Esta sua atitude impedia-me de me adequar a minha nova vida. A cada lamento queria voltar e ajudá-la, mas não tinha ainda condições de fazer nada por ela, então me desequilibrava no afã de querer retornar ao meu lar terreno.

Carla, uma garota de dezessete anos, desencarnada por causa de uma leucemia, confidenciou aos amigos:

— O que você está dizendo é bem verdade, Fábio. Comigo aconteceu algo parecido. Meus pais não se conformaram com a separação e se afastaram de Deus, completamente, culpando-o pelo sofrimento que passavam. Gritavam, blasfemavam contra o Criador, enfim, cada vez mais impediam-me de encontrar a paz com a aceitação do meu desencarne. Sofri muito, até que, por misericórdia do Divino Amigo, fui agraciada com a bênção divina. Isolaram-me para que

nenhum grito de desespero ou chamamento de meus pais pudessem chegar até meu espírito.

— Como fizeram isso?

— Não sei Isabela; como se faz isso eu não sei. O que sei é que fui recebendo tratamento, orientação, aos poucos fui me entregando à prece, aceitando minha nova situação e encontrei meu equilíbrio e minha paz.

— Quanto tempo durou a inconformação de seus pais? - perguntou Fábio.

— Cinco anos, Fábio. Cinco longos anos. Somente há dois anos é que eles se conformaram e seguem a vida em harmonia. E como aconteceu esta aceitação, veio a compreensão de que precisamos aceitar a vontade de Deus, que a separação acontecerá um dia para todos.

— É a única certeza que temos quando estamos encarnados, que o retorno acontecerá para todos.

— Bem, uma vizinha de meus pais é espírita, conhecedora e praticante da Doutrina Espírita em toda a sua pureza. Com paciência e carinho, deu-lhes assistência até que um dia conseguiu levá-los ao Centro Espírita que freqüenta. Devagar foram tomando conhecimento da vida futura; que a morte não existe, que a chama da vida não se extingue, apenas se transforma. Deus não iria criar seus filhos para posteriormente acabar com eles. O espírito é eterno e aqueles que partem continuam existindo em alguma morada da casa do Pai, nutrindo o mesmo sentimento de amor para com seus entes queridos

que na Terra ficaram. O reino de Deus é infinito e nele existem muitas moradas.

— Com minha mãe também foi assim, Carla. Ela caiu no desespero e na depressão. Se não fosse o pai de Isabela, o querido e bondoso Dr. Rubens, minha mãe não teria encontrado o caminho de volta. É por isso, Isabela, que quando soube do retorno de seu pai, quis logo estar com você, para junto com você agradecer a ele o bem que fez a minha mãe e a mim. Solicitei autorização para isso, no que fui atendido.

— Veja você, Fábio. Meu pai ajudou tanto a sua mãe e, no entanto, quando retornei, foi sua mãe quem o auxiliou a retomar sua esperança e sua vida de amor.

— É verdade, eles conseguiram enxugar suas lágrimas baseados no amor que constrói. O ser humano sempre desequilibra quando o coração é atingido. É por isso que necessitamos prestar muita atenção em nossas reações diante de um grande sofrimento. Nunca se deve fechar as portas para o amor de Deus, pois somente esse amor nos traz a consolação e o entendimento para os desígnios divinos.

— Entregar-se ao desespero desarrazoado é negar a fé que se diz ter; é permitir a ausência de Deus em seu coração - disse Isabela. — Nossos parentes que ficam se esquecem de que, quando enviam para nós pensamentos de amor e saudade, esta lembrança nos deixa mais felizes, aumenta o nosso bem-estar e, para aqueles que ainda não encontraram a felicidade no reino de Deus, e sofrem, serve-lhes de alívio, e é um bálsamo para suas dores.

A alma no instante da morte volta a ser espírito e retorna ao mundo dos espíritos, que ela havia deixado temporariamente. A sua individualidade, ela não a perde jamais. Esta individualidade ela constata por meio de um fluido que lhe é próprio, que tira da atmosfera do seu planeta e que representa a aparência da sua última encarnação: seu perispírito.

O espírito leva a lembrança e o desejo de ir para um mundo melhor. Essa lembrança é cheia de doçura ou de amargor, segundo o emprego que tenha dado à sua vida. Quanto mais pura ela for, mais compreenderá a futilidade daquilo que deixou na Terra.

A prova da individualidade da alma, nós a temos pelas comunicações que obtemos. Se não estiverdes cegos, vereis; e se não estiverdes surdos, ouvireis; pois freqüentemente uma voz vos fala e vos revela a existência de um ser que está ao vosso redor.

A separação da alma e do corpo não é dolorosa; o corpo, freqüentemente sofre mais durante a vida do que no momento da morte; neste a alma nada sente. Os sofrimentos que às vezes se provam no momento da morte são um prazer para o espírito, que vê chegar o fim do seu exílio.

A partir do momento que se desligam os liames que a retinham, a alma se desprende gradualmente e não escapa como um pássaro cativo que fosse liberto. Os dois estados se tocam e se confundem, de maneira que o espírito se desprende pouco a pouco dos seus liames; eles se soltam e não se rompem. (Livro dos Espíritos — Capítulo III — item II — pergunta 154 e seguintes).

— O irmão Jacob autorizou que fossemos visitar seu pai, Isabela. Disse-me que ele se encontra preparado para o encontro com você.

Isabela sentiu uma imensa alegria tomar conta de todo o seu ser.

— Fábio, você não sabe quanto esperava por este encontro! Vamos?

— Antes preciso lhe dizer que o irmão Jacob pediu que controlasse sua ansiedade, e não comentasse nada sobre sua mãe e seus dois irmãos.

Uma sombra de tristeza abateu o semblante risonho de Isabela.

— Por quê, Fábio?

— Não sei lhe responder, Isabela, mas devemos sempre acatar e respeitar as orientações dos nossos superiores. Sempre existe uma causa justa.

— Está certo! Vamos, então?

— Quer nos acompanhar, Carla? - perguntou delicadamente Fábio.

— Obrigada amigos, mas não posso; tenho uma tarefa a cumprir.

— Então, até mais tarde!

— Até mais tarde!

Fábio e Isabela seguiram ao encontro de Rubens. Isabela esforçava-se para se equilibrar, controlando sua ansiedade e expectativa.

REENCONTRO

Rubens imerso em suas reflexões.

A paz reinava naquele quarto onde abrigava um espírito que, vencendo todas as provas às quais fora submetido na sua trajetória na Terra, conseguira se firmar como um vencedor.

Demonstrara amor e generosidade; não questionara os desígnios de Deus e, mesmo quando seu coração abatido por mais uma prova de separação se inclinara ao desânimo, conseguiu mais uma vez se reerguer e secar suas lágrimas sempre em favor do semelhante.

Isabela sentiu uma ternura imensa invadir todo o seu ser. Fora aquele espírito que estivera ao seu lado nos seus anos terrenos; que a amara e auxiliara a superar as limitações de seu corpo físico preso a uma cadeira de rodas.

Fábio conseguia compartilhar de toda a sua emoção, afinal, fora ele quem levantara sua mãe e mostrara-lhe as maravilhas da fé e da aceitação da vontade de Deus, quando tomamos consciência de que esta vontade é soberana e que jamais poderemos mudar. Esta é a grande sabedoria, tomar consciência do que podemos e devemos fazer para modificar certas situações que estão ao nosso alcance e aceitar com fé e subserviência ao Criador, quando não conseguimos entender

as razões e os porquês das dores que sofremos, e nas quais não podemos interferir.

Rubens percebeu a presença dos dois espíritos e virou-se.

Todo o seu ser iluminou-se de alegria e emoção ao ver a filha querida.

— Isabela!

— Sou eu sim, papai! Graças ao Senhor nos reencontramos! Esta é a grande bênção, poder estar novamente junto daqueles que amamos e que deixamos na Terra.

Ao olhar indagador de Rubens, Isabela disse:

— Este é Fábio, pai. Lembra-se dele? O filho de Marília e Paulo? Somos grandes amigos - e voltando-se para Fábio perguntou-lhe: Não somos Fábio?

— Claro Isabela!

— Que prazer reencontrá-lo, Fábio. Tenho grande estima por seus pais terrenos. São espíritos lutadores e que estão dando continuidade à tarefa que deixei na Terra. Posso dizer-lhe que sinto por você a mesma estima e afeto que cresce ao saber de sua amizade por Isabela. É uma bênção que recebo neste instante.

O espírito encontra imediatamente aqueles que conheceu na Terra e que morreram antes dele?

Sim, segundo a afeição que tinham mantido reciprocamente. Quase sempre eles o vêm receber na sua volta ao mundo dos espíritos, e o ajudam a libertar-se das faixas da matéria. Vê também muitos que

havia perdido de vista durante a passagem pela Terra; vê os que estão na erraticidade, bem como os que se encontram encarnados, que vai visitar. (Livro dos Espíritos — Capítulo III — item II — pergunta 160).

Enquanto os três espíritos se deliciavam com o encontro tão esperado, entrou no quarto de Rubens um irmão até então desconhecido para ele.

— Posso fazer parte deste momento de união e afeto? - perguntou sorrindo.

— Claro - apressou-se Rubens a responder. — Hoje é um dia muito feliz para mim. Jesus está me agraciando com uma bênção ao permitir meu encontro com Isabela e Fábio.

— Sinto a felicidade de vocês pela paz reinante neste recinto.

Percebendo o desejo de Rubens de identificá-lo, apressou-se a se apresentar.

— Sou Horácio, discípulo do irmão Jacob. Acompanhei ao lado do meu querido mestre a sua trajetória de lutas e vitórias, Dr. Rubens. Solicitei aos superiores a permissão de acompanhá-lo na sua caminhada terrena, no que fui atendido.

Conheci-o quando encarnado e sabia que poderia aprender muito com o senhor. A sua generosidade, o seu amor espontâneo pelo semelhante atingiram meu coração e nunca o esqueci.

Rubens surpreendeu-se. Não se lembrava de tê-lo conhecido na Terra.

— Não se questione nem se sinta embaraçado; não se lembra mesmo de mim. Esta é a característica do bem feito por um impulso generoso. Aquele que o faz nada cobra, não exige recompensa e esquece o ato de bondade praticado, não por descaso, mas por saber que foi um dever cumprido, o amor executado por conta da aceitação e da compreensão dos ensinamentos de Jesus. Só age assim aquele que se sente seguro na fé. Hoje vim agradecer-lhe.

Rubens estava estupefato. Realmente não se lembrava de nenhuma situação em que Horácio estivesse envolvido.

— Perdoe-me, mas poderia me dizer de onde me conhece?

— Claro! Vim aqui para agradecer-lhe.

Diante da interrogação de Rubens, Horácio iniciou sua narrativa.

— Quando da minha estada na Terra, contraí matrimônio com Lucila. Moça de classe média, bonita, estudada, simpática, enfim, para mim possuía todas as qualidades com as quais eu sonhava na mulher que iria ser minha companheira e mãe de meus filhos. Apaixonei-me perdidamente. Namoramos durante um ano e meio e nos casamos. No início tudo parecia caminhar de acordo com os meus sonhos, e me sentia o homem mais feliz e afortunado do mundo. Todos os meus desejos pareciam se realizar e para que meu universo de felicidade se completasse só faltava uma criança me chamar de pai. Lucila parecia comungar com minha aspiração. Após oito meses de casamento, comecei a notar em Lucila uma irritação notoriamente visível. Questionada sobre a razão desta mudança de comportamento, respondeu-me estar grávida. Quase enlouqueci de tanta felicidade,

meu maior sonho iria se tornar realidade. Peguei-a no colo e a beijei com carinho e profundo amor. Não podia imaginar que o mesmo não acontecia com Lucila. Passou-se um mês. Certo dia, ao regressar do trabalho, encontrei-a acamada, pálida e fraca. Assustado, quis inteirar-me do que acontecera para deixá-la naquele estado.

— Perdi o bebê - respondeu-me.

Com o rosto entre as mãos chorei como uma criança, mas logo tentei acalmá-la dizendo que Deus enviaria outra criança para nos alegrar.

Lucila piorou. Sem demora levei-a ao hospital mais próximo onde, internada, recebeu o atendimento necessário, mas, apesar da habilidade do médico, seu estado piorou. Meu desespero era quase incontrolável.

— Senhor Horácio - disse-me o médico —, como foi permitir que sua esposa fizesse o aborto?

— Aborto?!

— Sim! É com mãos incapazes, curiosas, que matam sem escrúpulos. Seu estado é grave - completou.

Diante da minha perplexidade o doutor percebeu que de nada eu tinha conhecimento. Lucila pressentiu seu fim. Chamando-me disse-me com voz fraca, mas sem demonstrar nenhum arrependimento ou emoção:

— Não sofra, não chore nem se desespere Horácio; o filho não era seu!

Meu mundo desmoronou mais uma vez, levando com ele minha alegria, minha esperança e a minha fé na vida e em Deus. Quase num sussurro perguntei:

— Por quê, Lucila?

— Porque conheci outro homem e me apaixonei perdi-damente por ele.

— Em oito meses você deixou de me amar?

— Eu nunca fui apaixonada por você, Horácio; casei-me porque vi em você um porto seguro.

Naquele momento foi como se meu coração se petrificasse.

A revolta e o ódio se instalaram em mim, impedindo-me de sentir qualquer outro sentimento que não fosse o rancor. Lucila desencarnou e levou com ela qualquer possibilidade de vida em mim. Comecei a beber. Perdi o emprego, a dignidade e os amigos. Em uma das minhas insanidades alcoólicas, encaminharam-me para seu hospital, Dr. Rubens. Foi o senhor, com seu conhecimento médico e sua grande capacidade de compreender as fraquezas do próximo e amá-lo mesmo assim, quem me "adotou" como filho. Tratou-me como a uma criança perdida, mostrou-me o rumo a seguir; devolveu-me com sua generosidade a consciência de que necessitamos prosseguir mesmo, e principalmente, quando a dor nos visita. Ensinou-me que é nessa hora que damos testemunho de que nossa fé é real; que a presença de Deus em nós é verdadeira. Foi o senhor quem me mostrou tudo isso; quem me acompanhou e me reergueu no momento em que me faltou o estímulo. Voltei a trabalhar, reconquistei minha auto-estima e reconstruí minha vida. Dediquei-me a aprender o Evangelho de Cristo

e consegui ver a vida com olhos de esperança e otimismo. Sou-lhe muito grato por isso.

— Você se casou de novo?

— Não, Isabela. Após seis anos desse acontecimento, desencarnei por causa de um acidente de carro. Hoje sei o porquê de tudo o que me aconteceu e agradeço a Deus e ao querido Mestre Jesus ter permitido que eu tivesse um mestre como o irmão Jacob.

Rubens se emocionou.

— Não me agradeça Horácio, o mérito é todo seu. Tudo o que lhe disse estava intrínseco em seu ser.

— Mas foi o senhor quem me fez enxergar. Foi o senhor quem tirou de dentro de mim o que sufoquei com meu ódio. Enquanto muitos criticavam e me chamavam de bêbado, o senhor se apiedou de mim e auxiliou para que eu me reencontrasse.

— Bem - disse Fábio —, mais uma vez tomamos consciência do poder de Jesus em nossa vida, quando permitimos a entrada desse amor infinito no nosso coração.

— Obrigado, Horácio, fico feliz por ter de alguma forma colaborado com você no momento difícil pelo qual passou.

Rubens calou-se.

Diante do silêncio do pai, Isabela lhe perguntou:

— O que foi pai, ficou pensativo? Não se sente bem? Quer descansar?

— É que ainda não entendi por que minha esposa e meus outros filhos não vieram ainda me ver.

Foi Horácio quem respondeu:

— Meu amigo, nada acontece antes do momento certo.

As leis são respeitadas. Nosso querido Jacob se encarregará de tudo; as coisas na espiritualidade acontecem, não para satisfazer curiosidades, mas para trazer benefícios. Tenha calma e confiança. Nós vamos nos retirar, aproveite e se entregue à prece que nos acalma e equilibra.

Assim que Fábio, Isabela e Horácio se retiraram, Rubens ajoelhou-se em frente a um lindo quadro de Maria de Nazaré e orou:

— Graças vos dou. Mãe de Jesus, e ajoelhado aos vossos pés entrego meu coração agradecido pelas bênçãos recebidas durante a minha estada na vida física e agora que me encontro de volta à Pátria Espiritual. Curvo-me diante de vossa grandeza e, humilde, vos suplico, permita meu reencontro com aquela que foi minha companheira na vida terrena, assim como com meus dois filhos que com ela retornaram à casa do Senhor. Sinto meu espírito inquieto e ansioso, mas, se ainda não for o momento propício, aceito a vossa vontade como soberana e aguardo a hora do chamado como o menor de vossos filhos. Assim seja!

Todo o quarto estava inundado por uma luz violeta que envolvia Rubens e acalmava seu espírito.

RUBENS E JÚLIA

Rubens estudava o Evangelho, usufruindo da doce paz, reinante no parque arborizado e florido. O sussurrar da água descendo pela cascata convidava à meditação.

Dois meses se passaram desde o encontro com Isabela. Rubens aguardava com paciência a realização de seu sonho de se reencontrar com Júlia e os filhos, Francisco e Carlos.

Sabia, por meio de Fábio e Isabela, que na Terra todos os amigos estavam bem.

O Lar de Isabela a cada dia se firmava como um exemplo de amor e fraternidade, graças aos esforços de todos que ali trabalhavam especialmente Marília e Paulo.

Somente a saudade de Júlia e dos filhos perturbava ainda seu espírito.

— Posso me sentar?

Rubens olhou e esboçou um largo sorriso.

— Claro irmão Jacob, sua presença só me traz alegria.

— Tenho boas notícias para você.

— Quais?

— Vou levá-lo ao encontro de Júlia.

Rubens sentiu uma leve vertigem. Mal podia controlar sua emoção.

— Quando? - perguntou timidamente.

— Agora!

— Agora?!

— Sim. Por que não? A não ser que não queira ir.

— Não brinque comigo, irmão Jacob. Sabe que é meu sonho, desde que aqui cheguei encontrar Júlia.

— Se estiver preparado, podemos ir.

— Espere! Como ela está?

Jacob percebeu tremor e ansiedade em Rubens.

— É como eu pensava - exclamou. — É melhor que saiba a história de Júlia antes de encontrá-la; creio que assim manterá o equilíbrio para seu próprio benefício. Sente-se, vamos conversar.

Rubens, obedecendo, sentou-se e aguardou.

— Meu caro amigo - iniciou Jacob —, nem tudo ocorre da maneira que imaginamos. A cabeça de cada um responde à crença que cada um agasalha em seu ser. O que acreditamos ser verdade nem sempre é, e se não damos nenhuma chance a nós mesmos para que esta pseudo verdade se desmistifique, fechando nossos ouvidos às explicações que poderiam trazer a consciência de que estamos errados, caímos em um engano destrutivo e perigoso, que pode nos levar a anos

de sofrimento e amargura. Isto aconteceu com nossa querida irmã Júlia. O acidente que a trouxe com seus filhos de volta à casa espiritual seguiu apenas o curso natural do planejamento espiritual.

— Não consigo entender, irmão Jacob!

— Júlia, assim como Francisco e Carlos, foi logo socorrida e levada para o hospital Maria de Nazaré. Ficou adormecida por quatro meses. Assim que acordou, apesar de todo o acompanhamento necessário, desequilibrou-se e recusou qualquer auxílio. Sentia-se responsável pelo acidente; culpou-se de uma maneira tão severa que nada conseguia penetrar seu coração. Começou a sentir medo, principalmente de você, pois acreditava que iria castigá-la por ter matado seus filhos. Quis ir embora de nossa colônia e se perdeu vagando por muitos anos, tentando se punir por um mal de que não tinha culpa nenhuma. Entrou em demência profunda e mais parecia uma andarilha; sem rumo, sem destino, sem Deus.

Quando Isabela retornou, assim que tomou conhecimento do estado deplorável da mãe, e se sentiu capaz, solicitou permissão para acompanhar uma equipe socorrista e com ela foi a busca de Júlia.

Júlia não a reconheceu de imediato, mas, cansada, e tocada pela vibração terna e amorosa de Isabela, pediu ajuda. Foi recolhida e trazida novamente ao hospital onde começou um tratamento para fazê-la voltar à sua realidade. Tudo foi muito lento, respeitando o tempo de Júlia. Posteriormente reconheceu a filha e docilmente entregou-se ao amor de Jesus, aceitando com passividade todas as orientações, os passes que a fortaleciam, enfim, os medicamentos para recobrar seu equilíbrio.

Já estava fortalecida e em paz, quando soube do seu retorno. O antigo medo voltou. Estes meses todos Isabela e Fábio, assistidos pelo Dr. Danilo, querido irmão colaborador eficiente do hospital, cuidaram dela com dedicação e desvelo. Hoje ela se sente segura para encontrar você, mas é muito importante a maneira como você se comportará com ela.

— Eu a amo, irmão Jacob, e jamais a acusei de culpa alguma.

— Eu sei. Mas ela não sabe que em nenhum momento você a culpou. Quero apenas que não passe para ela nenhum sentimento de frustração ou qualquer outro que possa desencadear seu desequilíbrio novamente. Júlia é um espírito fraco, Rubens, e você já aprendeu a compreender as fragilidades e fraquezas dos outros.

— Mas porque se culpou tanto? Na perícia ficou provado que a culpa tinha sido toda do motorista do caminhão, que transitava na contramão. Ela não teve culpa de nada, foi uma vítima.

— Você sabe disso e nós também, Rubens. As mortes violentas trazem freqüentemente perturbações muito grandes para o espírito que é surpreendido com a separação inesperada. Júlia culpou-se da morte de Francisco e Carlos, foi a maneira que ela mesma encontrou de se punir. E por isso que devemos ter muito cuidado com nossas crenças, nosso cérebro sempre encontra um jeito de nos satisfazer

— Irmão Jacob, Francisco e Carlos, quando poderei estar com eles?

— Você poderá vê-los em outro corpo físico, Rubens, encontram-se reencarnados.

— Reencarnados?!

— Sim. Reencarnaram em um lar espírita; família simples, que tem como ideal de vida exercitar o amor fraternal. Moram em uma cidade pequena do interior de Santa Catarina e são novamente irmãos consangüíneos. Francisco hoje se chama Gabriel e está com quatro anos de idade; Carlos é Rafael e conta dois aninhos. Vivem felizes e levaram como proposta de vida uma importante tarefa social junto à comunidade de sua cidade.

— Entristeço-me por não poder estar com eles, vê-los mais uma vez como meus filhos, mas alegro-me pelo fato de terem conseguido nova oportunidade de se reencarnar, relativamente em um curto espaço de tempo e preparados para uma tarefa importante junto ao Evangelho de Jesus. Eles sofreram muito quando retornaram com Júlia?

— Não, Rubens. São dois espíritos esclarecidos, firmes em seus propósitos do bem e muito bem alicerçados na fé. Não tardaram a se equilibrar e a recordar o porquê de tudo acontecer daquela forma. Ficaram felizes por terem cumprido de maneira satisfatória a proposta daquela encarnação, que era auxiliar um grande e estimado amigo: você!

Jacob percebeu a expressão de Rubens e captou seu pensamento.

— Diga-me sem constrangimento, amigo, o que gostaria de saber?

— Ocorreu-me então que tudo era uma prova para mim e não para eles.

— É verdade. Alegro-me que tenha percebido sozinho.

— Mas e Júlia? Se ela também se propôs a me auxiliar, por que no retorno entrou em desequilíbrio?

— Júlia é um espírito bom, porém fraco. A atitude dela foi inesperada também para nós, ficamos surpresos. Ela mesma solicitou permissão para ajudá-lo nesta prova, antes de se reencarnar. Em uma encarnação passada foi sua mãe terrena e, por conta do grande amor que sentia por você, quis ajudá-lo a vencer suas más tendências, tendências essas que ela mesma alimentou com uma educação fraca e sem pulso. Não combateu os germes dos sentimentos mesquinhos que corroíam sua alma, e você muito errou. Por esta razão quis estar novamente com você e fazê-lo feliz dentro do amor e da sensatez, o que conseguiu, pois como marido e mulher viveram a felicidade plena.

— É verdade, fui muito feliz ao lado dela. Mas por que o desequilíbrio?

— Infelizmente, ao retornar Júlia, não entendeu e não aceitou a separação súbita, sofreu pela teimosia de não querer compreender. Culpou-se por infligir ao ser que amava tanto sofrimento, e a partir dessa crença entrou em demência. Por esta e outras razões, volto a dizer que é importante vigiar a nossa mente, o que agasalhamos dentro de nós, o que credi-tamos como verdade absoluta. Todos são passíveis de erro; por isso não se pode ser fanático nem radical demais.

— E como ela está agora?

— Feliz equilibrada e ansiosa por ver você.

— Explique-me o que deveria aprender para que me fosse imposta uma prova tão dura e penosa.

— Esta prova não lhe foi imposta, mas escolhida por você mesmo. Quis que seu coração se sensibilizasse pelas perdas. A partir de todo esse sofrimento seu coração se abriu para entender a razão da vida. Aprendeu a perder, a amar e a compreender as fraquezas humanas. Tomou consciência da importância da fraternidade; amparou e auxiliou quantos se aproximaram de você; tornou-se melhor e mais justo, enfim, fortaleceu seu espírito na fé e extirpou a semente do orgulho e do egoísmo e, sendo assim, pôde retornar como um vencedor.

— Falta-me apenas uma explicação!

— Pergunte!

— Isabela, minha doce e querida Isabela.

— Rubens, Isabela já esteve ao seu lado em outras encarnações e sempre se gostaram muito. É um espírito forte e vencedor. Por meio dessa força, ajudou-o a enxergar que sempre vale a pena viver; que nenhum sofrimento ou dor pode superar o amor de Deus. Criança ainda se viu presa em uma cadeira de rodas, mas, mesmo assim, mostrou-lhe a alegria e o otimismo. Ensinou-lhe que se pode ser feliz mesmo quando os sonhos não se realizam, porque a felicidade é um estado da alma.

— Realmente ela foi um anjo em minha vida. Julgava que era eu quem a amparava e na realidade era ela quem me ensinava a mágica do amor.

— Rubens, a humanidade sofre porque insiste em ido-latrar o poder e a riqueza; as conquistas e as aquisições materiais estão sempre em primeiro plano. Não consegue perceber os valores reais que se devem cultivar e insiste nos enganos que fatalmente nos levam ao sofrimento futuro.

— E quando isso mudará irmão Jacob?

— Quando o homem aprender a amar seu semelhante como Jesus amou e exemplificou. Quando aprender a respeitar a liberdade e a limitação do seu próximo, enfim, quando entender que a casa de Deus pertence a todas as criaturas e todos têm igualmente direito a um lugar ao sol. Mas o homem não quer compartilhar, dividir; ao contrário, acostumou-se tanto a enganar, a tirar vantagem em benefício próprio que o caminho de volta cada vez se distancia mais.

— Tem razão! Como sou feliz e agradeço a Deus por ter conseguido vencer.

— É, Rubens, ninguém consegue vencer se não se preparar e semear para isso, e a preparação se inicia conhecendo e praticando o Evangelho de Jesus.

Rubens sentia-se leve e em paz. Pensava em como tudo na espiritualidade é lógico, justo e planejado.

Jacob, tirando-o de suas reflexões, chamou-o para irem ao encontro de Júlia. Rubens seguiu-o.

Encerrava-se ali a trajetória de um espírito que fez da Terra sua escola de amor. Sofreu, amou, evoluiu. Aprendeu a se depurar por meio da vivência do amor; enxugou suas lágrimas nos lenços sedosos do amor; acreditou que ninguém se torna sensível ao sofrimento alheio se não vivê-lo; ninguém sabe a dor de uma lágrima se suas faces nunca foram molhadas por uma, enfim, ninguém sabe o valor da luz se não conhecer a sombra.

Este é o desfecho de uma história, de uma etapa na imensa trajetória de uma alma; mas também o início de um novo aprendizado para que a evolução se faça no infinito universo de Deus.

Necessário se faz compreender a importância do amor em todas as suas formas; da fé raciocinada e da ligação plena e verdadeira com Deus para que possamos promover a nossa reforma íntima que nos aproximará mais do Criador.

Não se deve ter apenas a aparência da piedade ou da bondade, mas ser realmente bom e piedoso. Nossa conduta deve ser coerente com o que se diz se prega se assim não for, será apenas um fingimento. Deus quer que seus filhos o adorem com sinceridade, do fundo do coração e fazendo todo o bem que se pode fazer.

Aquele que se vangloria de adorar o Cristo, mas que é orgulhoso invejoso e ciumento, que é duro e implacável para com os outros ou ambicioso de bens mundanos, eu vos declaro que só tem a religião nos lábios e não no coração.

Deus que tudo vê dirá: aquele que conhece a verdade é cem vezes mais culpável do mal que faz do que o selvagem ignorante e será

tratado de maneira conseqüente, no dia do juízo. Se um cego vos derruba ao passar, vós o desculpais, mas se é um homem que enxerga bem, vós o censurais e com razão.

Os homens que se entregam à vida contemplativa, não fazendo nenhum mal e só pensando em Deus, não têm nenhum mérito aos Seus olhos, pois, se não fazem o mal, também não fazem o bem e são inúteis. Aliás, não fazer o bem já é um mal. Deus quer que se pense Nele, mas não que se pense apenas Nele, pois deu ao homem deveres a serem cumpridos na Terra. Aquele que se consome na meditação e na contemplação nada faz de meritório aos olhos de Deus, porque sua vida é toda pessoal e inútil para a humanidade. Deus lhe pedirá contas do bem que não se tenha feito.

Os cânticos não chegam a Deus senão pela porta do coração. (Livro dos Espíritos — Capítulo II — pergunta 654 e seguintes).

A VIDA PROSSEGUE...

Marília brincava com a netinha no jardim de sua casa. Marina, com apenas um aninho, respondia às demonstrações de carinho de sua avó. Esperta, alegre e saudável, era a alegria de Paulo e Marília.

Laís, ao se casar com Renato, optara em continuar morando com seus pais, fato que proporcionou a eles uma grande satisfação.

André fazia residência no hospital e, apesar da distância da cidade onde estava não ser tão grande, vinha pouco visitar os pais devido aos compromissos como médico residente.

Desde a desencarnação de Inês, vítima de um enfarto, Paulo e Marília sentiam-se um pouco sós em uma casa tão espaçosa, razão pela qual Laís e Renato preferiram ficar com eles.

Tudo era harmonia naquele lar que já havia experimentado o sofrimento, mas que continuara de pé, por conta do esforço e da fé existentes naquele casal.

Muitas vezes o desânimo tentara encobrir a disposição com que Paulo e Marília enfrentavam seu dia-a-dia, mas baseados nos esclarecimentos recebidos de Rubens, esforçavam-se para não acrescentar mais problemas aos que já existiam, e logo retomavam a disposição e o ânimo para enfrentá-los.

Aprenderam que não se deve acrescentar mais miséria à miséria já existente e que a pior de todas elas é a miséria espiritual, é o coração vazio de fé, pela ausência de Deus.

Continuava com seu trabalho social no Lar de Isabela, que a cada dia acrescentava mais luz na sua grande fraternidade.

Marília, durante esses anos, enfrentara duas cirurgias, mas, se seu corpo físico se enfraquecia, sua alma mais e mais se fortalecia pela caridade que aprendera a exercitar.

Soubera pelas cartas de Laura, que chegavam regularmente, que Marcos se formara técnico em computação e estava de casamento marcado com Priscila, moça que, segundo Laura, dava demonstrações de ótimo caráter, o que deixava Laura e Pedro felizes com a escolha do filho.

Muitas vezes Marília em suas reflexões revivia seu passado, todos os acontecimentos que lhe trouxeram dor e que tanto ela quanto Paulo haviam enfrentado. Percebia que na superação desses fatos ruins e conflitantes sempre fora o amor a mola mestra que os impulsionara para as soluções acertadas.

Lembrava-se sempre do querido amigo Rubens, que tanta importância tivera em sua vida. A cada pensamento enviava vibração de carinho e agradecimento por todo o bem que tinha feito, tanto para ela quanto para toda a sua família.

— Querido amigo - pensava -, foi uma grande bênção ter convivido com você, aprendido com você há valorizar cada minuto vivido e ser feliz pelo simples fato de poder respirar. Que Jesus o abençoe na sua caminhada espiritual que, acredito eu, deve estar sendo de glórias.

— Mãe! Mãe! - exclamou Laís.

— Que foi filha?

— Há tempos estou chamando e a senhora não responde, estava tão absorta.

— É que Marina adormeceu em meu colo e entreguei-me aos meus pensamentos. O que deseja Laís?

— Nada, mãe. É que vim ver como estava Marina, só isso. Já que ela dormiu, vou colocá-la no berço.

— É melhor mesmo, filha, ela dormirá mais confortável.

Laís entrou, carregando a filha no colo.

Marília também resolvera entrar quando foi surpreendida por uma voz sofrida que a chamava no portão de sua casa.

Aproximou-se e educadamente perguntou:

— Eu a conheço?

— Não, Dona Marília, mas eu a conheço.

— Em que posso ajudá-la?

— Posso entrar?

Dizendo isso, percebeu o ar indeciso de Marília e complementou:

— Não tenha receio, não vim para fazer-lhe mal algum, ao contrário, vim pedir-lhe ajuda. Moro a três quadras daqui e estou passando pelo pior momento da minha vida. Total desespero! Sei que somente a senhora poderá entender o meu

sofrimento e me ajudar.

Marília enterneceu-se com a visível angústia estampada no rosto e nos olhos tristes daquela mulher. Abriu o portão e a convidou a entrar. Sentaram-se no mesmo banco no qual momentos antes brincava com sua netinha.

— Qual o seu nome?

— Iolanda!

— Em que posso ajudá-la, Iolanda?

— Dona Marília...

— Marília! Por favor.

— Está bem, Marília - repetiu. — Estou vivendo, como já disse o pior momento da minha vida, o fundo do poço, como todos dizem, e não vejo a tão famosa luz no final do túnel.

— Mas o que aconteceu de tão grave assim?

— Perdi meu filho! - exclamou quase gritando. — E não posso aceitar isso. Ele era tão jovem, tão cheio de vida, de esperança, de ideais, e morrer assim, de uma maneira tão brutal, sem nenhuma razão.

Por segundos Marília se ausentou e viu a si própria quando se separou de Fábio. O mesmo desespero, a mesma revolta, a mesma angústia e a mesma falta de fé.

"A situação se repete", pensou. Movida pela força dos sentimentos que assaltaram seu coração naquela época, e compreendendo toda a dor, todo o redemoinho que com certeza estava aprisionando o coração daquela pobre mulher, condeu-se ainda mais de Iolanda, pois pôde se identificar com ela e compreender ainda mais a dor que ela estava sentindo.

Notou uma leve brisa envolvê-la e foi como se uma voz amiga lhe dissesse em um sussurro: "Marília, ajude-a a sair desse desespero,

mostre-lhe a única forma de encontrar novamente a esperança e a fé; fale-lhe do amor de Deus e da necessidade de redescobrir a vida em meio à tristeza que a está sufocando. Você conseguiu, auxilie para que ela consiga também. Todos um dia sofrerão a dor da separação, mostre-lhe como passar por essa dor e sair ileso, sem colocar ranço e mofo no coração."

Voltando à realidade, Marília segurou as mãos de Iolanda com carinho maternal.

— Ele estava doente?

— Não, foi brutalmente assassinado por um assaltante que reduziu o valor de sua vida a um par de. Eu sei que você também passou por este sofrimento, perdeu um filho. Diga-me, pelo amor de Deus, o que fez para continuar vivendo?

Marília respirou fundo. Não queria que sua ferida san-grasse novamente.

Pensou em Jesus e respondeu:

— Aprendi com um grande amigo que jamais devemos acrescentar mais sofrimento ao nosso sofrimento. Que, se fechamos o coração para todas as possibilidades de superação dessa dor, dificilmente nos livraremos dela. Aprendi que não era a única a sofrer no mundo, que existiam mães que já haviam

se separado de dois ou três filhos, e que se confiasse em Deus, na Sua sabedoria e justiça, se me entregasse ao amor para com ela enxugar as minhas lágrimas, poderia encontrar, senão a felicidade antiga, pelo menos a paz que se pode ter quando sofremos com Jesus.

Iolanda se entregava às palavras de Marília como um náufrago se apega a uma tábua de salvação. Com voz mais contida disse:

— Mas, Marília, eu sou mãe!

— Eu sei. Eu também sou e sobrevivi a este vendaval, outras mães também sobreviveram. Demorei, mas aprendi que se pode viver apesar da dor que nos sufoca. Gostaria que você não demorasse tanto como eu demorei, a perceber a presença de Deus em sua vida, principalmente nesta situação de angústia. Lembre-se de que você sofre a separação de um filho digno e bom, mas a mãe daquele que levemente tirou a vida do seu filho sofre tanto quanto você e ainda com o agravante de saber da maldade, da leviandade, da imprudência e mesmo da insanidade espiritual do coração do seu filho. Sofre por perceber a completa ausência de amor e de Deus naquele ser que saiu de suas entranhas. Por isso, Iolanda, não alimente sentimentos de vingança, a reação vem por si só.

Iolanda continuava pensativa.

— Iolanda, no Evangelho Segundo o Espiritismo, Capítulo V - item 19, nós encontramos a saída para nossas aflições:

Um só remédio é infalível para aqueles que estão atravessando males cruciantes: a fé, o olhar para o céu. Se no acesso dos vossos mais cruéis sofrimentos, vossa voz cantar ao Senhor, o anjo à vossa cabeceira, de sua mão vos mostrará o sinal de salvação e o lugar que deveis ocupar um dia...

É a fé o remédio certo do sofrimento; ela mostra sempre os horizontes do infinito, diante dos quais se apagam os poucos dias sombrios do presente. Não vos pergunteis mais, pois, qual o remédio é preciso empregar para curar tal úlcera ou tal chaga, tal tentação ou tal prova; recordai que aquele que crê é forte pelo remédio da fé. E aquele que duvida um segundo da sua eficácia, é logo punido, porque experimenta no mesmo instante as pungentes angústias da aflição.

— Marília, como suas palavras me acalmam! É como se eu conseguisse ver, fraca, mas existente a luz do fim do túnel.

— Que bom, Iolanda, poder ajudá-la neste momento. É importante que saiba que nada vai desaparecendo como em um passe de mágica. Esta luz fraca vai aumentando, brilhando e se tornando forte gradativamente, a cada dia, a partir do momento que você quiser acalmar sua dor e se entregar ao amor de Deus, se esforçando para compreender Seus desígnios.

A nossa alegria é saber que nenhum sofrimento é eterno, e não dura um só dia a mais que o necessário; um dia ele adormece e conseguimos nos sentir felizes novamente.

— Você é realmente tudo aquilo que as pessoas falam de você, amiga e fraterna. É realmente uma pessoa especial.

— Você está exagerando, Iolanda. Posso ser um pouco melhor do que fui tempos atrás; apenas tento passar para você o que meu grande amigo me ensinou no meu momento de desespero: sem amor não existe paz. Tudo o que aprendemos devemos compartilhar com o nosso próximo e não trancafiar o que sabemos em nosso coração, impedindo

que o semelhante tenha acesso à informação edificante e, conseqüentemente, diminuindo-lhe a chance de renovação.

— Obrigada, Marília, sinto-me em condições de refletir em tudo o que me disse.

— Faça isso, reflita! E lembre-se de que a distância não existe para aqueles que amam. Seu filho continua amando você e espera prosseguir recebendo o mesmo amor e carinho com os quais você o criou. Este amor chegará até ele como um bálsamo, aliviando a saudade e estimulando sua estrada de evolução.

— Posso lhe fazer uma pergunta?

— Claro!

— Teria algum inconveniente se eu me tornasse uma voluntária no Lar de Isabela que você dirige?

— Nenhum Iolanda, ao contrário, iria lhe fazer muito bem e traria uma grande alegria para todos nós. Apareça por lá um dia, assim tomará conhecimento do trabalho que fazemos. Inicie no dia que quiser e se sentir preparada para assumir esta tarefa. Será muito útil, creia.

— Eu vou pensar em tudo o que você me disse, e se Deus quiser conseguirei sair da auto-compaixão, do papel de vítima, de sofredora.

— Isso mesmo, Iolanda, você conseguirá. Transforme seu sofrimento na alegria de muitos irmãozinhos que necessitam. Guarde seu filho no lugar mais nobre de seu coração, deixe o amor que sente por ele existir sempre, sem anular o amor que pode sentir pelo seu semelhante. Verá como a paz retornará ao seu coração e à sua vida.

Delicadamente, Marília perguntou:

— Aceita um café, um suco?

— Não, obrigada. O a que vim buscar você me deu: o ombro amigo e a palavra de incentivo que me faltavam. Bem, eu já vou indo, minha amiga. Posso chamá-la de amiga?

— Claro, Iolanda, isto só me alegra, ganhar uma nova amiga!

Despediram-se.

Marília olhou aquela mulher se afastando, ombros levemente curvados pelo peso da dor e pensava em como nossa vida é cíclica. Tudo que recebemos podemos dar de volta se nossos olhos enxergarem, nossos ouvidos ouvirem e nosso coração se abrir para o amor fraternal. Esta capacidade todos nós possuímos, mas às vezes nós mesmos não sabemos.

Com o bem-estar que só sentem aqueles que têm puro o coração, Marília entrou feliz por ter sido útil a alguém.

Dirigiu-se ao quarto de Marina e olhou-a ternamente adormecida em seu berço.

— Querida netinha, que você aprenda que nossa vida está sempre borbulhando, criamos situações e nem sempre as resolvemos a contento, mas o que jamais poderá faltar em nosso coração é a fé no Criador e a certeza de que um dia

retornaremos para a casa do Pai que está no Céu, e nesse retorno levaremos somente as nossa obras, nossos sentimentos e o que

fizemos da oportunidade concedida por Deus para evoluirmos em direção à plenitude do amor.

Devemos viver cada dia como se fosse o último, fazendo todo o bem que se pode fazer.

PALAVRAS DA MÉDIUM

A grande sabedoria de Deus se faz presente em todas as situações da nossa vida, muito embora todos nós nos sintamos e julguemos estar sozinhos quando nosso coração é atingido pela flecha da dor.

Nem sempre percebemos as possibilidades que se apresentam em nossa vida para a superação deste sofrimento, porque nos acostumamos a olhar somente para nós mesmos, esquecendo que o auxílio pode vir, não raro, por meio de um aperto de mão.

Nunca estamos sós, senão vejamos: você leitor que se entregou ao deleite desse livro e eu, que durante um certo tempo o escrevi ao lado do grande amigo Irmão Ivo, pro-vavelmente nascemos em dia, hora e lugar diferentes, mas nos envolvemos nesta leitura, vivendo a mesma emoção e talvez a mesma identificação com a narrativa tão consoladora deste Espírito amigo. De alguma maneira fazemos parte

dessa energia e não deixa de ser um encontro, o encontro do desejo único de aprender a viver com equilíbrio.

Qual a razão?

Talvez seja a ânsia de encontrar um motivo para viver quando a dor nos sufoca, ou recuperar a esperança perdida, ou mesmo e principalmente aprender a exercitar o sentimento maior do amor.

Amor!

Que sentimento mágico é este que une as pessoas seca as lágrimas e renova nossa alma.

Se aprendemos por meio de todos os ensinamentos e exemplos deixados por Jesus que somente o amor transforma o homem e que nele abre caminho para a conquista espiritual, por que é tão difícil vivê-lo?

Será por medo, fraqueza ou egoísmo?

Relutamos tanto em amar o próximo porque dizemos não conhecê-lo, entretanto somos filhos do mesmo Pai que está no Céu.

Afundamos no desespero por não termos coragem de enfrentar a dor e acalmá-la com a força da fé. Não raro preferimos a mentira, a ilusão e os enganos porque eles nos proporcionam a vã felicidade e, no entanto, esta mesma felicidade se esvai ao primeiro sopro da decepção.

Não estamos acostumados a perder; queremos sempre ganhar e muitas vezes não nos importamos com os caminhos que nos trazem esta vitória. Nada queremos repartir, e nossa fé em Deus é forte e indestrutível quando nada vem abalar o nosso sossego, a nossa saúde

e a nossa condição social - percebem como tudo é nosso. — Aí sim ostentamos a aparência de piedoso, fraterno e dizemos contritos: "Seja feita a vossa vontade. Senhor, assim na Terra como no Céu".

Mas, se a vontade de Deus for contrária à nossa e a Ele apraz tirar do nosso lado o ser que amamos, nossa fé se desmorona como uma casa edificada na areia e, para nós, Deus passa a não existir.

Por que somos assim?

Porque somos homens comuns que viemos à Terra, não para passear, mas para aprender; aprender a amar e não ser amado. Viemos para depurar nosso espírito, evoluir e alcançar o Céu.

Pode ser que você, leitor amigo, não conheça nada do que seja uma separação. Ela dói, machuca e sangra. Rasga nosso coração como uma lâmina afiada, causa-nos a dor mais profunda que um ser humano pode agüentar, mas também é verdade que o amor de Deus por nós encobre esta dor, nos acolhe e nos agasalha; ampara-nos e levanta-nos dando-nos condições de prosseguir e ostentar um sorriso nos lábios, que no início se mostra tímido, mas com o coração abrigando Jesus ele se torna franco, aberto e por que não feliz.

Quantas possibilidades existem de enxugar nossas lá-grimas, e em todas elas o agente principal é o amor, mas também em quantas delas nos negamos a enxergar e continuamos na auto-piedade.

Deus não impõe a seus filhos nenhuma prova que seus ombros não possam suportar e nenhum sofrimento sem causa justa. É na hora da dor que devemos abaixar nossa cabeça e dizer: "seja feita a vossa vontade, assim na Terra como no Céu".

É hora de começarmos a pensar na importância de se propagar o bem, não dar tanta ênfase ao mal e se conscientizar de que não se chega ao Pai senão pelo caminho do amor.

O amor é verdade!

O amor é esperança!

O amor é a paz que tanto a humanidade almeja!

Os nossos sentidos possuem outras funções que não as que estamos acostumados a usar, ou seja, olhar o próximo... falar com o próximo e amparar o próximo com mãos laboriosas e fraternas.

Viver é ser!

A vida é o bem mais precioso que o Criador concede a todas as criaturas, por isso não devemos apagar a chama de amor fraternal que nos leva à vida, pois somente por meio da fraternidade haverá a união dos povos.

É necessário estar em harmonia com as leis divinas.

Deus coloca em abundância tudo o que precisamos para evoluir, até o sofrimento. É necessário primeiro curar a alma para depois curar o corpo físico.

É importante aprender a fazer a terapia do amor, usar as mãos como ferramentas que constroem e salvam aqueles que se encontram perdidos.

Necessário se faz prestar atenção para não mutilarmos nossa alma permitindo que o desamor se apodere dela; estar sempre atentos para melhorar como pessoas humanas que somos empregando todos

os esforços para compreender os desígnios divinos e aceitar as dores e aflições que não podemos mudar.

A vida é responsabilidade exclusivamente nossa; nossos erros e acertos, nosso equilíbrio, saúde e felicidade estão diretamente ligados ao que abrigamos em nosso coração.

Querer a felicidade é lutar com dignidade cristã para conseguí-la; é tentar sempre mais uma vez, mas tentar... tente, e conquiste o amor que eleva e nos faz feliz.

Sônia Tozzi

FIM